UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

INFINITE PAST, INFINITE FUTURE
EXPERIÊNCIAS DA HISTÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS

Bruno Franco Medeiros

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Profª. Drª. Iris Kantor

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M488i

Medeiros, Bruno Franco
Infinite Past, Infinite Future: experiências da história nos Estados Unidos / Bruno Franco Medeiros ; orientadora Iris Kantor. - São Paulo, 2016.
119 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. CH781. I. Kantor, Iris, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo apoio financeiro durante grande parte da pesquisa que originou a tese de doutorado. Este apoio foi possível com a bolsa de doutorado no país e também com a Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE-Fapesp), durante a minha estadia em Stanford.

À minha orientadora, Profª. Drª. Iris Kantor, pelo apoio, amor, compreensão e orientação durante oito anos de trabalho coletivo.

Aos meus ex-alunos da UFOP.

À minha família.

Ao Eric.

RESUMO

Nesta tese de doutorado tentamos compreender como a experiência da história e do tempo nos Estados Unidos deu origem a uma cultura histórica singular e distinta, se comparada com outras experiências da história e do tempo em outros contextos nacionais do Ocidente. Neste sentido, se no âmbito da história política e disciplinar, desde o século XIX, existe uma valorização de determinados eventos consagrados – a Revolução Americana, os pais fundadores, por exemplo – por outro lado, alguns eventos e grupos sociais foram negligenciados por aquelas macronarrativas. Entretanto, tais eventos e grupos sociais permanecem como aquilo que poderíamos chamar de *presença do passado no presente*.

Palavras-Chave: História dos Estados Unidos, Experiência do Tempo, conceito moderno de história, leituras do passado colonial.

ABSTRACT

In this Ph.D. Thesis we attempt to understand how the experience of history and time in the United States originated a singular and unique historical culture, if we compare with the others experiences of history and time developed in different national contexts in the Western World. Since the beginning of the 19th century, the realm of political history and disciplinary history started to shed more light over some established events and social groups – such as the American Revolution and the founding fathers. On the other hand, some important social groups and events had been neglected since then over a macro narrative that overshadow them. However, such neglected events and social groups that had been silenced since then still persist as we could call *the presence of the past in the present*.

Key Words: American History, Experience of Time, Modern Concept of History, Readings of Colonial Past.

SUMÁRIO

Introdução
The past is not even past: a presença do passado na história dos Estados Unidos.....5

Parte I – Pessimismo

Capítulo 1
Have you seen me? Narrativa histórica como recompensa de resgate……...14

Capítulo 2
The Man in the Moon: esperança lunar, violência na Terra…….67

Parte II – Otimismo

Capítulo 3
Otimismo, cataclismas e trauma: ilusão ficcional como esperança histórica…….85

Conclusão
Horizonte histórico como reparação: passado, presente e futuro dos Estados Unidos.....*92*

Fontes e Bibliografia.....101

Introdução

The Past is not Even Past: a presença do passado na história dos Estados Unidos

Em conversa com Seyla Benhabib como parte de uma série de entrevistas com vários filósofos sobre diversos temas contemporâneos denominada *The Stone* e promovida pelo *The New York Times*, George Yancy, professor de filosofia na Emory University, dirige à Benhabib a seguinte questão: " "How do you see the importance of the public sphere as a site for critically discussing issues regarding the persistence and reality of race in America?" Benhabib inicia sua resposta relembrando que a entrevista acontecia imediatamente após o tiroteio em South Carolina. Isso aconteceu em 17 de junho de 2015, quando um homem branco e armado atirou em 9 nove Afro-Americanos enquanto eles estavam se reunindo em uma celebração religiosa em uma igreja em Charleston. Em seguida, ela relembra que eventos como aquele levantaram os mais significativos debates sobre simbolismo racial na esfera pública norte-americana. Então ela conclui: "We have all been reminded of the *presence of the past*, and to paraphrase William Faulkner, 'The past is never dead. It's not even past'" [1].

A questão debatida por Yancy e Benhabib reafirma a persistência e realidade de questões raciais no interior da sociedade Americana. Certamente, ninguém questionaria a existência do problema racial e a morte diária de vários afro-americanos nos Estados Unidos, principalmente porque ele está exposto em noticiários e jornais todos os dias. Entretanto, o que pensamos ser a principal contribuição de Benhabib, mesmo que inconsciente é: precisamos enfrentar a questão racial na América contemporânea como um problema de natureza histórica. Somente assim poderemos compreender, não verdadeiramente, mas dignamente o que está acontecendo todos os dias com milhares de pessoas ao redor daquele país. Em outras palavras: para enfrentar aquela questão, precisamos enfrentar o passado americano. Contudo, esse esforço de ir ao passado norte-americano não se dá a partir da tentativa de rastrear as origens desse e de outros problemas daquela sociedade mas, sim olhar para aquele passado em busca de momentos essências da história do país que nos ajudariam a compreender estes problemas não necessariamente como esquecidos ou apagados da memória nacional americana – precisamos nos esforçar para construir

[1] George Yancy and Seyla Benhabib. "Who Does Philosophy Speaks For?". In: *The New York Times*. October 29, 2015. On Line Version. Cf. http://opinionator.blogs.nytimes.com/2015/10/29/who-does-philosophy-speak-for/?_r=0 (Seen in October 31, 2015)

uma narrativa histórica que tome como ponto de partida e chegada a recuperação de momentos decisivos daquelas histórias que foram ignoradas e negligenciadas em favor de outra história: a história acadêmica, política, uma história dita oficial. Não queremos aqui redimir aquele passado completamente. Esta não é nossa pretensão. Mas ninguém poderia duvidar que, com aqueles problemas e metas em mente, poderíamos abrir uma possibilidade de compreensão para a seguinte questão: por que elementos do passado norte-americano ainda permanecem reclamando sua *presença* no presente.

Questões raciais na sociedade contemporânea dos Estados Unidos não são os únicos problemas não (ou mal) resolvidos do passado que ainda precisam ser respondidos. Nesta tese, tomamos o desafio de compreender como, desde o século XIX, uma narrativa histórica nacional e oficial norte-americana têm sido criada em detrimento de outras narrativas históricas que negligenciam e ignoram grupos, aspectos sociais e eventos do passado norte-americano. É claro que este não é um problema exclusivo dos Estados Unidos e, certamente, a comunidade Atlântico-Ocidental contemporânea precisa enfrentar esses espectros do passado de alguma maneira como consequência da escolha por um modelo performativo de compreensão do passado que teve origem com o nascimento do conceito moderno de história e da disciplina histórica, o historicismo, o mundo das revoluções pós-1789 e leituras consagradas do passado colonial americano. Entretanto, no caso norte-americano estadunidense, essas questões tiveram um destino peculiar. O conceito moderno de história e a disciplina histórica não foram capazes de unificar as 13 ex-colônias numa narrativa histórica homogênea. O historicismo nunca foi capaz de orientar a experiência da compreensão do passado norte-americano de forma tão fundadora como se deu alhures. A Revolução Americana não deu origem a uma nova ordem social e nem foi capaz de servir como o centro de convergência de toda a história do país em torno de um tema comum. Como resultado dessa excêntrica formação de sua formação histórica, os Estados Unidos foram condenados a buscar sua identidade histórico-nacional no futuro, ao invés do passado. As consequências dessa decisão são menos direcionadas pela ideia de progresso do que pela esperança de uma terra prometida dos escolhidos.

O surgimento de natureza do tempo histórico específico da Modernidade e a constituição da história enquanto uma disciplina na passagem do século XVIII para o próximo se constituíram como uma resposta à crescente dificuldade de se aprender

algo com a história. A compreensão do passado como um território fundamentalmente distante e distinto do presente apenas acirrou aquela possibilidade. Na cultura histórica moderna, não é mais o passado – e sim o futuro como progresso – o lugar onde se busca a ampliação dos modelos para atuação no presente [2]. Na cultura histórica norte-americana, nenhum texto poderia definir melhor essa constatação – excetuando, claro, a ideia de progresso – do que um dos textos fundadores do chamado romantismo norte-americano. Estas são as primeiras palavras de Ralph Waldo Emerson em seu clássico opúsculo intitulado *Nature*, de 1836

> Our age is retrospective. It builds the sepulchers of the fathers. It writes biographies, histories, and criticism. The foregoing generations beheld God and nature face to face; we, through their eyes. Why should not we also enjoy an original relation to the universe? Why should not we have a poetry and philosophy of insight and not of tradition, and a religion by revelation to us, and not the history of theirs? […] why should we grope among the dry bones of the past, or put the living generation into masquerade out of its faded wardrobe? The sun shines to-day also […].[3]

Quando Emerson escreveu *Nature*, todos os founding fathers já estavam mortos. Seu desprezo pelo passado, e particularmente pelo passado norte-americano, encontra seu reflexo político na ideia de excepcionalismo americano. É claro que o excepcionalismo sempre terá os pais fundadores como apoio politico em momentos de perdas referenciais. Mas sua mira é o futuro, não o passado. Isso porque o excepcionalismo americano, como uma religião, anseia pela chegada de uma nova terra prometida para os escolhidos [4]. E como sabemos, essa nova Jerusalém não se dará no passado nem no presente, mas sempre num tempo que está por vir. Além disso, se levarmos em consideração que *Nature* é um dos textos fundadores e mais consagrados do Romantismo Americano, isso apenas nos mostra como a experiência romântica nos Estados Unidos destoa de todos os outros contextos românticos – europeu e latino Americano – do mesmo período.

Na década de 1830 na França, historiadores como François Guizot e Augustin Thierry se esforçavam para construir uma narrativa histórica nacional francesa que só poderia existir a partir da reconstrução crítica do passado. Na América Latina, as

---

[2] Reinhart Koselleck. *Futuro Passado*.
[3] Ralph Waldo Emerson. *Nature*. New Edition. Boston & Cambridge: James Munroe & Company, 1849. (1836)
[4] Harold Bloom. *The American Religion*.

antigas colônias de Portugal e Espanha também precisavam lidar com suas respectivas histórias nacionais a partir de leituras do passado colonial que, de todo modo, não aconteciam sem disputas por versões daquele história. De todo modo, os nacionalismos e romantismos da Europa continental e da América Latina pareciam ser quase obrigados a lidar com o passado para a organização política dos Estados Nacionais que surgiram naquele século. Em grande medida, a Revolução Francesa e os processos de Independência latino-americanas representava ao mesmo tempo um desafio a ser interpretado na constituição de suas narrativas nacionais. Nos Estados Unidos, a questão era enfrentada de modo distinto.

Numa despretensiosa resenha sobre historiadores italianos publicada no 103th número da North American Review na primavera de 1839, seu autor dizia que desde seu aparente fim em 1815, a partir da restauração do trono na França, "a paz geral do mundo tem sido repetidamente ameaçada. Eventos de consequências extremas têm sido anunciados, os quais parecem possivelmente trazer à tona uma subversão total das coisas [...]". Entretanto, segue-se uma reflexão sobre as consequências da Revolução Americana e como ela se distancia da versão francesa: desde que as colônias inglesas da América do Norte se separaram do velho mundo, elas foram chamadas a constituir um mundo à parte por elas mesmas. A América foi uma afortunada por sua emancipação ter acontecido antes que as ex-colônias fossem obrigadas a se envolver "nos horrores da Revolução Francesa". Certamente, existia uma diferença de sentimentos e maneiras, visivelmente ampla, entre o velho e o novo mundo. A emancipação americana teria sido um evento esplêndido (*wonderful event*) em seu sucesso, imenso em seus resultados:

> Houve grande firmeza e unanimidade, mas pouca exasperação de facções. O assunto foi tratado entre duas nações de homens. Foi um jogo justo, um debate legítimo de certo e errado, algo como uma diferença nascendo entre irmãos quando da divisão da herança paterna. Nunca a liberdade foi comprada tão barata. [...] Desde aquele momento os céus têm sorrido incessantemente para a terra da liberdade. Das suas costas inacessíveis, a América tem observado o conflito de nações sofrendo no mar. Ela tem muito que aprender, muito que admirar, muito o que lamentar, mas nada a sofrer ou temer [5].

[5] Idem, p. 329-330. No original: There was much firmness and unanimity, but very little exasperation of factions. The whole matter was controverted and settled between two nations of men. It was a fair play, a legitimate debate of right and wrong, something like a difference arising between brothers at the division of the paternal inheritance. **Never was liberty purchased so cheaply; nowhere but in**

Entretanto, esse quadro sofre com algumas transformações essenciais a partir do surgimento de uma nova cultura histórica contemporânea, amparada numa nova natureza de experiência do tempo. Se antes o futuro era aberto a diversas possibilidades num contínuo quase infinito, o que em grande medida alimentou a ideia de progresso no século XIX e durante grande parte do século XX, a partir da segunda metade deste século começou a surgir uma nova experiência do tempo onde futuro deixa de ser um mundo ilimitado de boas possibilidades e passa a ser um lugar estreito e revestido de inseguranças e ameaçado pelas novas regras de um mundo do trabalho e pelo modelo de desenvolvimento mundial que tem sido acusado cada vez mais de ser o responsável por desastres ambientais incalculáveis.

Sendo assim, o estreitamento do futuro e uma invasão do passado no presente nos dias atuais torna impossível uma compreensão do passado norte-americano e sua narrativa histórica ainda baseada nos modelos tradicionais de escrita da história produzidos durante o século XIX e grande parte do século XX. Ao invés de uma narrativa histórica que constrói sua identidade no tempo, moldada a partir da ideia da história como um processo e regulada pela ideia de progresso, a nova experiência do tempo que começa a mostrar sua face nos últimos anos implica o surgimento de um presente alargado, o que produziria uma espécie de simultaneidade histórica.

Como já dissemos, a escolha pelo futuro em detrimento do passado acabou gerando uma série de controvérsias históricas sem uma solução final. Tais controvérsias se tornaram espectros, fantasmas de um passado que ainda clamam sua presença no presente. Poderíamos entender essa característica da presença do passado no presente a partir da categoria de *latência*, formulada por Hans Ulrich Gumbrecht. O autor define aquela categoria a partir do conceito de *Stimmung*, palavra alemã que significaria "uma atmosfera envolvente e um clima experienciado de modo subjetivo". Para Gumbrecht, "evocar a *Stimmung*" seria, em outras palavras, invocar determinadas atmosferas e climas (históricos) do passado, os quais nos "permite-nos ter a certeza retrospectiva de que alguma coisa negligenciada ou à qual não havíamos prestado atenção – ou mesmo algo perdido para sempre – teve impacto decisivo na

---

America could a liberty, so easily acquired, be so easily maintained. Since that time, Heaven has smiled incessantly on the land of the free. From her inaccessible shores, America has looked upon the conflict of nations periling at sea. She has had much to learn, much to admire, much to deplore, but nothing to fear or suffer. (p. 329-330)

nossa vida, em algum momento da história, e fez parte de cada presente que existe desde esse momento" [6].

Sendo assim, desenvolvo nesta tese uma imagem da cultura histórica dos Estados Unidos não apenas através da maneira como em determinados momentos a história do país foi escrita mas, também e principalmente, apresento uma leitura da cultura histórica norte-americana através de dois climas históricos – ou *Stimmung* – centrais para a sua compreensão. Tais *Stimmung* são – pessimismo e otimismo. A escolha da análise dos dados obtidos através da categoria de clima histórico nos permite acessar não apenas como a história poderia ser entendida dentro e principalmente fora de ambientes institucionais ligados à história mas, também, as experiências do tempo mobilizadas em espaços mais amplos de divulgação historiográfica. Lembrando: o recurso à *Stimmung*, atmosferas ou climas históricos que emergem em momentos específicos da história Americana geralmente nos permite trazer à luz temas negligenciados por uma narrativa histórica nacional cujo formato é uma história cronológica, processual e política da formação histórica dos Estados Unidos, de sua configuração política doméstica e externa e que encontra seu centro de convergência numa narrativa apologética, positiva e comemorativa da Revolução Americana e dos pais fundadores.

Pessimismo e Otimismo diante da história dividem a tese em duas partes distintas. Dentro de cada uma delas, tentamos analisar 4 outros sub-climas históricos (divididos entre as 2 partes), os quais organizam o formato da tese. No primeiro capítulo, procuramos demonstrar como os diagnósticos negativos dos dias atuais a respeito do futuro do planeta diante das catastróficas mudanças climáticas já se configuravam como uma ameaça desde o início do século XIX nos Estados Unidos. Ambos os contextos respondem à emergência de um clima de latência relacionado à ameaça de um futuro ameaçador. Uma das imagens que sempre são mobilizadas nesses contextos é a de um possível esgotamento da Terra e o consequente desaparecimento da espécie humana. De forma muito inaudita, veremos como esses temas se relacionam com as primeiras narrativas históricas formuladas no início da vida política independente dos Estados Unidos no início do século XIX. No segundo

---

[6] Hans Ulrich Gumbrecht. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 53-54. Do mesmo autor: *Atmosfera, ambiência e Stimmung*: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/PUC-Rio, 2014.

capítulo, tentamos demonstrar como viagens espaciais e as possível existência de uma civilização extra-terrestre sempre evocam questões relacionadas à violência americana e particularmente como essa violência é uma componente importante da história norte-americana, embora permaneça latente. Na segunda parte, tento demonstrar como momentos de profunda crise econômica nos Estados Unidos são respondidos com a criação de uma atmosfera e de um clima de felicidade, embora por outro lado eles também sempre evoquem metáforas de ameaças genealógicas e climáticas, como terremotos, enchentes, etc.

O desgaste da experiência do tempo histórico enquanto processo e a abertura para uma nova experiência do tempo baseada na ideia de simultaneidade nos ajuda a compreender, em certo sentido, porque determinados espectros do passado (e no caso específico deste texto, o passado norte-americano) ainda reclamam sua presença no presente. Segundo Berber Bervenage, "the way one deals with historical injustice and ethics of history is strongly dependente on the way one conceives of historical time". Para Bervenage, os conceitos de tempo tradicionalmente usados por historiadores seriam mais compatíveis com os perpetrators' than the victims' point of view. Nesse sentido, a relação temporal com a história defendida por Ralph Waldo Emerson antecipa a crítica nietzschiana aos usos e abusos do passado cometidos pelos historicistas no século XIX. Respondendo à amplamente difundida "consuming fever of history" daquele período, Nietzsche dizia que a história sempre deveria servir à vida e ao futuro: "to be able to live, humankind must abandon the hope for historical justice and must learn to forget" [7]. Sob a mesma dúvida da utilidade da história para a vida, Emerson se pergunta: "Why should we grope among the dry bones of the past?" A "consuming fever of history" cede lugar à "consuming fever of progress". Num olhar retrospectivo, o abandono de uma preocupação com o passado, com específicos momentos e temas do passado, não acontece sem perdas.

Em contraposição, a reclamação do passado por uma possível solução final em determinados presentes se aproxima da sensibilidade de Walter Benjamin para com a história. Benjamin "famously took an unreserved stance in favor of the innumerable victims of historical injustice still covered by the piling wreckage of the past". Além disso, através de uma "anamnestic solidarity" entre vivos e mortos, as gerações do presente não deveriam primordialmente focar somente no futuro mas principalmente

[7] Berber Bervenage. *History, Memory and State-Sponsored Violence*, Time and Justice. New York: Routledge, 2012. pp. 1-19.

"at the preceding generations in their striving for justice" [8]. Sendo assim, neste texto procuro demonstrar como em determinados momentos da história norte-americana essa presença do passado reclama sua atualidade. Isso significaria ler o Romantismo Americano a contrapelo, além de pensar a permanência do excepcionalismo não em termos de sua **fundamentação** mas, sim, em sua **dispersão**. Embora começamos a pensar esses problemas relativos à história norte-americana na primeira metade do século XIX, este texto não prioriza um período específico da história dos Estados Unidos – ele é um exercício de escrita baseado na ideia de simultaneidade histórica, anulando as fronteiras cronológicas, colocando muitas vezes numa mesma página escritores do século XVIII, XIX e XX discutindo um mesmo problema. O risco do anacronismo existe, mas seu caráter negativo talvez só faça sentido numa historiografia amparada na experiência moderna do conceito de história.

Por fim, gostaríamos de dizer que este não é um exercício de reflexão sobre a história do Imperialismo Americano. Ao invés disso, procuramos entender sua história a partir da ideia dos Estados Unidos enquanto *Inland Empire*: como pensar criticamente o caráter complexo da formação histórica moderna dos Estados Unidos para além da identidade horizontal, da comunidade imaginada promovida pela política norte-americana e que se constituiu entre os cidadãos norte-americanos (e aqueles que o desejam ser) nos últimos séculos? Que tipo de história, or story, os Americanos têm contado a si mesmos durante todo esse tempo ou, melhor dizendo: que história eles não estão nos contando? Acreditamos que somente uma leitura da história que vá em busca desses silêncios, daquilo que foi negligenciado, poderá desvelar não uma verdade presença do passado, mas uma presença do passado que faça jus à ideia de democracia americana. E, caso isso algum dia aconteça, talvez o passado e o presente possam se reconciliar um com o outro, salvando literalmente vidas de um eterno esquecimento e desaparecimento.

---

[8] Ibidem.

PARTE I

OTIMISMO

Capítulo 1

Have you seen me? Narrativa histórica como recompensa de resgate

> Passaram 41 dias desde que o corpo da garotinha foi encontrado nas praias de Deer Island dentro de um saco de lixo, vestida com uma legging de pontinhos e um coberto com estampa de zebra. Durante 41 dias, investigadores da polícia estadual encarregados desde caso tem quebrado suas cabeças numa tentativa de encontrar alguma coisa – qualquer coisa – que poderia concedê-los nem que fosse uma mínima ideia de quem era a garota então apelidada Baby Dow, ou onde procurar para revelar o mistério de sua morte [9]. (*The Boston Globe*, August 8, 2015)

> Um garoto de 6 anos que desapareceu após deixar sua casa no SoHo, Manhattan em direção à escolar na última sexta-feira de manhã foi objeto de uma busca de porta em porta ontem a tarde pela polícia e vizinhos. A polícia também solicitou helicópteros e cães de caça para as buscas [10]. (*The New York Times*, May 27, 1979)

Dentre as várias singularidades da cultura norte-americana, uma em particular sempre me chamou muito a atenção: a obsessão por pessoas desaparecidas. É claro que pessoas desaparecem todos os dias ao redor do mundo. Entretanto, é inegável que nenhum país celebra e transforma esse acontecimento de forma tão dramática e trágica no interior de sua cultura midiática como os Estados Unidos. Pessoas desaparecidas estão nos noticiários, em outdoors, em filmes, séries de TV, em textos literários e jornalísticos. Num artigo publicado recentemente na revista *The New Yorker*, a historiadora Jill Lepore tenta entender porque tantas crianças norte-americanas morrem de forma tão trágica e precoce em determinadas áreas degradadas de pequenas e grandes cidades na costa leste dos Estados Unidos. Mas para chegar a

---

[9] Evan Allen and Laura Crimaldi. "Inside the search to identify Deer Island Girl". In: *The Boston Globe*. August 8, 2015. Edição digital. No original: "It had been 41 days since the little girl's body was discovered on a Deer Island beach, inside a black garbage bag, clothed in polka-dot leggings and a zebra-striped blanket. For 41 days, the State Police investigators assigned to the case had been beating their heads to find something — anything — that could give them even a faint idea of who the girl dubbed Baby Doe was, or where to look to uncover the mystery of her Death".

[10] *The New York Times*, May 27, 1979. No original: "A 6-year old boy who disappeared after leaving his home in the SoHo area of Manhattan for school Friday morning was the object of a door-to-door search yesterday afternoon by the police and neighborhood residents. The police also called in helicopters and bloodhounds for the search

esse ponto, Lepore toma como ponto de partida o drama do desaparecimento. O artigo começa com a história da descoberta do corpo de uma menina em um saco de lixo nas areias de Deer Island, em Boston, em junho de 2015. Lepore narra as grandes dificuldades enfrentadas pelas autoridades na tentativa de descobrir a identidade daquela garota inocente, e porque ela teve um destino tão trágico. Sua descrição física não correspondia com a de nenhuma criança que constava no sistema de informações de desaparecidos. Em vista deste impasse, as autoridades resolveram gerar uma foto digitalmente e estampar seu rosto em outdoors ao redor de todo o estado de Boston com o seguinte texto: "Você me conhece? Por favor, diga meu nome para a polícia". Entre um número para ligação e outro para mensagem de texto, podíamos ler: "Você se lembra de mim? Então, por favor, avise à polícia!". Passado algum tempo, descobriu-se que o nome da garotinha era Bella Bond e as origens de seu destino trágico puderam finalmente ser rastreadas [11].

Lepore ainda relembra o famoso caso de Etan Patz, um garoto de 6 anos que desapareceu misteriosamente no dia 25 de maio 1979 no sul da ilha de Manhattan. O caso de Etan parece ter contribuído para a criação do movimento das crianças desaparecidas (*missing children movement*) que teria seu *boom* naquela década. Seu rosto foi o primeiro a ser estampado nacionalmente em caixas de leite. Embora isso já ocorresse desde a década de 1970 a nível local, a partir de então fotografias de crianças desaparecidas passaram a ser impressas em caixas de leite com a seguinte frase: *"Have you seen me?"*. Segundo Lepore, os números reivindicados na época se aproximavam da quantia de cinquenta mil crianças desaparecidas a cada ano, embora, segundo ela, o número real talvez não passasse de trezentas.

Números não-oficiais também contabilizam o desaparecimento de 2,300 pessoas por dia nos Estados Unidos. Se em 1980 quase 150mil pessoas desapareciam por ano, hoje a cifra alcança quase 1 milhão de pessoas, um salto considerado pelas autoridades particularmente devido ao aumento da população do país desde então. O perfil dos desaparecidos é marcado geralmente por pessoas – crianças, jovens, adultos – que foram sequestradas, além de indivíduos com problemas psiquiátricos, dependentes de drogas e álcool e cidadãos idosos que sofrem de demência. Este quadro fica mais triste quando constatado que poucos dos desaparecidos são

[11] Para maiores informações a respeito deste caso, conferir: Jill Lepore. "Baby Doe: a Political History of Tragedy". In: *The New Yorker,* February 1, 2016 Issue. O artigo completo pode ser lido neste link: http://www.newyorker.com/magazine/2016/02/01/baby-doe

encontrados. Um exemplo não oficial: de 70 crianças americanas desaparecidas que tiveram seus rostos estampados em caixas de leite desde a década de 1980, apenas uma foi encontrada viva. Geralmente, após a espera formal e o desespero das 24 horas do desaparecimento, iniciam-se as investigações sobre o ocorrido. Investigadores buscam, às vezes em vão, às vezes com sucesso, por pistas deixadas para trás. Entre desfechos felizes e tristes, a obsessão por pessoas desaparecidas não é algo recente na história americana. Suas raízes podem ser traçadas pelo menos desde as vésperas da Independência do país. Desde então, a angústia causada por pessoas desaparecidas e sua divulgação a nível local/nacional parece ser uma das mais importantes mobilizações sentimentais nacionais que agregam americanos em diversas partes do país.

Como afirmamos acimas, o caso de pessoas desaparecidas não é um tema exclusivamente do século XX. Sendo assim, gostaríamos de relembrar o desaparecimento de dois cidadãos norte-americanos em um espaço de aproximadamente 20 anos entre a passagem do século XVIII para o XIX. Em um dia agradável de outono em 1776, quando os Estados Unidos ainda era considerado apenas uma província da Grã-Bretanha, um homem que vivia nos arredores da cidade de Nova York decidiu se aventurar, junto com seu cachorro, nas partes mais altas de Catskill, uma cadeia de montanhas ao norte daquela província. Ele vivia numa vila muito antiga que havia sido fundada durante o período do último governador-geral holandês – Peter Stuyvesant – na antiga New Netherland, como era chamada Nova York na época da colonização holandesa. Em 1776, a vila ainda abrigava algumas casas construídas pelos primeiros colonos holandeses, com tijolos amarelos trazidos diretamente da Holanda. Entretanto, naquela tarde de outono de 1776 na pacata vila de origem colonial holandesa, um homem desapareceu. Se deixou pistas é algo que não nos é contado. Se gerou uma comoção geral entre seus conterrâneos, também não sabemos.

Pouco mais de vinte anos depois, temos notícia de que no outono de 1808 no hemisfério norte, um homem idoso se hospedava no Independent Columbia Hotel, na Mulberry Street na cidade de Nova York. Na bagagem, vários papéis e uma infinidade de livros. Passava os dias trancado em seu quarto, anotando, lendo e relendo suas anotações. Curiosa a respeito do comportamento daquele hóspede, a mulher do proprietário um dia lhe perguntou o que ele fazia com tantos papéis e livros. Ao que ele respondeu: “Estou em uma busca da imortalidade”. Ao ouvir sua resposta, a única

certeza que a esposa do proprietário do hotel teve era a de que o pobre senhor devia sofrer de alguma doença mental. Um dia ele saiu, como fazia costumeiramente. Mas nunca mais voltou. Passado algum tempo, o dono do hotel e sua mulher começaram a ficar preocupados. Foram até o quarto do hóspede para ver se conseguiam achar alguma informação ou pista que os ajudasse a encontra-lo, particularmente porque, durante todo o tempo em que ele havia estado no hotel, nenhuma diária havia sido creditada. Dentre os seus papéis, encontraram um volumoso manuscrito. Chamaram o bibliotecário da cidade para avaliar a se aquele texto tinha alguma importância. Ele os aconselhou a apresentarem o manuscrito para algum livreiro, pois a renda obtida com a sua venda poderia sanar ao menos parte da dívida do hóspede.

No dia 26 de outubro de 1809, o proprietário do hotel publicou uma nota no *New York Evening Post*, a qual alertava para o desaparecimento recente de um senhor que portava um velho casaco preto e um chapéu bicorne, cujo nome era Knickerbocker. Alertava também que havia várias razões para acreditar que aquele homem tinha algum grau de insanidade mental. A nota pedia para que qualquer pessoa que tivesse informações a respeito do homem com aquelas características, que as enviasse ao hotel ou ao escritório do jornal. No dia 6 de novembro daquele mesmo ano, o mesmo jornal publicava uma nota de um viajante que teria visto um homem de nome Knickerbocker, com a aparência descrita, carregando alguns livros na mão, perto da estrada que dava acesso à cidade de Albany, capital do Estado de Nova York desde 1797. Ao saber que Diedrich Knickerbocker poderia estar vivo, o proprietário do Hotel publicou outra nota no jornal, na qual dizia que "um livro de tipo muito curioso", escrito pelo próprio Knickerbocker, havia sido encontrado em seu quarto. O proprietário pedia que, caso Knickerbocker ainda estivesse vivo, que ele se manifestasse. Caso contrário, publicaria o seu manuscrito para saldar as dívidas da hospedagem. No dia 26 de novembro, uma notícia literária era publicada no Evening Post. O proprietário do hotel havia vendido o manuscrito para um dos mais importantes livreiros da cidade de Nova York. Através da notícia literária, sabemos que o manuscrito era uma narrativa histórica: "Inskeep and Bradford tem no prelo, e publicará em breve a *História de Nova York*, em dois volumes duodécimo, ao preço de três dólares".

***

No dia 6 de dezembro de 1809, Washington Irving publicava uma de suas obras literárias mais famosas – *História de Nova York: do início do mundo até o fim*

da dinastia holandesa. Com aquilo que hoje poderíamos chamar de uma excelente estratégia de marketing, Irving "plantou na imprensa" nova-iorquina uma série de notícias sobre o desaparecimento do historiador Diedrich Knickerbocker, um de seus principais pseudônimos. Nascia ali um dos símbolos daquela cidade. Nascia também uma história fictícia escrita por um historiador fictício. Por meio de uma série de dispositivos retirados de métodos críticos eruditos, Irving brincava com o aparato da erudição histórica para narrar uma história da colonização dos Estados Unidos (e da América) utilizando como ponto de partida a história de Nova York. Até então, o estado era o único que não tinha uma narrativa histórica própria, como já vinha ocorrendo com as outras 12 ex-colônias britânicas. Knickerbocker não seria o primeiro nem o último pseudônimo utilizado por Irving. Além dele, Geoffrey Crayon, seria um dos mais celebrados nas penas do autor. Crayon foi o pseudônimo escolhido por Irving para figurar como o autor de seu primeiro sucesso internacional: *The Sketch Books*, um livro de contos, lendas e costumes americanos e ingleses escrito na Inglaterra mas cujo primeiro e segundo volumes foram publicados na América em 1819 e 1819, respectivamente.

O homem que desapareceu no outono de 1776 é Rip Van Winckle, um dos personagens mais famosos da literatura norte-americana. Seu nome dá título a uma das histórias escritas por Irving durante sua estadia na Inglaterra desde 1815 e faz parte da série de contos que compõem o *Sketch Book*. Neste livro, Knickerbocker e Geoffrey Crayon se encontram. *Rip Van Winckle* começa com a seguinte nota escrita por Crayon:

> O conto a seguir foi encontrado entre os papéis do tardio Diedrich Knickerbocker, um velho cavalheiro de Nova York, o qual é muito curioso a respeito aa história holandesa da província, e dos costumes dos descendentes dos primeiros colonos. Suas pesquisas históricas, contudo, não se baseiam em grande medida em livros, mas em homens; porque aqueles são lamentavelmente escassos em seus tópicos favoritos, enquanto ele encontra nos velhos burgos, e mais ainda em suas esposas, muitas riquezas de conhecimentos lendários, tão valiosos para a verdadeira história.
> O resultado de todas aquelas pesquisas foi a história da província durante o reinado dos governadores holandeses, a qual ele publicou alguns anos atrás. [...] Seu principal mérito é sua exatidão minuciosa, a qual de fato foi um pouco questionada quando de seu primeiro aparecimento mas tem sido desde então completamente aceita; agora ela é admitida dentre todas as coleções históricas como um livro de inquestionável autoridade [12].

---

[12] Washington Irving. "Rip Van Winkle". In: *The Sketch Book of Geoffrey Crayon*. In Two Volumes. Volume I. Seventh American Edition. Philadelphia: Carey & Lea, 1831, p. 44. No original: "The following Tale was found among the papers of the late Diedrich Knickerbocker, an old gentleman of New York, who was very curious in the Dutch History of the province, and the manners of the descendants from its primitive settlers. His historical researches, however, did not lie so much among

Sobre a maneira como Diedrich Knickerbocker escrevia história, falaremos mais tarde. Por enquanto, basta nos deter por uns instantes na história de Rip Van Winckle e seu desaparecimento. O enredo do conto *Rip Van Winckle* pode ser dito resumidamente da seguinte forma: em um dia como outro qualquer, Rip resolve partir para uma caminhada nas montanhas Catskill com seu cachorro de estimação – cujo nome é Wolf. Como nos é informado ao fim do conto, a data mais provável de seu desaparecimento se deu às vésperas da independência dos Estados Unidos, em 1776. Quando estava perto de escurecer, ele resolveu voltar para casa mas seria interrompido por uma voz fantasmagórica chamando por seu nome. Knickerbocker afirma que a pessoa que o invoca seria o fantasma de Henry Hudson. Hudson oferece um licor para Van Winckle, o qual o faz cair em um sono profundo. O que para Van Winckle foi apenas uma noite de sono, no tempo regular da vida na terra foram aproximadamente 20 anos. Mas Rip só teria conhecimento do quanto tempo ele realmente havia ficado fora de casa quando retorna para sua antiga vila. Nesse momento, Irving descreve a passagem do tempo da seguinte forma:

> À medida que ele se aproximava da vila ele encontrou uma série de pessoas, das quais ele não conhecia ninguém – o que de fato foi uma surpresa para ele pois ele pensava ter conhecimento de cada um dos habitantes daquele local. Suas vestimentas, também, eram de um estilo diferente daquele com o qual ele estava acostumado. Todos o encaravam com igual grau de surpresa. E toda vez que alguém o via passar eles passavam a mão no queixo [como tentando entender quem era aquela pessoa]. Este gesto recorrente induziu Rip, involuntariamente, a fazer o mesmo. Ao que ele constatou, com grande espanto, que sua barba havia crescido 30 centímetros [13].

Tudo havia mudado: a vila agora era maior e mais populosa. Uma fileira de novas residências foram estabelecidas, enquanto outras que lhe eram familiares desapareceram. Nomes desconhecidos nas portas, rostos desconhecidos nas janelas. Para Rip, "tudo estava muito estranho". Tão estranho que ele chegou ao ponto de

---

books, as among men; for the former are lamentably scanty on his favourite topics; whereas he found the old burghers, and still more, their wives, rich in that legendary lore, so invaluable to true history.
The result of all these researches was a history of the province, during the reign of the Dutch governors, which he published some years since. […] Its chief merit is its scrupulous accuracy, which indeed was a little questioned, on its first appearance, but has since been completely established; and it is now admitted into all historical collections, as a book of unquestionable authority".

[13] Washington Irving. "Rip Van Winckle". In: *The Sketch Book of Geoffrey Crayon*. P. 75-76. No original: "As he approached the village he met a number of people, but none whom he knew, which somewhat surprised him, for he had thought himself acquainted with every one in the country round. Their dress, too, was a different fashion from that to which he was accustomed. They all stared at him with equal marks of surprise, and whenever they cast eyes upon him, invariably stroked their chins. The constant recurrence of this gesture induced Rip, involuntarily, to do the same, when, to his astonishment, he found his beard grown a foot long!"

cogitar que tanto ele quanto o mundo ao seu redor estavam sob efeito de algum feitiço. Certamente aquela era sua vila natal, a qual, segundo pensava, ele havia deixado um dia atrás. As montanhas Catskill estavam lá. O rio Hudson estava lá. O que teria acontecido? Foi com muita dificuldade que, tentando se encontrar naquela que era ao mesmo tempo sua antiga vila, mas agora totalmente transformada, ele encontrou seu caminho para casa. Chegando lá, ele "encontrou a casa em completa decadência – o teto caído, as janelas quebradas em vários pedaços, as portas removidas de suas dobradiças. [...] A casa estava vazia e aparentemente abandonada"[14]. Em seguida ele foi em direção à antiga hospedagem da vila, na qual ele costumava se reunir com seus amigos para conversar sobre assuntos cotidianos ou, como disse Knickerbocker, sobre nada. Não encontrou seus amigos, mas teve oportunidade de perguntar por eles. As pessoas ao seu redor disseram que um deles havia morrido há 18 anos atrás. Outro havia servido no exército durante a guerra de independência – alguns dizem que ele havia morrido na batalha de Stony Point, outros que ele havia morrido afogado num acidente em um rio próximo dali – ele nunca voltou após a guerra. Outro teve um destino melhor, se comparado aos outros: servindo ao exército durante a guerra, foi feito capitão general e àquele momento ocupava um cargo político no Congresso. Nesse momento,

> O coração de Rip se partiu em pedaços ao saber das tristes mudanças em seu lar e sobre seus amigos, o que o fez se sentir sozinho no mundo. Cada notícia o confundia ainda mais, pois se tratava de um enorme lapso de tempo e assuntos que ele não entendia: guerra - Congresso – Stony Point; ele não teve coragem o suficiente para perguntar sobre mais ninguém, mas chorava convulsivamente se perguntando "alguém aqui conhence Rip Van Winckle?"[15]

"Oh, Rip Van Winckle?", exclamou uma ou duas pessoas, "certamente! Lá está Rip Van Winkle, encostado na árvore". Nesse instante, Rip ficou confuso: "Eu não sou eu mesmo – sou outra pessoa – sou eu lá? – não, aquela é outra pessoa [...]. Eu era eu mesmo ontem a noite, mas caí no sono na montanha, eles mudaram minha arma, e tudo mudou, e eu mudei, e eu não consigo saber qual é o meu nome, ou quem

---

[14] Washington Irving. "Rip Van Winckle". Op. Cit. p. 77. No original: "[…] He found the house gone to decay – the roof fallen in, the windows shattered, and the doors off the hinges. […] He entered the house […] it was empty, forlorn, and apparently abandoned".

[15] Washington Irving. "Rip Van Winckle". Op. Cit. p. 81-82. No original: "Rip's heart died away, at hearing of these sad changes in his home and friends, and finding himself thus alone in the world. Every answer puzzled him, too, by treating of such enormous lapses of time, and of matters which he could not understand: war – congress – Stoney-Point; he had no courage to ask after any more friends, but cried out in despair, 'does nobody here know Rip Van Winkle?'"

sou eu!". Mais tarde, Rip saberia que o Rip Van Winkle encostado na árvore seria seu neto. Ele continuou a indagar às pessoas da vila se alguém o conhecia, contando histórias antigas e tentando encontrar alguém que pudesse confirmar quem ele era. De repente, uma mulher se aproxima e diz que conhecia um velho Rip Van Winkle. Mas ele havia desaparecido 20 anos atrás com sua arma e seu cachorro de estimação, mas não se tinha notícias dele desde então. Seu cachorro havia voltado para a cidade no dia seguinte, mas não se sabia se Rip havia atirado em si mesmo, ou se havia sido levado pelos índios. Rip então se dá conta de que aquela mulher era sua filha. Uma das moradoras mais antigas da vila sai do meio da multidão e o encara por algum tempo: "Com certeza, este é Rip Van Winkle". As pessoas então começam a perguntar porque ele havia desaparecido durante 20 anos. Ele conta sua história para as pessoas, dizendo que para ele havia se passado apenas um dia. Ainda desconfiados, os moradores o levaram ao encontro do mais antigo morador da vila, no intuito de testar a autenticidade de seu testemunho. Ao contar sua história novamente para ele, o homem atesta a veracidade de tudo aquilo que Rip havia dito, ao afirmar que as montanhas Catskill eram sim, de algum modo, assombradas pela presença de Henry Hudson. Rip então retorna com sua filha para sua nova casa. A partir de então passa a ser considerado como "uma crônica dos velhos tempos 'antes da guerra". No entanto, tempos depois ele ainda tentava entender o que havia se passado durante todo esse tempo em que esteve fora da cidade. Segundo Knickerbocker, Rip se perguntava incessantemente "como pode ter acontecido uma guerra revolucionária – que o país havia se livrado do julgo da velha Inglaterra – e como, ao invés de ser um assunto de sua Majestade George III, agora ele era um cidadão livre dos Estados Unidos". Ao que ele conclui: "Rip, de fato, não era um político; as mudanças dos Estados e Impérios pouco lhe inspiravam"[16]. Enquanto Rip Van Winckle, adormecia, as antigas 13 colônias britânicas na América se tornaram independentes. Sob uma nova bandeira e novos rostos estampados em espaços públicos ao redor do país, Rip se encontrou num mundo totalmente distinto daquele que havia deixado 1 dia – ou 20 anos – atrás. Neste novo mundo passava então a figurar os Estados Unidos da América.

---

[16] Washington Irving. "Rip Van Winkle". Op. Cit, p. 88. No original: "A chronicle of the old times "before the war". It was some time before he could get into the regular track of gossip, or could be made to comprehend the strange events that had taken place during his torpor. How that there had been a revolutionary war – that the country had thrown off the yoke of old England – and that, instead of being a subject of his majesty George the Third, he was now a free citizen of the United States. Rip, in fact, was no politician; the changes of states and empires made but little impression on him […]".

Parecia haver uma urgência em falar de pessoas e sociedades desaparecidas em textos literários nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX. No último parágrafo de *The Pioneers*, o primeiro romance da série *Leatherstocking Tales* escrita por James Fenimore Cooper e publicado em 1823, podemos ler o seguinte: "This was *the last that they ever saw the Leatherstocking* [...]. He had gone far towards the setting sun, – the foremost in that band of Pioneers, who are opening the way for the march of the Nation across the country" [17]. Nesta cena, lemos que Natty Bumppo, o Leatherstocking, é visto pela última vez por outros personagens do livro, como Elizabeth e seu pai, Judge Temple. Mas Natty Bumppo reaparecia 3 anos depois, em 1826, no segundo romance da série – *The Last of Mohicans*. Embora o leitor possa ter se surpreendido com seu retorno neste novo romance, ainda assim ele continuaria desaparecido, visto que *The Last of the Mohicans* se passa em 1757, enquanto *The Pioneers* é narrado como se passasse em 1793. No horizonte da discussão que temos feito até aqui, vale a pena chamar a atenção para o título do romance de Cooper publicado em 1826: o último dos moicanos nos mostra, desde o início, que algo corre o risco de desaparecer. No prefácio da primeira edição, Cooper fala sobre isso nos seguintes termos:

> There is a well authenticated and disgraceful history of the means by which the Dutch on one side, and the Mengwe on the other, succeeded in persuading the Lenape to lay aside their arms, trusting their deference entirely to the latter, and becoming, in short, in the figurative language of the natives, 'women' […]. From that moment may be dated the downfall of the greatest and most civilized of the Indian nations, that existed within the limits of the present United States. Robbed by the whites, and murdered and oppressed by the savages, they lingered for a time around their council-fire, but finally broke off in bands, and sought refuge in the western wilds. *Like the lustre of the dying lamp, their glory shone the brightest as they were about to become extinct* [18].

O último dos moicanos, neste caso, significa o único. Aquele que está sob ameaça de extinção. Desaparecimento.

---

[17] James Fenimore Cooper. *The Pioneers, of the Sources of the Susquehanna, a Descriptve Tale*. Revised, corrected, and illustrated with a new introduction, notes, etc., by the Author. Paris: Baudry's European Library, 1835, p. 404. (Grifo nosso)

[18] James Fenimore Cooper. *The Last of the Mohicans; A Narrative of 1757*. In Three Volumes. Vol. I. London: John Miller, 1826, p. ix-x. (Grifo Nosso)

Existe quase uma necessidade de vocação, tanto de Irving, quanto de Cooper, em tentar resgatar e salvar do esquecimento um conhecimento sobre o passado que corria o risco de desaparecer para sempre. Mas porque estas preocupações estariam sendo discutidas em textos de caráter ficcional, literário, e não em textos de história, cujo caráter disciplinar sob o qual ela se constitui também nas primeiras décadas do século XIX ditava que ela seria a única responsável pelo restabelecimento de um conhecimento sobre o passado? Que essa era uma tarefa de historiadores profissionais, formados no espírito do método crítico daquele momento, não havia dúvidas. Mas como o historiador escreveria sobre algo impossível de recuperar documentos capazes de informar algo sobre determinada realidade do passado? *The Crater, or Vulcan's Peak – A Tale of the Pacific* não é um dos textos mais famosos de Cooper, até porque os *Leatherstocking Tales* chegou a obscurecer as outras obras de do autor através do grande sucesso que tiveram, tanto nos Estados Unidos quanto no exterior. Mas algumas questões que talvez estivessem implícitas em seus textos mais famosos agora aparecem de forma explícita em 1844.

No prefácio daquela edição, Cooper afirmou que o leitor possivelmente estaria se perguntando porque geografias, histórias, e outras obras correlatas, nunca mencionaram aquelas regiões e eventos que compunham o seu romance *The Crater*, e por que tais eventos "have so long been hidden from the world". A resposta é que os escritores que não falaram sobre aqueles lugares e eventos nunca o fizeram porque eles não sabiam nada a respeito deles. Além disso, independente do que fosse pensado a respeito da autenticidade dos incidentes narrados em seu romance, Cooper afirmou que "truth is not absolutely necessary to the illustration of a principle, the imaginary sometimes doing that office quite as effectually as the actual". Até porque, diante da possibilidade do esquecimento daqueles eventos, sua transposição para uma narrativa (e aqui existe a crença de que a narrativa, a palavra escrita e disseminada a partir de livros, ele mesmo uma espécie de monumento, em várias direções desempenha um papel importantíssimo no sentido de conservação do conhecimento para o futuro) cuidava de manter viva na memória do presente e do futuro aquelas reminiscências fugazes do passado:

> […] Again, it should never be forgotten that generations were born, lived their time, died and have been forgotten, among those remote groups, about which no civilized

> man ever has, or ever will hear any thing. If such be admitted to be the facts, why may not *all* that is here related have happened, and equally escape the knowledge of the rest of the civilized world?[19]

Gerações nasceram, viveram seu tempo, morreram e foram esquecidos. Na tentativa de recuperar alguma coisa do que restou delas, qualquer indício é válido. Inclusive uma pedra. Em 1821, William Tudor (1779-1830) reuniu uma série de artigos de sua autoria que haviam sido publicados de forma esparsa em diversos periódicos, dentre eles o *North American Review*, do qual era um dos fundadores e editores. Além de editor e escritor, Tudor foi *United Consul* no Peru entre Março de 1824 e Maio de 1827, quando foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro no Brasil ocupando o cargo de *Chargé d'Affaires* pelo governo norte-americano. Lá ele morreu em 9 de março de 1830, decorrente das implicações de uma febre. Sempre fora fascinado pela antiguidade do continente americano e chegou a ser sócio da Historical Society of Massachusetts. Dentre os artigos publicados em 1821, havia entre eles uma versão revisada e aumentada de um artigo intitulado "Antiquity of the United States", publicado originalmente na North American Review em 1816. Após uma longa discussão de possíveis teorias sobre as origens da formação geológica e da população americana, Tudor diz o seguinte: "the most infallible method of deciding on the real standing of a nation, is not the examination of a *few meager dates, but a comparison of its institutions, its monuments, its manners, with those of others* […]" [20].

A few meager dates: o formato cronístico da narrativa histórica (cuja orientação cronológica a partir de conjuntos de datas é definitivo para sua identidade historiográfica), é vista aqui como uma maneira ineficaz de acessar o passado. Por outro lado, instituições, monumentos e costumes, reguladas não só pela história filosófica à la Voltaire mas também pelo trabalho minucioso de antiquários desde o início da época moderna, evoca uma nova sensibilidade em relação ao passado. Um dos temas debatidos por Tudor em seu texto sobre a Antiguidade da América diz respeito a uma pedra. Segundo ele, em Londres existia uma pedra disposta contra uma parede, denominada *London stone*. Suposições amparadas em "solid grounds" diziam à época que a pedra era um antigo *milliarium* dos Romanos e que havia sido

---

[19] James Fenimore Cooper. *The Crater; or, Vulcan's Peak – A Tale of the Pacific*. New York: James G. Gregory, 1844. p. vii.

[20] William Tudor. "Antiquity of the United States". In: *Miscellanies*. Boston: Wells and Lilly, 1821.

previamente uma pedra sagrada dos Druidas: "there is therefore a tolerably clear history of this monument", diz Tudor. Entretando, havia também uma congênere da *London stone* in Boston, embora nada se sabia sobre ela e sua origem estivesse "lost in the night of time". Sabia-se que era um granito, o qual os geólogos da época admitiam ser uma das classes mais antigas do mundo. Nesse sentido, Tudor conclui: a *Boston stone*, primitiva em todos os sentidos, é tão antiga que sua história está perdida, enquanto considera-se que a *London stone* possui 2 ou 3 mil anos. Sendo assim, "the rock is primitive, every vestige of its origin is forgotten, it has therefore existed from the creation of the world (...)"[21].

Por trás da preocupação de Tudor em investigar a origem da *Boston stone*, de poder saber a partir dela alguma informação, mesmo que fragmentado, sobre o passado da América, havia também uma preocupação com a ameaça de desaparecimento da Terra em algum momento. Uma das epígrafes utilizadas por ele na abertura de sua memória é retirada do poema *The Art of Preserving Health* publicado em 1744 pelo poeta inglês John Armstrong (1709-1779), cujo ano de falecimento coincide com o de nascimento de William Tudor. A frase que Tudor retirou do poema de Armstrong é a seguinte: "This huge rotundity we tread grows old (…)". Apesar de ter sido publicado em 1744, a passagem do poema de Armstrong na qual a epígrafe escolhida por Tudor está inserida revela muito da angústia dos homens que viviam nas primeiras décadas do século XIX. Os últimos versos do livro III diz o seguinte:

> (…) Time shakes the stable tyranny of thrones,
> And tottering empires rush by they own weight.
> This huge rotundity we tread grows old;
> And all those worlds that roll around the sun,
> The sun himself, shall die; and ancient night
> Again involve the desolate abyss:
> Till the great Father through the lifeless gloom
> Extend his arm to light another world,
> And bid new planets roll by other laws.
> For though the regions of unbounded space,
> Where unconfin'd Omnipotence has room,

[21] Idem, p. 78-81.

> Being, in various systems, fluctuates still
> Between creation and abhorr'd decay:
> It ever did; perhaps and ever will.
> New worlds are still emerging from the deep;
> The old descending, in their turns to rise. [22]

"According to the best authorities, the world in which we dwell is a huge, opaque, reflecting, inanimate mass, floating in the vast ethereal ocean of infinite space. It has the form of an orange […]" [23]. Essas são as palavras iniciais do primeiro dos sete livros que constituem a *History of New York* de Irving. Ele é dedicado a mostrar ao leitor diversas teorias e especulações filosóficas acerca da criação e população do mundo conectadas à história de Nova York. Para falar sobre a criação do mundo, Irving mobiliza uma série de teorias de diversos escritores antigos e modernos: egípcios, caldeus, persas, gregos, latinos, "negros filósofos do Congo", "filósofos Mohawk", e entre os modernos cita Thomas Burnet (1635-1715), Buffon, William Whiston (1657-1762), John Whitehurst (1713 -1788) e James Hutton (1726-1797). Dentre estes últimos, todos escreveram alguma teoria sobre a criação da Terra.

Nos dias 7 de março e 4 de abril de 1785, James Hutton apresentava sua *Theory of the Earth* na *Royal Society of Edinburgh*. Naquela ocasião, ele concluía sua fala da seguinte forma:

> We have now got to the end of our reasoning; we have no data further to conclude immediately from that which actually is: But we have got enough; we have the satisfaction to find, that in nature there is wisdom, system, and consistency; for having, in the natural history of this earth, seen a succession of worlds, we may from this conclude that there is a system in nature; in like manner as, from seeing revolutions of the planets, it is concluded, that there is a system by which they are intended to continue those revolutions. But if the succession of worlds is established in the system of nature, it is in vain to look for any thing higher in the origin of the earth. The result, therefore, of our present enquiry is, that we find no vestige of a beginning, - no prospect of an end [24].

---

[22] John Armstrong. "The Art of Preserving Health. 1774. In Four Books". In: Robert Anderson. *The Workd of the British Poets*. Volume Tenth. London: John & Arthur Arch; Bell & Bradfute; J. Mundell & Co., 1795, p. 974.

[23] Diedrich Knickerbocker. *History of New York.* p. 29.

[24] James Hutton. "X. Theory of the Earth; *or an Investigation of the Laws observable in the Composition, Dissolution, and Restoration of Land upon the Globe […]*. Read March 7 and April 4.

Em grande medida, o que Hutton quer dizer é que a conformação da Terra tal como ela era em 1785 era apenas um mundo que sucedeu a outros mundos muito remotos, que foram destruídos por uma série de desastres naturais. Na história dessa formação, a presença do homem na Terra constituiria apenas um pequeno capítulo, pois, segundo Hutton, não teria sido encontrado até então nenhum documento pelo qual uma grande antiguidade pudesse ser atribuída à raça humana. Mas quando viramos nossos olhos para as espécies inferiores de animais, particularmente aqueles que habitam o oceano e suas bordas, "we find in natural history monuments which prove that those animals had long existed [...]"[25].

Antes de mencionar a opinião de Hutton sobre a origem da Terra, Irving fala primeiramente das conjecturas levantadas por Buffon, o qual havia afirmado que o globo "was originally a globe of liquid fire, scintillated from the body of the sun, by the percussion of a comet, as a spark is generated by the collision of flint and steel" [26]. As teorias de criação da Terra assemelham-se às imagens apocalípticas do fim do mundo. À ideia da origem de um globe of liquid fire, Irving apresenta a teoria de Hutton. Segundo Irving, "he supposes that the waters at first were universally paramount; and he terrifies himself with the idea that the earth must be eventually washed away by the force of rain, rivers, and mountain torrents, until it is confounded with the ocean, or, in other words, absolutely dissolves into itself. – Sublime idea!"[27].

Na confluência de fatores que enformam a ficção histórica produzida por Irving no início do século XIX devemos acrescentar um ponto, o qual nos ajuda a compreender melhor tanto o estatuto da história quanto da ficção naquele momento: a emergência de uma consciência histórica que declarava o passado como morto, como desaparecido, como ruínas:

> "Wars, conflagrations, deluges', says Aristotle, 'destroy nations, and with them all their monuments, their discoveries, and their vanities – The torch of science has more than once been extinguished and rekindled – a few individuals, who have escaped by accident, reunite the thread of generations'.

1785]". In: *Transactions of the Royal Society of Edinburgh*. Vol. I. Edinburgh: J. Dickson, 1788. p. 304.

[25] Idem, p. 217.

[26] Diedrich Knickerbocker. Op. Cit. p. 40.

[27] Diedrich Knickerbocker. p. 40.

> The same sad misfortune which has happened to so many ancient cities, will happen again, and from the same sad cause, to nine-tenths of those which now flourish on the face of the globe. With most of them the time for recording their history is gone by: their origin, their foundation, together with the early stages of their settlement, are forever buried in the rubbish of years; and the same would have been the case with this fair portion of the earth, if I had not snatched it from obscurity in the very nick of time, at the moment that those matters herein recorded, were about entering into the wide-spread insatiable maw of oblivion – if I had not dragged them out, as it were, by the very locks, just as the monster's adamantine fangs were closing upon them forever! (…) [28].

Ao escrever essas palavras, Irving ainda devia estar muito impressionado com sua viagem pelo sul da Europa em 1806. Três anos antes de publicar a História de Nova York, Irving realizou uma viagem pelo sul da França e pela Itália, onde pode entrar em contato com o berço da civilização Ocidental. Ao passar pela Sicília, Irving visitou Siracusa e afirmou que estava ansioso para desembarcar e "ver o interior de uma cidade uma vez celebrada por suas artes e armas". Mas ao desembarcar naquela cidade, o contraste com a imagem que ele tinha do passado era evidente: "Céus! Que mudança! Ruas sombrias e mal construídas, pobreza, sujeira e miséria em todos os lados; nenhum semblante mostrando os traços honestos de facilidade e independência; tudo é servidão, indigência e descontentamento". Entretanto, ao lado da decadência da Siracusa do início do século XIX, havia muita coisa para interesse da imaginação e gratificar a curiosidade do jovem viajante: a singularidade pitoresca e a beleza do jardim da Latômia, a clássica fonte de Aretusa, os destroços de seus antigos teatros, templos, "os quais falam dos seus dias de maior esplendor, e as vastas catacumbas que se estendem até uma desconhecida distância subterrânea – a morada silenciosa de uma população que não existe mais"[29].

Se Irving se aproxima das prerrogativas antiquárias da época moderna ao compreender a ficção como um documento, ele acrescenta um importante ponto a este debate ao situar-se na abertura de uma brecha entre o passado e o futuro que aconteceu entre o fim do século XVIII e o início do próximo. A constatação cada vez mais flagrante de uma Antiguidade que não havia conseguido sobreviver aos

---

[28] Diedrich Knickerbocker. Op. Cit. p. 21.
[29] Pierre Munroe Irving. *The Life and Letters of Washington Irving*. Volume 1. New York: G. P. Putnam, 1864, pp. 104-123.

seus próprios ensinamentos, a não ser através de seus monumentos transmutados em ruínas, criava uma consciência talvez inédita de que, caso o presente não se preocupasse com o passado, ele estaria fadado a um eterno esquecimento. Talvez tenha vindo à tona naquele momento a triste constatação de que, para que possa existir história, é necessário que as pessoas morram. Na história do conceito moderno de história talvez pudéssemos acrescentar que uma das condições de possibilidades de sua existência esteja a ameaça de que o homem e suas obras aqui na Terra possam desaparecer. Para sempre.

***

> We know if we continue on our current path of allowing emissions to rise year after year, climate change will change everything about our world. *Major cities will very likely drown, ancient cultures will be swallowed by the seas, and there is a very high chance that our children will spend a great deal of their lives fleeing and recovering from vicious storms, and extreme droughts*. And *we don't have to do anything to bring about this future*. All we have to do is nothing. Just continue to do what we are doing now, whether it's counting on a techno-fix or tending to our gardens or telling ourselves we're unfortunately too busy to deal with it [30].

O conteúdo da passagem acima poderia facilmente ser confundido com as outras passagens que discutem a ameaça de integridade física dos homens na Terra, e mesmo o desaparecimento do planeta da forma como o conhecemos hoje, da forma como os homens no século XIX conheciam. Apesar de ser muito semelhante com as passagens de Irving, Cooper e dos outros autores que analisamos desde o início deste texto, essa passagem foi extraída do último livro da canadense Naomi Klein – *This Changes Everything* – publicado em 2014. Klein é atualmente uma das maiores ativistas e autoridades do mundo quando o assunto é mudança climática e sempre causa um desconforto ao escancarar a realidade futura/presente que tal mudança tem acarretado para o planeta. Para ela, um dos maiores problemas da situação atual do clima no mundo é de natureza (com o perdão do trocadilho) política e econômica. Klein alega que o tópico de mudanças climáticas nunca foi encarado como uma situação crítica que é por políticos Ocidentais: "Climate changes has never received

[30] Naomi Klein. *This Changes Everything: Capitalism vs The Climate*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2014, p. 4. (Grifo nosso)

the crisis treatment from our leaders, despite the fact that it carries the risk of destroying lives on a vastly greater scale than collapsed banks or collapsed buildings (...)"[31]. As várias ameaças de catástrofes que poderiam ser *triggered by climate changes*, as tristes previsões de um futuro com potencial destruidor são, segundo Klein, equivalente a cada alarme em nossas casas apitando simultaneamente. E então cada alarme em nossas ruas também apitando. Segundo ela, tais alarmes significam, "quite simple, that climate change has become an existencial crisis for human species"[32]. Entretanto, segundo Klein nem tudo estaria perdido. Ainda. Em conversa com outras pessoas ligadas ao que ela chama de *growing climate justice movement*, ela afirma ser possível ver como o cenário crítico atual de mudança climática poderia se tornar uma força catalizadora para mudanças positivas:

> (…) how it could be the best argument progressives have ever had to demand the *rebuilding* and *reviving* of local economies; to *reclaim* our democracies from corrosive corporate influence; to block harmful new free trade deals and *rewrite* old ones; to invest in starving public infrastructure like mass transit and affordable housing; to take back ownership of essential services like energy and water; to remake our sick agricultural system into something much healthier; to open borders to migrants whose displacement is linked to climate impacts; *to finally respect Indigenous land rights* – all of which would help to end grotesque levels of inequality within our nations and between them.[33]

Re-construir, re-viver, re-clamar, re-escrever: tais ideias reforçam o desejo de dar um passo atrás, de voltar a viver em mundo onde tais ameaças catastróficas não existiam. A crença num futuro melhor engendrado pela sensação de progresso, a *landmark* que se criou para sustentar a Modernidade entrou em colapso. O cronótopo historicista, onde o futuro é cada vez mais distante do passado e melhor do que ele deu lugar à sensação de um futuro que não é mais promissor, mas sim destruidor. O anjo da história descrito por Walter Benjamin, o qual não tinha escolha senão ser empurrado violentamente para o futuro enquanto ruínas amontoavam-se atrás dele, agora situa-se entre ruínas do passado e do futuro. Com a abertura de uma nova experiência do tempo marcada pela simultaneidade de imagens do passado e do futuro, o presente torna-se um lugar ameaçador. A ameaça é justamente o passado

[31] Idem, p. 6.
[32] Idem, p. 15.
[33] Idem, p. 7.

(que tentou ser controlado e mantido a uma distância segura) e pelo futuro, que não é mais distante e melhor, mas sim presente e assustador.

Há algo latente desde o início da Modernidade ocidental na passagem do século XVIII para o XIX. Existe algo que liga o nosso mundo ao mundo vivido no século XIX. É como se o passado não tivesse passado, mas apenas sobrevivesse de forma subterrânea até hoje, emergindo ora ou outra, embora sempre latente. Poderíamos descrever essa constatação como um *Stimmung*. Segundo Hans Ulrich Gumbrecht, *Stimmung* seria "ao mesmo tempo uma atmosfera envolvente e um clima experienciado de modo subjetivo". E prossegue: "Invocar os *Stimmung* permite-nos ter a certeza retrospectiva de que alguma coisa foi negligenciada ou à qual não havíamos prestado atenção"[34]. No quadro geral da conformação da experiência moderna da história e de sua escrita, várias escolhas foram feitas. Sobre tais escolhas, decisões políticas tiveram um peso decisivo. Escolher algo indica que alguma coisa pode ser negligenciada. E o que foi negligenciado poderá sempre reclamar sua atualidade.

Histórias dos Estados Unidos

A primeira narrativa histórica moderna dos Estados Unidos escrita por um historiador norte-americano começaria a ser publicada em 1834 e só seria concluída em 1874. Durante 40 anos, George Bancroft (1800-1891) – considero um dos maiores expoentes do Romantismo norte-americano – trabalhou arduamente na tentativa de produzir uma unidade histórica do país desde a época dos descobrimentos até 1789. Para o público brasileiro, Bancroft poderia ser considerado o Varnhagen norte-americano. Ambos tinham pretensões de analisar a história de seus respectivos países sob o método crítico e erudito de inspiração alemã. Ambos ignoravam os acontecimentos da história contemporânea ou do tempo presente. E, um dos itens mais importantes – ambos pretendiam criar uma narrativa histórica de caráter geral do passado colonial de seus países, embora Varnhagen tenha dado ao nome de sua história o título de *História Geral do Brasil*, mas Bancroft não. Mas uma diferença constrangedora se institui entre os dois historiadores "profissionais": enquanto Varnhagen estava amparado por uma política Imperial no Brasil do século XIX que tentava estabelecer a duras expensas a unidade política e territorial do Império, nos

[34] Hans Ulrich Gumbrecht. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Estados Unidos Bancroft precisava lidar com o estatuto político republicano desde sempre.

Entretanto, antes de Bancroft, vários cidadãos norte-americanos já haviam enfrentado a tarefa de escrever uma narrativa histórica não somente dos Estados Unidos mas, também, da Independência Americana. Entretanto, no início da vida política do novo país independente, historiadores e homens de letras tomaram a tarefa de escrever as histórias regionais das antigas colônias a princípio. Num mundo em que o historicismo romântico e as ideias nacionais ainda não imperavam ao redor do globo, os Estados Unidos tinham sua união política constatada, mas não havia nenhuma união histórica. Se a *History de New York* de Washington Irving concedeu tardiamente a Nova York uma história – mesmo que fictícia – mesmo anos ligeiramente anteriores à Independência algumas histórias já começavam a ser produzidas. Um exemplo clássico do pioneirismo dessas narrativas históricas regionais é *The History of New-Hampshire*, escrita pelo clérigo, político e, desde então, historiador Jeremy Belknap. Alguns estudiosos afirmam que Belknap começou a escrever sua história em 1772, embora só veio a publicar o primeiro de três volumes em 1784. No prefácio à primeira edição, temos acesso ao que Belknap poderia entender pelo conceito de história, historiador e composição histórica. Assim ele inicia sua narrativa:

> Quando uma nova publicação aparece, são esperadas algumas considerações preliminares das razões que levaram à sua existência e a maneira com a qual ela foi conduzida. O **compilador** desta história foi precocemente induzido pela sua curiosidade natural a se indagar pelas origens dos progressos da colonização e melhoramentos do país o qual deu-lhe a luz. Quando ele assentou residência em New Hampshire, suas pesquisas foram direcionadas mais particularmente para aquela parte do país. Tendo encontrado com alguns manuscritos valiosos, os quais eram pouco conhecidos, **ele começou a extrair e metodizar** as principais coisas neles encontradas [...] [35].

Além disso, Belknap afirma que parte das fontes utilizadas em sua narrativa histórica foram consultadas numa biblioteca em Boston, cujo acervo havia sido doado

---

[35] Jeremy Belknap. *The History of New-Hampshire*. From a copy of the original edition, having the author's last corrections to which are added notes, by John Farmer. Vol. 1. Dover: S. C. Stevens and Ela & Wadleigh, 1831 (1784), p. VII. No original: "When a new publication appears, some prefatory account of the reasons which let to it, and the manner in which it has been conducted, is generally expected.
The **compiler** of this history was early impelled by his natural curiosity to inquire into the original settlement progress, and improvement of the country which gave him birth. When he took up his residence in New-Hampshire, his inquiries were more particularly directed to that part of it. Having met with some valuable manuscripts which were but little known, **he began to extract and methodize** the principal things in them […]".

por um erudito norte-americano e cujo trabalho de coleta havia levado aproximadamente 50 anos. Ao citar a consulta neste acervo temos prova de Belknap já vinha trabalhando em sua história antes da Independência dos Estados Unidos. Segundo ele, "o autor teve frequente acesso à biblioteca antes do começo da última guerra". Em seguida, ele lamenta o fato de que o "uso o qual as tropas britânicas fizeram daquele prédio elegante provou um fim fatal para esta nobre coleção de manuscritos; amigos da ciência e da América devem lamentar essa irrecuperável perda. Tivéssemos nós sofrido nas mãos dos *Sarracenos*, a dor teria sido menos mordaz!" [36]. As fontes consultadas vinham citadas em notas de rodapé. Nos eventos em que não se pudesse apoiar em testemunhos escritos, Belknap se permitiu utilizar o que ele chamou de a "tradição autêntica, selecionada e comparada com a mais escrupulosa atenção, com a provisão adequada para a imperfeição da memória humana". Afinal, diz ele, "o leitor crítico sem dúvida encontrará algumas lacunas, as quais, em determinado tipo de obra, seria impróprio preencher com a ajuda de imaginação e conjectura" [37].

Outros tipos de narrativa histórica sobre o passado colonial dos Estados Unidos eram publicadas no formato de biografias dos pais fundadores. Dentre eles, o mais biografado certamente foi George Washington. Em 1804, John Marshall publicou sua biografia de Washington, salientando suas características como homem de armas e homem político durante e depois das guerra de independência. Entretanto, Marshall considerava necessário apresentar ao seu público uma síntese da histórias das ex-colônias, como uma forma de pano de fundo e ação providencial desde a época das primeiras colonizações até o seu presente. Sendo assim, o primeiro volume de sua biografia é uma tentativa de recuperar as especificidades históricas de cada uma das ex-colônias até a guerra que deu origem à sua independência. Ao justificar porque escolheu escrever uma biografia de George Washington, Marshall diz o seguinte:

> Um desejo de conhecer intimamente aquelas ilustres personagens que executaram um notável papel no grande teatro está, talvez, implantado no peito de cada ser humano[...].
> Se dentre aqueles personagens elevados os quais cada época produz, nenhum pode ter uma reivindicação justa em relação à atenção e à lembrança da humanidade do que

---

[36] Jeremy Belknap. *The History of New-Hampshire*. Op. Cit. p. VII-VIII. No original: "But the use which the British troops in 1775 made of that elegant building, having proved fatal to this noble collection of manuscripts; the friends of science and of America must deplore the irretrievable loss. Had we suffered it by the hands of *Saracens*, the grief had been less poignant!"

[37] Jeremy Belknap. *The History of New-Hampshire*. Op. Cit, p. VIII. No original: "After all, the critical reader will doubtless find some chasms, which, in such a work, it would be improper to fill by the help of imagination and conjecture".

> aqueles sobre os quais grandes impérios auspícios foram fundados, ou instituições políticas que merecer ser permanentes e oficializadas; uma fiel representação dos vários importantes eventos conectados com a vida do favorito Filho da América não poderia ser negligenciadas das considerações do público. Dentre seus próprios conterrâneos ela despertará os mais profundos interesses [38].

Apesar de considerar e comparar o nascimento da nova república dos Estados Unidos com a fundação de grandes impérios e outros grandes eventos históricos da humanidade, Marshall alerta ao leitor que ele não encontraria, por exemplo, descrições de grandes batalhas e guerras como aquelas que marcaram os anais da história no Ocidente. Segundo ele, "acostumados a procurar nas páginas da história por incidentes de grande magnitude [...]", o longo e ardoroso combate entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos "não são ricos naquelas grandes batalhas que são tão frequentes nas guerras europeias. Aqueles que esperam uma sucessão contínua de vitórias e derrotas, aqueles que apenas se preocupam com os movimentos de grandes exércitos e que acreditam que um Herói deveria estar eternamente em ação, estes serão desapontados in cada página da seguinte narrativa" [39]. Outra decepção que o público poderia enfrentar e que era antecipada já no prefácio de sua biografia poderia advir do fato de que Marshall lamentava a impossibilidade de conceder ao público, na primeira parte de sua narrativa, muitos fatos que os leitores não tinham ainda em suas possessões. Segundo ele: "a guerra Americana era um assunto da mais alta importância para ter que permanecer contudo durante muito tempo despercebida do mundo literário". Quase todos os eventos dignos de atenção que aconteceram durante o progresso da guerra de independência foi recolhido e detalhado. Marshall afirma ter utilizado não apenas as correspondências públicas de Washington mas, também, suas correspondências privadas – claro, com a permissão do mesmo para extrair qualquer

---

[38] John Marshall. *The Life of George Washington, Commander in Chief of the American Forces during the war which established the Independency of his country, and First President of the United States.* Vol.1. Philadelphia: Printed and Published by C. P. Wayne. 1804., p. III-I. No original: "[…] If among those exalted characters which are produced in every age, none can have a fairer claim to the attention and recollection of mankind than those under whose auspices great empires have been founded, or political institutions deserving to be permanent, established; a faithful representation of the various important events connected with the life of the favourite Son of America, cannot be unworthy of the general regard. Among his own countrymen it will unquestionably excite the deepest interest".

[39] John Marshall. John Marshall. *The Life of George Washington*. Op. Cit. p. VI-VII. No original: "Accustomed to look in the page of history for incidents in themselves of great magnitude, [the reader will find that] the long and distressing contest between Great Britain and these States did not abound in those great battles which are so frequent in the wars of Europe. Those who expect a continued succession of victories and defeats; who can only feel engaged in the movements of vast armies, and who believe that a Hero must be perpetually in action, will be disappointed in almost every page of the following history".

notícia importante a ser comunicada em sua narrativa. Na parte militar de sua história, contudo, o autor não prometia nenhuma novidade, embora ele afirmasse ter se engajado na correção dos fatos daquelas notícias que haviam sido divulgadas [40].

Segundo Marshall, ao escrever sua história muitos eventos passaram despercebidos, os quais mereciam ser introduzidos em tal tipo de composição histórica. Mas isso não era consequência de suas falhas como historiador e biógrafo – muitos eventos e notícias históricas do período anterior à Independência ainda estavam por ser reunidos para a composição daquilo que deveria ser considerada uma completa história da América. Embora, segundo ele, a história do General Washington durante sua atuação militar e na administração civil fosse em grande medida um retrato da história do país para aquele período, mesmo assim sua obra ainda lhe parecia ser sensivelmente incompleta e insatisfatória, enquanto desacompanhada pelas narrativas dos principais eventos que precederam a guerra de Independência, o que poderia tornar o leitor familiarizado com o gênio, as características e os recursos do povo que iriam participar daquele evento memorável. Segundo Marshall,

> esta situação aparecia como de grande importância porque aquele período de nossa história é pouco conhecido por nós. Vários escritores tem detalhado de forma minuciosa os assuntos das colônias em particular, mas o *desideratum* é uma composição a qual deve apresentar em uma visão conectada, as transações de todas aquelas colônias as quais formam agora os Estados Unidos.
> Os materiais para a completa execução de tal obra não estão talvez para sem encontrados na América. E se por acaso eles existem, sua coleta requereria um espaço de tempo e um trabalho de pesquisa o qual nem a impaciência do público, nem a situação do autor o permitiria praticar tal tarefa. Mesmo assim ele pensou que seria melhor escolha compilar em um volume o máximo de material daqueles fatos os quais se encontram atualmente dispersos em diversos livros, do que começar sua história abruptamente com a guerra entre a Grã-Bretanha e suas colônias[41].

---

[40] John Marshall. John Marshall. *The Life of George Washington*. Op. Cit. p. IX.

[41] John Marshall. John Marshall. *The Life of George Washington*. Op. Cit. p. XI-XII. No original: "This appeared the more necessary as that period of our history is but little known to ourselves. Several writers have detailed very minutely the affairs of a particular colony, but the *desideratum* is a composition which shall present in one connected view, the transactions of all those colonies which now form the United States.
The materials for the complete execution of such a work are perhaps not to be found in America; and, if they do exist, their collection would require a length of time, and a labor of research, which neither the impatience of the public, nor the situation of the author would enable him to bestow on the subject. Yet he thought it more eligible to digest into one volume the most material of those facts which are now scattered through several books, than to commence his history abruptly with the war between Great Britain and her colonies".

Ao lado das histórias particulares das antigas 13 colônias e da onda biográfica que se deu após a Independência dos Estados Unidos, vemos também tentativas de produzir uma narrativa histórica a partir da Revolução Americana e como ela poderia ser entendida, vezes sim, vezes não, como o centro de convergência de toda a história do novo país independente. Umas das narrativas mais consagradas e respeitadas pelos contemporâneos a respeito da Revolução Americana foi escrita por David Ramsay e publicada em 1789. Naquela época, a natureza das fontes para a escrita daquela história eram problematizadas como um fator decisivo para sua recepção contemporânea e futura. Ramsay afirma que o material utilizado em sua história foi coletado entre os anos 1782 e 1786, nos quais, como membro do Congresso, ele teve acesso aos papéis oficiais dos Estados Unidos. Ele consultou e anotou cuidadosa e criteriosamente cada uma das cartas escritas por George Washington e enviadas ao Congresso, desde o dia em que ele tomou o comando do exército americano até o último dia em que trabalhou de forma ativa na política. Fez o mesmo com outras cartas escritas por outros generais de outros ofícios e outros órgãos públicos. Sua intenção original era ampliar sua obra com a inserção de papéis de estado, como prova e ilustrações de seu próprio posicionamento. Entretanto, decidiu abandonar essa ideia para um futuro próximo, e em uma obra separada, caso o público achasse necessário. Sua resolução final a respeito da produção de uma narrativa histórica sobre a Independência dos Estados Unidos foi a prudente tomada de decisão de produzir nada mais do que uma "simples narrativa dos eventos sem introduzir [suas] autoridades". O trabalho crítico desta vez adiado já havia sido, segundo Ramsay, sido introduzido em sua *History of the Revolution of South-Carolina*, assim como vários dos documentos e fontes considerados por ele como autoridades já vinham sendo publicados em publicações periódicas da época. Ao concluir sua descrição do método que havia escolhido para escrever sua história, ele diz: "Eu me esforcei para conceder o máximo de matéria original possível por um baixo custo. Como eu escrevo sobre eventos recentes, conhecido por milhares assim como por mim mesmo, provas são no presente menos necessárias do que elas serão no futuro" [42].

Ramsay coletou os documentos de sua história entre 1782 e 1786, vindo a publicá-la em 1789. O prefácio é datado de 20 de Outubro daquele ano, apenas alguns

[42] David Ramsay. *The History of the American Revolution*. In Two Volumes. Volume 1. Trenton: Printed and Sold by James J. Wilson. 1811 (1789). No original: "I have endeavored to give much original matter at a small expense. As I write about recent events, known to thousands as well as myself, proofs are at present less necessary than they will be in future. *October 20, 1789"*.

meses depois que a Revolução Francesa eclodiu na continente europeu. Até aquele momento, nenhuma narrativa sobre a Revolução Americana levava em consideração o caráter catastrófico e de transformação política e social que o conceito de revolução passaria a assumir desde então. Entretanto, quando em 1805 a escritora Mercy Otis Warren publicou sua *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*, alguma coisa mudou. Do lado de cá do Atlântico, Otis seria uma das pouquíssimas pessoas nos Estados Unidos daquele momento a captar o caráter violento, angustiante e inaudito daquele momento. Contudo, Otis narra uma história europeia daquele momento usando a Revolução Americana como subterfúgio. Sobre isso, a epigrafe de São Paulo escolhida para figurar no frontispício de sua obra é muito reveladora – De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos" [43]. No início de seu prefácio, intitulado *An Address to the Inhabitants of the United States*, o cenário devastador que toma conta do mundo naquele momento, assim como as grandes mudanças políticas e sociais oriundas da Revolução Francesa são evidenciadas em frases como "o coração compreensivo tem olhado para fora e lamentado as várias vítimas aflitas, consequência de contendas civis e as concomitantes misérias da guerra, sejam estrangeiras ou domésticas . Os reversos da vida, a instabilidade do mundo tem sido observados nos pontos de ambos extremos"[44]. Ao lado desse estado de insegurança e transformações, a sensação de aceleração do tempo também é evidenciada:

> Num período em que cada braço viril estava ocupado, cada traço de talento ou atividade comprometidos, tanto nos gabinetes como fora deles, apreensivo, que dentre as repentinas convulsões, cenas abarrotadas e rápidas mudanças que ecoam em uma rápida sucessão, várias circunstâncias podem escapar aos mais ocupados e ativos membros da sociedade, eu tenho sido induzida a aperfeiçoar o tempo livre que a Providência me providenciou para recordar nas seguintes páginas como eles passaram, os novos e inauditos eventos exibidos numa terra previamente abençoada com paz, liberdade, simplicidade e virtude [45].

---

[43] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Interspersed with Biographical, Political and Moral Observations. In Three Volumes. Vol. 1. Boston: Printed by Manning and Loring, 1805. No original: *Trouble on every side....perplexed, but not in despair, persecuted, but not forsaken; cast down, but not destroyed*".

[44] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit. p. I. No original: "The sympathizing heart has looked abroad and wept the many victims of affliction, inevitably such in consequence of civil feuds and the concomitant miseries of war, either foreign or domestic. The reverses of life, and the instability of the world, have been viewed on the point of both extremes […]".

[45] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit. p. I. No original: "At a period when every manly arm was occupied, and every trait of talent or activity engaged, either in the cabinet or the field, apprehensive, that amidst the sudden convulsions,

Em seguida, Merci Otis passava a justificar os motivos que a levaram a escrever aquela história, particularmente num tipo de ofício dominado especialmente por homens. Segundo ela, era verdade que existiam algumas funções designadas especificamente para cada um dos sexos. Sem dúvida, era tarefa particular ao sexo masculino não apenas lutar contra os invasores pelos direitos de seu país e da humanidade mas, também o vigoroso estilo eloquente necessário para descrever os campos cobertos de sangue e relatar a história (*story*) dos exércitos exterminados. Entretanto, justificava sua iniciativa de escrever uma história e neutralizava a ideia corrente de que a história era um ofício essencialmente ligado ao mundo masculino ao afirmar que: "consciente que a verdade tem guiado minha pena, e candura, tal qual a justiça, companheiras dos meus desejos através de cada página, eu posso dizer, usando um escritor engenhoso que 'eu tenho usado minha pena com a liberdade de quem não tem esperança nem medo, nem tem nenhum interesse no sucesso ou falha de nenhum partido, e quem fala para a posteridade – talvez muito remota"[46].

Contrariando as definições presentes até aquele momento sobre qual seria o significado da história – como, por exemplo, o caráter exemplar testificado pelo *topos* da *Historia Magistra Vitae* – Merci Otis propõe uma definição um tanto inesperada. Segundo ela, história seria o depósito de crimes e a lembrança de tudo quanto é infame e honorário para a humanidade. Para escrevê-la, exigia-se do historiador um justo conhecimento do caráter daqueles cujas narrativas seriam contadas, de modo que ele pudesse compreender o que deu origem, quais foram as causas, de suas ações. Além disso, demandava-se do historiador uma clara compreensão que o permitisse recapitular como tudo aquilo aconteceu. Por último – mas não menos importante – demandava-se do historiador a certeza de um domínio da linguagem, de que modo que ele pudesse detalhar os eventos que vieram a produzir as mais importantes e memoráveis revoluções: "Analisar os saltos secretos que têm sido efetuados nas progressivas mudanças na sociedade; traçar a origem dos vários modos de governo, as

---

crowded scenes, and rapid changes, that flowed in quick succession, many circumstances might escape the more busy and active members of society, I have been induced to improve the leisure Providence had lent, to record as they passed, in the following pages, the new and inexperienced events exhibited in a land previously blessed with peace, liberty, simplicity, and virtue".

[46] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit. No original: "Conscious that truth has been the guide of my pen, and candor, as well as justice, the accompaniment of my wishes through every page, I can say, with an ingenious writer, "I have used my pen with the liberty of one, who neither hopes nor fears, nor has any interest in the success or failure of any party, and who speaks to posterity – perhaps very far remote".

consequentes melhorias na ciência, moral, ou na tintura nacional que marca os costumes dos povos sob formas liberais ou despóticas é um trabalho corajoso e perigoso" [47].

Uma grande parte de seu capítulo introdutório é dedicado à crítica da colonização britânica, à tirania dos governos despóticos e as consequências destrutivas de tais governos. Para Otis, o estudo do caráter humano mostraria, ao mesmo tempo, o retrato belo e desfigurado da alma. A natureza humana seria marcada essencialmente por nobres princípios, os quais, guardados sobre o controle da razão e a influência da humanidade poderiam produzir os mais benéficos resultados. Mas o enfraquecimento do senso moral através da aquisição de poder e riqueza obscureciam qualquer indício de simpatia pela humanidade. Sendo assim, quando lançamos um olhar para "o teatro da ação humana", e pesquisamos as transações realizadas pelos homens desde a antiguidade até o presente, Otis afirma que "ambição e avareza são os principais saltos motores os quais geralmente impulsionam as mentes inquietas. A partir dessas fontes primárias de corrupção surgiram toda rapinagem e tumultos, depredações e ruínas, os quais têm espalhado desgraças sobre toda a terra desde os dias de Nimrod"[48]. Para Otis, a indulgência dessas paixões foram causas da destruição de várias cidades e povos e isso poderia ser observado tanto na história antiga quanto moderna (*ancient and modern story*). Dentre os antigos, ela diz que seria suficiente lembrar que

> o hipócrita Augusto estabeleceu para si um império sob a aparência de justiça, clemência e moderação, enquanto o selvagem Nero vergonhosamente encharcou-se no sangue dos cidadãos – mas o único objetivo de cada um foi se tornar soberano da vida e propriedade e governar o mundo Romano com mãos despóticas [49].

---

[47] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit., p. 1-2. No original: "To analyze the secret springs that have effected the progressive changes in society; to trace the origin of the various modes of government, the consequent improvements in science, in morality, or the national tincture that marks the manners of the people under despotic or more liberal forms, is a bold and adventurous work".

.

[48] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit, p. 2. No original: "[…] ambition and avarice are the leading springs which generally actuate the restless mind. From these primary sources of corruption have arisen all the rapine and confusion, the depredation and ruin, that have spread distress over the face of the earth from the days of Nimrod […]".

[49] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit, p. 2. No original: "[…] the specious Augustus established himself in empire by the appearance of justice, clemency, and moderation, while the savage Nero shamelessly weltered in the blood of the citizen; but the sole object of each was to become the sovereign of life and property, and to govern the Roman world with a despotic hand […]".

Sendo assim, Otis afirma que, com o tempo, os arquivos e documentos para escrever uma história dos gabinetes dos príncipes seriam revelados, assim como as negociações políticas de homens de estado, assim como transmitir as imortais características dignas de valor, ou traços de vilania com cores exageradas. Entretanto, a verdade histórica seria mais provável de ser encontrar no "senso geral dos contemporâneos", quando os sentimentos não precisavam ser disfarçado por preconceitos dos homens. De todo modo, ela diz, não era uma tarefa fácil transmitir para a posteridade "uma justa ideia da vergonhosa situação do mudo ocidental anterior à ruptura com a Inglaterra", o qual deu origem ao "desmembramento do império e à perda da mais industriosa, florescente, e talvez virtuosas colônias já plantadas pelas mãos dos homens" [50].

Parar Otis, o progresso da Revolução Americana vinha sendo sentido de forma tão rápida, e com tantas alterações de costumes e novas sucessões de ideias que eram quase universais, que os princípios que animavam os mais nobres esforçam quase chegaram a ser completamente aniquilados. Muitos dos quais haviam tomado o primeiro passo na reivindicação dos diretos das natureza humana foram esquecidos, assim como as causas que lançaram as 13 colônias em confusão e sangue eram pouco conhecidas em meio ao "furor de acumulação e gosto por caros prazeres que têm prevalecido desde então". Para Otis, a "urgência dos espíritos" e a sede por dinheiro e a paixão por esplêndidos prazeres conduz ao esquecimento: "então os habitantes da América para de olhar para trás com gratidão e respeito pela força moral e virtude de seus ancestrais, os quais, através de dificuldades quase insuperáveis, os plantaram em um solo feliz". Entretanto, para Otis, o papel do historiador e do filósofo seria sempre venerar a memória daqueles "homens independentes que, após sofrerem inumeráveis imposições, restrições e penalidades, menos por opiniões políticas do que ideológicas, deixaram a Inglaterra, não como aventureiros por riqueza ou fama, mas pelo gozo da religião e liberdade" [51]. Ao fim de seu prefácio, Otis continua a reafirmar a necessidade de se ater ao nascimento de um novo tempo, de uma modernidade inaugurada pelo novo século, e qual o papel dos Estados Unidos neste novo contexto:

> Antes de concluir esse discurso para meus compatriotas, peço licença para observar que , como um novo século tem se apresentado para nós, a mente [humana] é

---

[50] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit, p. 3-4.

[51] Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit, p. 4-5.

> naturalmente conduzida a observar os grandes eventos que têm acontecido em paralelo e que apenas acabaram de encerrar o último século. A partir do espírito revolucionário dos tempos, os vastos melhoramentos nas ciências, artes e agricultura, a ousadia dos gênios que marcam essa época, a investigação de novas teorias e as mudanças políticas, civil e religiosas dos homens, gerações futuras têm razão em esperar ainda mais surpreendentes exposições no século vindouro. Nesse meio tempo, a Providência tem claramente apontado as obrigações da geração presente, particularmente os caminhos os quais os Americanos devem traçar. Os Estados Unidos formam uma jovem república, uma confederação a qual deve ser sempre cimentada pela união de interesses e afeição, sob a influência daqueles princípios sobre os quais obteve sua independência [52].

***

"Apenas o tempo resolverá isso. E até que o período tenha decorrido o qual devemos ter fielmente tentado fortalecer nossas instituições, através da paz e da guerra, da adversidade e mais persistência em prosperidade, [até lá] não terá chegado o tempo de escrever a história da União" [53]. Assim dizia William H. Prescott numa resenha sobre a *History of the United States* de George Brancroft, publicada originalmente na *The North American Review* em 1841. Prescott tentava justificar porque os Estados Unidos àquela época ainda não tinha uma história nacional.

FALTA CONCLUIR ESTA PARTE

We, indeed, are not of that number, while we respect and feel the weight of their scruples. We sympathize fully in those feelings, those hopes, it may be, which animate the great mass of our countrymen. Hope is the attribute of republics: it should

---

[52]Mercy Otis Warren. *History of the Rise, Progress and Termination of the American Revolution*. Op. Cit, p. 4-5. No original: "Before this address to my countrymen is closed, I beg leave to observe, that as a new century has dawned upon us, the mind is naturally led to contemplate the great events that have run parallel with, and have just closed the last. From the revolutionary spirit of the times, the vast improvements in science, arts, and agriculture, the boldness of genius that marks the age, the investigation of new theories, and the changes in the political, civil, and religious characters of men, succeeding generations have reason to expect still more astonishing exhibitions in the next. In the mean time, Providence has clearly pointed out the duties of the present generation, particularly the paths which Americans ought to tread. The United States form a young republic, a confederacy which ought ever to be cemented by a union of interests and affection, under the influence of those principles which obtained their independence […]".

[53] William H. Prescott. "Bancroft's United States, January, 1841". In: *Biographical and Critical Miscellanies*. New York: Harper & Brothers, 1845, p. 303. No original: "Time only can solve it; and until the period has elapsed which shall have fairly tried the strength of our institutions, through peace and through war, through adversity and more trying prosperity, the time will not have come to write the history of the Union".

be peculiarly so of ours. Our fortune is all in the advance. **We have no past, as compared with the nations of the Old World. Our existence is but two centuries, dating from our embryo state; our real existence as an independent people little more than half a century. We are to look forward, then, and go forward, not with vainglorious boasting, but with resolution and honest confidence. Boasting indecorous in all, is peculiarly so in those who take credit for the great things they are going to do, not those they have done. The glorification of an Englishman or a Frenchman, with a long line of annals in his rear, may be offensive; that of an American is ridiculous. But we may feel a just confidence from the past that we shall be true to ourselves for the future; that, to borrow a cant phrase of the day, we shall be true to our mission – the most momentous ever intrusted to a nation**; that there is sufficient intelligence and moral principle in the people, if not always to choose the best rulers, at least to right themselves by the ejection of bad ones when they find they have been abused; that they have intelligence enough to understand that their only consideration, their security as a nation, is in union; that separation into smaller communities is the creation of so many hostile states; that a large extent of empire, instead of being an evil, from embracing regions of irreconcilable local interests, is a benefit, since it affords the means of that commercial reciprocity which makes the country, by its own resources, independent of every other; and that the representatives drawn from these 'magnificent distances' will, on the whole, be apt to legislate more independently, and on broader principles, that if occupied with the concerns of a petty state, where each legislator is swayed by the paltry factions of his own village. In all this we may honestly confide; but our confidence will not pass for argument, will not be accepted as a solution of the problem. **Time only can solve it; and until the period has elapsed which shall have fairly tried the strength of our institutions, through peace and through war, through adversity and more trying prosperity, the time will not have come to write the history of the Union***". (p. 303-304)

"The celebrated line of Bishop Berkeley, 'Westwards the *course* of empire takes its way', is too gratifying to national vanity not to be often quoted […]; and if we look on it in the nature of a prediction, the completion of it not being limited to any particular time, it will not be easy to disprove it. Had the bishop substituted 'freedom' for 'empire', it would be already fully justified by experience. It is curious to observe how steadily the progress of freedom, civil and religious – of the enjoyment of those rights, which may be called the natural rights of humanity – has gone on from east to west, and how precisely the more or less liberal character of the social institutions of a country may be determined by its geographical position, as falling within the limits of one of the three quarters of the globe occupied wholly or in part by member of the great Caucasian family". (p. 294)

- "Thus, in Asia we find only far-extended despotism, in which but two relations are recognized, those of master and slave: a solitary master, and a nation of slaves". (p. 294)

"As we cross the boundaries into Europe, among the people of the same primitive stock and under the same parallels, we may imagine ourselves transplanted to another planet. Man no longer grovels in the dust beneath a master's frown. He walks erect, as lord of the creation, his eyes raised to that heaven to which his destinies call him. He

is a free agent – thinks, speaks, acts for himself; enjoys the fruits of his own industry; follows the career suited to his own genius and taste; explores fearlessly the secrets of time and nature; lives under laws which he has assisted in framing; demands justice as his right when those laws are invaded […]". (p. 295-296)

"The tendency, almost universal, is to advance still farther. It is this war of opinion – this contest between light and darkness, now going forward in most of the countries of Europe – which furnishes the point of view from which their history is to be studied in the present, and, it may be, the following centuries; for revolutions in society, when founded on opinion – the only stable foundation, the only foundation at which the friend of humanity does not shudder – must be the slow work of time […]". (p. 296)

[…] Various have been the efforts in the Old World at popular forms of government, but, from some cause or other, they have failed; and however time, a winder intercourse, a greater familiarity with the practical duties of representation, and, not least of all, our own auspicious example, may prepare the European mind for the possession of Republican freedom, it is very certain that, at the present moment, Europe is not the place for Republics.
The true soil for these is our own continent, the New World, the last of the three great geographical divisions of which we have spoken. This is the spot on which the beautiful theories of the European Philosopher – who had risen to the full freedom of speculation, while action was controlled – have been reduced to practice. The atmosphere here seems as fatal to the arbitrary institutions of the Old World as that has been to the Democratic forms of our own […]". (p. 297)

"It was a fortunate, or, to speak more properly, a providential thing, that the discovery of the New World was postponed to the precise period when it occurred. Had it taken place at an earlier time – during the flourishing period of the feudal ages, for example – the old institutions of Europe, with their hallowed abuses, might have been engrafted on this new stock, and, instead of the fruit of the tree of life, we should have furnished only varieties of a kind already far exhausted and hastening to decay. But, happily, some important discoveries in science, and, above all, the glorious Reformation, gave an electric shock to the intellect, long benumbed under the influence of a tyrannical priesthood". (p. 298)

"The history of this country naturally divides itself into three great periods: the Colonial, when the idea of independence was slowly and gradually ripening in the American mind; the Revolutionary, when this idea was maintained by arms; and that of the Union, when it was reduced to practice. **The first two heads are now ready for the historian; the last is not yet ripe for him. Important contributions may be made to it in the form of local narratives, personal biographies, political discussions, subsidiary documents, and *mémoires pour server*; but we are too near the strife, too much in the dust and mist of the parties, to have reached a point sufficiently distant and elevated to embrace the whole field of operations in one view, and paint it in its true colors and proportions for the eye of posterity. We are, besides, too new as an independent nation, our existence has been too short, to satisfy the skepticism of those who distrust the perpetuity of our political institutions. They do not consider the problem, so important to humanity, as yet solved. Such skeptics are found, not only abroad, but at home.**" (p. 301-302)

- * nota p. 304: The preceding cheering remarks on the auspicious destinies of our country were written more than four years ago; and it is not now as many days since we have received the melancholy tidings that the project for the *Annexations of Texas* has been sanctioned by Congress. The remarks in the text on "the extent of empire" had reference only to that legitimate extent which might grow out of the peaceful settlement and civilization of a territory, sufficiently ample certainly, that already belongs to us. The craving for foreign acquisitions has ever been a most fatal symptom in the history of republics; but when these acquisitions are made, as in the present instance, in contempt of constitutional law, and in disregard of the great principles of international justice, the evil assumes a tenfold magnitude; for it flows not so much from the single act as from the principle on which it rests, and which may open the way to the indefinite perpetration of such acts. In glancing my eye over the text at this gloomy moment, and considering its general import, I was unwilling to let it go into the world with my name to it, without entering my protest, in common with so many better and wiser in our country, against a measure which every friend of freedom, both at home and abroad, may justly lament as the most serious shock yet given to the stability of our glorious institutions.

It is not that the historian is called on to pry into the dark recesses of antiquity, the twilight of civilization, mystifying and magnifying every object to the senses, nor to unravel some poetical mythology, hanging its metaphorical illusions around everything in nature, mingling fact with fiction, the material with the spiritual, until the honest inquirer after truth may fold his arms in despair before he can cry *eureka*; nor is he compelled to unroll musty, worm-eaten parchments, and dusty tomes in venerable black letter, of the good times of hones Caxton and Winken de Worde, nor to go about gleaning traditionary tales and ballads in some obsolete provincial patois. The record is plain and legible, and he need never go behind it. **The antiquity of his story goes but little more than two centuries back; a very modern antiquity. The commencement of it was not in the dark ages, but in a period of illumination; an age yet glowing with the imagination of Shakespeare and Spenser, the philosophy of Bacon, the learning of Coke and Hooker. The early passages of his story – coeval with Hampden, and Milton, and Sidney – belong to the times in which the same struggle for the rights of conscience was going on in the land of our fathers as in our own**". (p. 305-306)

"The embarrassment of the Colonial history arises from the difficulty of obtaining a central point of interest among so many petty states, each independent of the others, and all, at the same time, so dependent on a foreign one as to impair the historic dignity which attaches to great, powerful, and self-regulated communities. This embarrassment must be overcome by the author's detecting, and skillfully keeping before the reader, some great principle of action, if such exist, that may give unity, and, at the same time, importance to the theme. Such a principle did exist in that tendency to independence, which, however feeble, till fanned by the breath of persecution into a blaze, was nevertheless the vivifying principle, as before remarked, of our ante-revolutionary annals". (p. 306-307)

Whoever has dipped much into historical reading is aware how few have succeeded in weaving an harmonious tissue from the motley and tangled skein of general history. The most fortunate illustration of this within our recollection is Sismondi's *Républiques Italiennes* […]. Yet there is a pervading principle in this great mass of apparently discordant interests. That principle was the rise and decline of liberty. It is the key-note to every revolution that occurs. It gives an harmonious tone to the many-coloured canvass, which would else have offended by its glaring contrasts, and the startling violence of its transitions. The reader is interested in spite of the transitions, but knows not the cause. This is the skill of the great artist. So true is this, that the same author has been able to concentrate what may be called the essence of his bulky history into a single volume, in which he confines himself to the development of the animating principle of his narrative, stripped of all the superfluous accessories, under the significant title of "Rise, Progress, and Decline of Italian Freedom". (p. 307-308)

"[…] But, in truth, the Colonial and Revolutionary story of this country is a theme too ungrateful to British ears for us to be astonished at any insensibility on this score. (p. 308)

Mr. Grahame's work, however, with all its merit, is the work of a *foreigner*, and that word comprehends much that cannot be overcome by the best writer. He may produce a beautiful composition, faultless in style, accurate in the delineation of prominent events, full of sound logic and most wise conclusions, but he cannot enter into the sympathies, comprehend all the minute feelings, prejudices, and peculiar way of thinking which form the idiosyncrasy of the nation. **What can he know of these who has never been warmed by the same sun, lingered among the same scenes, listened to the same tales in childhood, been pledged to the same interests in manhood by which these fancies are nourished – the loves, the hates, the hopes, the fears, that go to form national character? Write as he will, he is still an alien, speaking a tongue in which the nation will detect the foreign accent. He may produce a book without a blemish in the eyes of foreigners; it may even contain much for the instruction of the native that he would not be likely to find in his own literature; but it will afford evidence on every page of its exotic origin**. (p. 308-309)

[…] What foreign hand could have painted, like Herodotus and Thucydides, the achievements of the Greeks? Who, like Livy and Tacitus, have portrayed the shifting character of the Roman, in his rise, meridian, and decline? Had the Greeks trusted their story to these same Romans, what would have been their fate posterity? Let the Carthaginians tell. All that remains of this nation, the proud rival of Rome, who once divided with her the empire of the Mediterranean, and surpassed her in commerce and civilization – nearly all that now remains to indicate her character, is a poor proverb, *Punica fides*, a brand of infamy given by the Roman historian, and one which the Romans merited probably as richly as the Carthaginians. Yet America, it is too true, must go to Italy for the best history of the Revolution, and to Scotland for the best history of the Colonies. Happily, the work before us bids fair, when completed, to supply this deficiency; and it is quite time we should turn to it. (p. 310)

The omission of notes we consider a still greater evil. It is true, they lead to great abuses, are often the vehicle of matter which should have been incorporated in the

next, more frequently of irrelevant matter which should not have been admitted anywhere, and thus exhaust the reader's patience, while they spoil the effect of the work by drawing the attention from the continuous flow of the narrative, checking the heat that is raised by it in the reader's mind not unfrequently jarring on his feelings by some misplaced witticism, or smart attempt at one. For these and the like reasons, many competent critics have pronounced against the use of notes, considering that a writer who could not bring all he had to say into the compass of his text was a bungler. Gibbon, who practised the contrary, intimates a regret in one of his letters that he had been overruled so far as to allow his notes to be printed at the bottom of the page instead of being removed to the end of the volume. (p. 326-327)

What Mr. Bancroft has done for the Colonial history is, after all, but preparation for a richer theme, the history of the War of Independence; a subject which find its origin in the remote past, its results in **the infinite future**; which finds a central point of unity in the ennobling principle of independence that gives dignity and grandeur to the most petty details of the conflict, and which has its foreground occupied by a single character, to which all others converge as to a centre – the character of Washington, in war, in peace, and in private life the most sublime or historical record. (p. 338)

[…] The points of view under which a thing may be contemplated are as diversified as mind itself. The most honest inquirers after truth rarely come to precisely the same results, such is the influence of education, prejudice, principle. Truth, indeed, is single, but opinions are infinitely various, and it is only by comparing theses opinions together that we can hope to ascertain what is true. (p. 339)

Esperar a próxima catástrofe

No início da década de 1940, vários judeus alemães que haviam migrado para a França no início da década de 1930 buscaram refúgio além-mar na América durante o regime de Vichy. Mais uma vez o país desempenhava o seu papel de salvaguarda e asilo de paz cuja Europa não lhes oferecia mais esperança. Novamente, uma intensa batalha entre pessimismo e otimismo histórico era travada. O mundo atlântico era o seu epicentro. Em 1941, a filósofa alemã Hannah Arendt chegava em Nova York com seu marido e sua mãe. Em 1950 recebeu sua cidadania norte-americana. Arendt ficou reconhecida por sua obra filosófica que denunciava e criticava os regimes totalitários europeus do século XX. Dos Estados Unidos, a filósofa publicaria suas obras mais fundamentais. Dos Estados Unidos, também, nasceria uma reflexão sobre memória, história e política no Ocidente que deveria levar em consideração a história norte-americana.

Em 1961, Arendt publicaria em Nova York seu livro *Between Past and Future*. O capítulo introdutório era dedicado a analisar o *gap* – a brecha, ou a fenda –

que se abriu na experiência do tempo, entre o passado e o futuro no Ocidente em algum momento entre o século XVIII e o próximo:

> A brecha, suspeito, não é um fenômeno moderno, talvez nem mesmo um dado histórico, mas é coetâneo com a existência do homem na terra. Ela poderia ser aquela região do espírito ou, antes, o caminho pavimentado pelo pensamento, esta pequena trilha de não-tempo no qual a atividade do pensar pulsa no interior to tempo-espaço do homem mortal and no qual as linhas do pensamento, do rememorar e da antecipação, salva qualquer coisa que eles toquem da ruína do tempo histórico e biográfico [54].

Para Arendt, esse fugaz e pequeno não-tempo/espaço que acontece na origem do tempo, ou seja – esta brecha ou fenda, diferente do mundo e da cultura no qual nascemos pode ser apenas apontado e de forma alguma herdado. Repetindo o que já vinha sendo um dos principais tópicos de sua reflexão, ela afirma que cada geração, cada novo ser humano enquanto insere a si mesmo entre o infinito passado e um futuro infinito deve descobrir e criar o seu próprio caminho. O problema seria, na verdade, que aparentemente nenhum de nós estaria nem equipado ou preparado para esta atividade do pensar, de se estabelecer na brecha entre o passado e o futuro. Arendt relembra que durante muito tempo em nossa história, através dos vários séculos que se seguiram à fundação de Roma e foram determinados por conceitos romanos, esta brecha foi construída sobre o que desde os romanos nós temos chamados tradição. Que esta tradição foi se desgastando cada vez mais enquanto o mundo moderno progredia não é um segredo para ninguém. Mas quando o fio daquela tradição rompeu, a brecha entre o passado e o futuro teria deixado de ser uma condição particular apenas da atividade do pensar e restrita apenas como uma experiência daqueles pousos que fizeram do pensamento seu primeiro negócio. Aquela brecha, que separou aquilo que antes era unificado, tornou-se uma realidade e perplexidade tangível a todos. Desde então, ela se tornou um fato de relevância política [55].

Em 1963, Arendt publicava *On Revolution*, uma tentativa de analisar o significado do conceito de revolução no mundo moderno e particularmente no século XX. No último capítulo, dedicado à análise da herança (tesouro) perdida da

---

[54] Hannah Arendt. "The Gap between Past and Future". In: *Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought*. New York: The Viking Press, 1961, p. 13. No original: "[…] The gap, I suspect, is not a modern phenomenon, it is perhaps not even a historical datum but is coeval with the existence of man on earth. It may well be the region of the spirit or, rather, the path paved by thinking, this small track of non-time which the activity of thought beats within the time space of mortal men and into which the trains of thought, of remembrance and anticipation, save whatever they touch from the ruin of historical and biographical time […]".

[55] Hanna Arendt. Op. Cit.

Revolução Americana de 1776 para as revoluções posteriores, Arendt retornava ao aforismo de René Char com o qual ela abria o capítulo introdutório de *Between Past and Future*. O aforismo é: *nossa herança não é precedida de nenhum testamento* [56]. Na abertura daquele capítulo, Arendt afirmava que nenhum outro acontecimento contribuiu de forma tão significativa para a destruição dos vínculos entre o velho e o novo mundo como a Revolução Francesa. A qual, segundo opinião de vários contemporâneos, talvez nunca teria acontecido sem o exemplo daquela que teve lugar no outro lado do Atlântico: a chamada revolução que deu origem à Independência dos Estados Unidos. Entretanto, Arendt chama a atenção para o fato de que a tradição revolucionária europeia no século XIX mostrou apenas um fugaz interesse pela Revolução Americana ou o desenvolvimento da república americana.

Arendt aponta que, ao lado do grande interesse teórico e de pensamento conceitual em torno da Revolução Francesa – o que teria contribuído em grande medida para o seu sucesso mundial, apesar do fim catastrófico – pouco, ou quase nada sobre a Revolução Americana teria sido produzido, o que contribuiu para o seu apagamento na contribuição do espírito revolucionário desde o século XIX. Tudo isso seria resultado de uma omissão histórica – ou falta de memória – a respeito da Revolução Americana. Arendt chega a falar de uma "contribuição americana" para a ignorância do mundo em relação à Revolução Americana, sua omissão em relembrar que foi uma revolução que deu origem ao país e que a república nasceu não por uma "necessidade histórica" nem por um desenvolvimento orgânico – como algo predestinado por Deus a acontecer – mas sim um por um ato deliberado e extremamente humano: a fundação da liberdade. Para Arendt, "[...] *essa falta de memória é responsável em larga medida pelo enorme* ***medo*** *americano às revoluções*, pois é exatamente esse medo que prova ao mundo em geral que ele está certo em pensar a revolução apenas como Revolução Francesa" [57].

Historiadores, filósofos, cientistas sociais tem chamado atenção para o fato de que esse pessimismo da virada do século XX para o século XXI se deve à imprevisível brecha que escancarou esvaziamento das grandes filosofias da história promovidas desde o século XIX e que enformavam as ações dos homens, que viviam

---

[56] No original: *Notre héritage n'est précédé d'aucun testament*.

[57] Hannah Arendt. "A tradição revolucionária e seu tesouro perdido". In: *Sobre a Revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 274-277.

em comunidades imaginadas e denominadas – Estados-Nação. Em 1992, o historiador norte-americano Francis Fukuyama causou um alvoroço no ambiente acadêmico Ocidental ao declarar o fim da história e o surgimento do último homem. Fukuyama relembrava, num mundo pós-1989 e pós-comunismo soviético, que os maiores pensadores do século XX atacaram a ideia de que a história era um processo coerente e inteligível. O pessimismo do autor tinha como ponto de partida o fracasso da atuação do progresso em instituições democráticas. Além disso, tal pessimismo não seria acidental, mas sim produzido pelos terríveis eventos políticos da primeira metade do século XX – as duas guerras mundiais, a ascensão das ideologias autoritárias e o mais importante: a virada da ciência contra o homem na forma de armas nucleares e danos ambientais. No lugar do progresso, o pessimismo. E as milhares de vítimas e vidas em jogo:

> A experiência de vida das vítimas da violência política do último século negariam a existência de tal coisa denominada progresso histórico. De fato, nos tornamos tão acostumados com a ideia de que o futuro contêm más notícias a respeito da sanidade e segurança das práticas políticas democráticas e liberais que nós temos problemas em reconhecer boas notícias quando elas aparecem [58].

O primeiro capítulo de *The End of History* é intitulado *Our Pessimism*. Novamente, Fukuyama continua afirmando que o século XX fez todos nós cairmos em um estado de profundo pessimismo histórico. É claro, ele diz, que poderíamos ser otimistas a respeito de nossas perspectivas pessoais a respeito de saúde e felicidade. Com o decorrer da leitura, fica cada vez mais claro que o seu livro é direcionado para uma audiência norte-americana (apesar de se dirigir também para outras nacionalidades). Fukuyama afirma que uma longa tradição de pensamento vinha repetindo aos Americanos (dos Estados Unidos) que, como um povo, eles eram continuamente esperançosos a respeito do futuro. Entretanto, quando generalizamos a questão sobre a possibilidade de um progresso na história, o veredito seria decididamente diferente. O cientista social afirma categoricamente – segundo ele, baseado em grandes pensadores do último século – que não existe tal coisa denominada História, ou seja: uma ordem de coisas que produzem um certo sentido dos amplos e variados eventos humanos. Sob a perspectiva da experiência histórica do

---

[58] Francis Fukuyama. *The End of History and The Last Man.* New York: Free Press, 2006 (1992), p. XIII. No original: "[…] The life experiences of the victims of this past century's political violence […] would deny that there has been such a thing as historical progress. Indeed, we have become so accustomed by now to expect that the future will contain bad news with respect to the health and security of decent, liberal, democratic political practices that we have problems recognizing good news when it comes".

fim do último milênio, tal experiência ensinava que o futuro tinha mais probabilidade de conter novos e inimagináveis desastres a partir de ditaduras fanáticas e genocídios sangrentos, banalização da vida através do consumo moderno e desastres sem precedentes esperam por nós, desde invernos nucleares até aquecimento global[59].

Para Fukuyama, o pessimismo do século XX deveria ser visto como um grande contraste ao otimismo do século XIX. Segundo ele, embora o oitocentos europeu tenha tido um início de convulsão provocado pelas guerras napoleônicas e pela revolução, mesmo assim aquele século teve paz e aumento em termos de bem estar material sem precedentes. O otimismo oitocentista tinha duas grandes bases de apoio. Em primeiro lugar, a crença de que a ciência moderna melhoraria a vida humana ao derrotar doenças e pobreza; a natureza seria domestica pela tecnologia moderna e serviria a fins da felicidade humana. Em segundo, governos livres e democráticos continuariam a se espalhar cada vez mais em nações ao redor do mundo, ajudados pelo "espírito de 1776 ou pelos ideais da Revolução Francesa" [60]. É claro que tudo isso não passou de um sonho, e "o fantástico crescimento econômico tornado possível pela ciência moderna tem um lado escuro, porque ele nos conduziu a severos danos ambientais em diversas partes do planeta, produzindo a possibilidade de uma eventual catástrofe ecológica global" [61].

Neste capítulo tentamos inverter a fórmula de Fukuyama, ou seja: tentamos mostrar como em meio ao século XIX podemos ver com grande clareza momentos de pessimismo, enquanto no século XX podemos vislumbrar lapsos de otimismo. Para isso, nenhuma cultura histórica ocidental poderiam informar tais elementos como a dos Estados Unidos. A cultura histórica daquele país se configurou, desde o século XIX, como o oposto de suas congêneres europeia e do restante das Américas. Enquanto a cultura histórica europeia e de suas ex-colônias na América (em particular as ibéricas) constituíram sua cultura histórica se voltando para o passado, numa tentativa de construir uma identidade histórica nacional a partir da reconstituição crítica daquele passado, aos Estados Unidos restaram apenas uma contínua esperança de uma realização histórica no futuro. Enquanto a Revolução Francesa e as independências latino-americanas abriram uma brecha entre o passado

[59] Francis Fukuyama. Op. Cit. p. 3-4.
[60] Francis Fukuyama. Ibidem.
[61] Francis Fukuyama. Op. Cit. p. 6-7.

colonial e o futuro das nações independentes a partir de uma leitura muitas vezes trágicas daqueles passados, nos Estados Unidos aconteceu o contrário.

Sobre isso, o historiador norte-americano Gordon S. Woods afirma que

> nós Americanos, diferente de muitos Europeus, temos uma tendência em ver nossa história como um produto de intenções conscientes e liderança intencional. Geralmente não pensamos em nós mesmos como presos em forças impessoais nos varrendo em direção a destinos que não escolhemos. O que é o mesmo que dizer que nós geralmente não temos uma trágica visão de nosso passado. Mas há em nossa história uma notável exceção: a Guerra Civil [...][62].

Precisamos concordar com Woods quando ele afirma que a grande narrativa histórica que a América tem produzido sobre si mesma desde a Independência do país em 1776 é uma história de esperança, não trágica. Entretanto, acredito ser mais urgente ainda reavaliar e reabilitar uma narrativa histórica dos Estados Unidos que amplie seus horizontes para além da Guerra Civil. O filósofo norte-americano Stanley Cavell também fala da relação entre os Estados Unidos e um passado trágico. Mas, diferente de Wood, Cavell afirma que tragédia é parte constituinte da identidade norte-americana. Segundo ele,

> Tragédias clássicas sempre foram nacionais, então não é uma surpresa que nações tenham se tornado trágicas. Dentre as grandes nações modernas que transformaram a tragédia em seu objeto, através de uma inexplicável perda de passado ou perda de futuro e autoderrota de promessa, em nenhuma delas a tragédia é tão entrelaçada em sua história e identidade como na América [Estados-Unidos] [63].

Para Cavell, os Estados Unidos tem uma perfeição inquietante para assumir aquele papel trágico em relação à sua formação identitária nacional. O país teve um princípio – umas gênesis – mítica, visível, talvez ambíguo, para si próprio e sua audiência: antes de existir a Rússia, existia a Rússia; antes de existir França e Inglaterra, já existia uma França e uma Inglaterra. Mas antes de existir uma América, não havia nenhuma América. América foi descoberta, e o que foi descoberto não foi um lugar, um lugar entre outros, mas um cenário, um pano de fundo de um destino.

---

[62] Gordon S. Wood. "Anachronism in History". In: *The Purpose of the Past: Reflections on the Uses of History*. New York: The Penguin Press, 2008. P. 30. No original: "We Americans, unlike many Europeans, have tended to see our history as the product of conscious intentions and purposeful leadership. We have not usually Thought of ourselves as caught up in large impersonal forces sweeping us along to destinies we have not chosen. Which is to say that we generally have not had a tragic vision of our past. But there is in our history one notable exception to this: the Civil War [...]".

[63] Stanley Cavell. "The Avoidance of Love: a Reading of King Lear". In: *Must We Mean What We Say?* Cambridge: Cambridge University Press, 1976, p. 344. No original: "Classical tragedies were always national, so perhaps it is not surprising that nations have become tragic. And of the great modern nations which have undergone tragedy, through inexplicable loss of past or loss of future of self-defeat of promise, in none is tragedy so intertwined with its history and its identity as in America […]".

Para Cavell, seu início foi um teatro. Sua Revolução, diferente da Inglesa e Francesa, não foi uma guerra civil. Foi combatida contra forasteiros estrangeiros. Seu ponto principal não foi reforma, mas independência. A Guerra Civil não foi uma revolução – o oprimido não se levantou, e a pauta não era a derrubada de um governo, mas secessão e união – em última instância, sua própria identidade [64].

"Guerra nuclear. Mudança climática. Pandemias que matam dezenas de milhares de pessoas. Estas são as ameaças com mais chances de acometer uma civilização organizada globalmente", diz o jornalista norte-americano Robinson Meyer para a revista *The Atlantic*, num artigo publicado digitalmente em 29 de abril de 2016. O artigo – intitulado "Human Extinction Isn't That Unlikely", algo como "A extinção humana não é algo tão improvável" – discute os resultados de uma pesquisa realizada pela Global Challenges Foundation, baseada no Reino Unido [65]. Em seu último relatório anual sobre riscos catastróficos globais, a fundação apresentou uma estatística que, segundo Meyer, é assustadora: no espaço de tempo de sua vida na Terra, um cidadão norte-americano teria cinco vezes mais chances de morrer em um evento de extinção humana do que em um acidente de carro. A cada ano, 9,395 pessoas morrem em acidentes de carro no país (traduzido em percentagem, o número é de 0.01% do total da população ao ano). Em uma longa escala de tempo, 1 em cada 120 norte-americanos morrem em decorrência daquele tipo de acidente.

Por outro lado, o risco de extinção humana devido à mudanças climáticas ou uma possível guerra nuclear teriam um grau de probabilidade muito maior. Segundo o relatório *The Stern Review*, também produzido na Inglaterra e cujo objetivo é discutir a economia das mudanças climáticas, estima-se o risco anual de extinção humana em uma taxa de 0.1%. Tal número pode parecer ínfimo, mas se levada em consideração uma escala baseada em um século, a estimativa é muito maior do que aquela de acidentes de carro. Nesse sentido, a Global Challenges Foundation calcula uma estimativa de extinção humana em 9.5% nos próximos 100 anos. Dentre os eventos que ameaçam o desparecimento da raça humana a nível global, catastróficas mudanças climáticas e guerras nucleares estariam muito à frente de outas possibilidades. Ambos os relatórios citam a extremidade dos eventos que aconteceram desde a segunda metade do século XX, um período no qual o nosso mundo viveu sob

---

[64] Stanley Cavell. Op. Cit. p. 344-346.

[65] Robinson Meyer. "Human Extinction Isn't That Unlike". In: *The Atlantic*, April 29, 2016. Versão digital. Disponível através do link: http://www.theatlantic.com/technology/archive/2016/04/a-human-extinction-isnt-that-unlikely/480444/ (Consultado em 30 de Abril).

eminentes ameaças de aniquilação. Em sua maioria durante a Guerra Fria, quando as frequentes ameaças nucleares inspiravam uma constante angústia sobre a possibilidade do extermínio de milhares de inocentes.

Guerras nucleares, mudanças climáticas – mas também outras ameaças não correlatas com a arrogância tecnológica. A jornalista norte-americana Kathryn Schulz venceu o Pullitzer Prizer deste ano com uma matéria para a revista *The New Yorker* sobre um terremoto de dimensões incomensuráveis que atingirá a costa leste dos Estados Unidos. O artigo se transformou em um viral quando foi publicado em julho de 2015, provocando pânico entre leitores nas redes sociais. Intitulado "The Really Big One", Schulz inicia seu artigo com uma afirmação apocalíptica, assustadora e categórica: "um terremoto destruirá uma grande parte da costa Noroeste [dos Estados Unidos]. A questão é: quando?". A conformação geológica quer irá se romper, à qual os cientistas chamam de "Cascadia subduction zone", acarretaria o pior desastre natural na história do país. Comparando este com outros desastres considerados naturais – aproximadamente 3 mil pessoas morreram no terremoto em San Francisco em 1906; quase duas mil morreram no Furacão Katrina (2005) e trezentos no Furacão Sandy (2012) – a Agência Federal de Gerenciamento de Emergência dos Estados Unidos[66] estima que aproximadamente treze mil pessoas morrerão em decorrência do terremoto e consequente tsunami provocado pela ruptura da *Cascadia*. Outras vinte e sete mil pessoas terão ferimentos leves à graves. A agência espera ter que conceder abrigo a milhões de desabrigados, além de providenciar água e comida para outros dois milhões e meio de pessoas [67].

Soma-se ao quadro de possíveis catástrofes as chances de uma super erupção vulcânica ou um asteroide atingir o planeta a cada ano. Independente do tipo de acontecimento, ambos devastariam o ponto zero do impacto (*ground zero*). Mas também lançariam uma quantidade incomensurável de poeira na atmosfera, bloqueando a luz solar ou aumentando a temperatura global significativamente. E não para por aí: pandemias naturais poderiam impor um risco de extinção ainda maior. Meyer aponta que, nos últimos dois milênios, os únicos dois eventos que especialistas consideram catástrofes globais em grande escala foram as pestes que devastaram a Europa na Idade Média e fim da Antiguidade Clássica. A *Peste Negra* de 1340

---

[66] No inglês: Federal Emergency Management Agency (FEMA)

[67] Kathryn Schulz. "The Really Big One". *The New Yorker*, July 20, 2015 Issue.. Disponível em: http://www.newyorker.com/magazine/2015/07/20/the-really-big-one .

diminuiu a população mundial em 10%. Oito séculos antes, uma epidemia causada pela *Yersinia pestis bacterium* – "A Grande Praga Justiniana" entre 541-542 – matou algo entre 25 e 33 milhões de pessoas: 13 a 17% da população mundial naquele período. Meyer afirma que nenhum evento chegou perto desses números no século XX, nem mesmo se contadas as vítimas das duas grandes guerras: 1% da população mundial pereceu na primeira, 3% na segunda. A Gripe Espanhola matou algo em torno de 2.5 a 5%, o número mais próximo dos índices de mortalidade das pandemias medievais.

Mudanças climáticas impõem seus próprios riscos. Segundo Meyer, mesmo veteranos da ciência climática sugerem atualmente que o aquecimento global produzirá imensas tempestades continentais até o fim do século XXI. Dados das Nações Unidas apontam um aumento calculado entre 6 a 10 graus Celsius na temperatura média do planeta, mesmo com uma drástica (e impossível) diminuição de emissão de gás carbônico. O aquecimento global está presente na agenda de debate e engajamento de várias organizações sem fins lucrativos, nas discussões propostas pelo atual Papa Francisco e em diversos encontros de líderes mundiais. Sempre causando um certo desconforto, uma *verdade inconveniente* [68].

Em seu último livro, intitulado *This Changes Everything* e publicado em 2015, a ativista social canadense Naomi Klein – reconhecida internacionalmente em sua luta contra o corporativismo global das grandes empresas e do capital – discute a relação entre as mudanças climáticas e o atual modelo econômico mundial: "nossa economia", afirma, "está em guerra com várias formas de vida na Terra, incluindo a vida humana". Ao colocar o tema das mudanças climáticas no epicentro de uma batalha entre o capitalismo e o planeta, Klein afirma que não haveria nenhuma novidade naquela afirmação. Numa batalha que já está acontecendo, até agora o capitalismo seria o grande vencedor. Suas pequenas vitórias diárias seriam declaradas cada vez que a necessidade do crescimento econômico em algum lugar do planeta é usada como desculpa para adiar uma ação mais rígida contra as atuais condições climáticas. O capitalismo venceria, por exemplo, cada vez que seria dito à população atual da Grécia que a única porta de saída de sua atual crise econômica seria a abertura de seus mares para a exploração de petróleo e gás. Ele vence cada vez que

---

[68] *An Inconvenient Truth* é o título do documentário, lançado em 2006 e realizado por Davis Guggenheim sobre o ex-vice presidente norte-americano Al Gore e sua campanha de conscientização para a população norte-americana sobre o aquecimento global.

nós aceitamos a ideia de que nós apenas temos escolhas ruins disponíveis: austeridade ou extração, envenenamento ou pobreza [69].

Além do embate econômico, Klein denuncia como a agenda política ocidental também afeta as mudanças climáticas, acusando líderes políticos de evitarem tomar soluções efetivas para aquele problema: "Mudanças climáticas nunca receberam um tratamento como uma crise real por parte de nossos líderes, apesar do fato de que este problema carrega o risco de destruir mais vidas em larga escala do que colapsos bancários ou colapsos em prédios" [70]. Soma-se ao âmbito político e econômico questões éticas e filosóficas que escancaram a inconveniência da verdade deflagrada pelas mudanças climáticas: para Klein, tal situação tornou-se em um problema em termos de crise existencial para a espécie humana: "Sabemos que se continuarmos com nossa atual atitude permitindo o aumento da emissão [de gás carbônico] a cada ano, mudanças climáticas irão alterar tudo em nosso mundo" [71]. Em última instância, o quadro da situação atual do clima no planeta, junto com as pessimistas previsões para o futuro, levariam a crer – reafirmando os estudos realizados pela Global Challenges Foundation – no extermínio da espécie humana.

Contudo, Klein tenta retirar forças deste cenário pessimista para, a partir dele, encontrar uma solução que possa desenfrear uma catástrofe anunciada. A autora menciona o surgimento de o que ela chama de *movimento de justiça para as mudanças climáticas*, o qual acreditaria que o estágio crítico no qual vivemos poderia servir como uma força propulsora para uma mudança positiva baseada em reflexões, por exemplo, de

> qual poderia ser o melhor argumento que progressistas tem feito para exigir a *reconstrução* e *renascimento* de economias locais; para *recuperar* nossas democracias da corrosiva influência corporativa; para evitar os danos de um novo livre mercado e *reescrever* antigos; investir em sucateadas infraestruturas públicas como transporte público e moradias acessíveis; tomar de volta a propriedade de serviços essenciais como energia e água; *recriar* nosso doente sistema agrário em algo mais saudável; abrir as fronteiras para imigrantes cujo deslocamento é ligado aos impactos climáticos; e finalmente respeitar os direitos das terras indígenas – ou seja, tudo aquilo que ajudaria a romper os grotescos níveis de desigualdade entre as nações e dentro de seus territórios.[72]

---

[69] Naomi Klein. *This Changes Everything: Capitalism vs The Climate*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2014. p. 23.

[70] Ao mencionar colapsos de prédios (building colapses), Klein supostamente estaria falando das torres gêmeas do World Trade Center atingidas por dois aviões guiados por terroristas em setembro de 2001. Idem, p. 6.

[71] Idem, p. 15.

[72] Idem, p. 7. No original: "(…) how it could be the best argument progressives have ever had to demand the *rebuilding* and *reviving* of local economies; to *reclaim* our democracies from corrosive

Reconstruir, reviver, reclamar, reescrever: essas ideias reforçam um desejo de um passo atrás, um desejo de viver num mundo quando tais catástrofes não existiam. A crença em um futuro melhor – promovido pela grande promessa de progresso desde o século XIX – um março divisório e um remédio que a Modernidade inventou para si mesma – parece não estar mais disponível atualmente. Com o desgaste do cronótopo historicista, no qual o futuro move incessantemente em direção oposta ao passado, a ideia de um futuro cada vez melhor cedeu lugar para a anunciação de um futuro destrutivo. A inauguração de uma nova experiência do tempo nas últimas décadas tem sido marcada pela simultaneidade de imagens do passado que invadem o presente (e as expectativas de futuro). Nesta nova experiência do tempo, o presente se torna um lugar ameaçador. Além disso, as ameaças climáticas que tomam conta da agenda do dia apenas nos relembram que alguma coisa foi negligenciada no passado e agora está reclamando por justiça.

A subject so interesting to the life and happiness of man

President Thomas Jefferson (1743-1726) founded the *U.S. Coast and Geodetic Survey* in 1807. Its purpose was to provide nautical charts to the maritime community for safe passage into American ports and along the extensive coastline of the country. Decades later, the *Weather Bureau* was founded in 1870 and, one year later, the *U.S. Commission of Fish and Fisheries*. These organizations can be considered the first attempt in America to build a physical science agency that was dedicated specifically to the atmospheric sciences. The three agencies were brought together in 1970 with the establishment of the *National Oceanic and Atmospheric Administration*. Its mission: "*to understand and predict* changes in climate, weather, oceans, and coasts, to share that knowledge and information with others, and to conserve and manage coastal and marine ecosystems and resources" [73]. In February 15, 2016, a newsletter released by the agency, entitled **NOAA satellites helped save 250 lives in 2015**, reported that

---

corporate influence; to block harmful new free trade deals and *rewrite* old ones; to invest in starving public infrastructure like mass transit and affordable housing; to take back ownership of essential services like energy and water; to remake our sick agricultural system into something much healthier; to open borders to migrants whose displacement is linked to climate impacts; *to finally respect Indigenous land rights* – all of which would help to end grotesque levels of inequality within our nations and between them".

[73] http://www.noaa.gov/our-mission-and-vision

> last November in the skies north of Las Cruces, New Mexico, a U.S. Air Force pilot ejected from his F-16 fighter jet. When he safely reached the ground, the signal from his personal locator beacon […] was prompted picked up by NOAA satellites; the same spacecraft that help predict and track weather in the United States. That distress signal set into motion a coordinated rescue mission that brought him safely back to his family [74].

What about the others 249 lives? We are informed that 138 rescues were on the water, 21 were aviation incidents, and 91 were land-based events. Thus, we can conclude that it is undeniable how the knowledge accumulated and produced by the National Oceanic and Atmospheric Administration agency is of utmost importance not just for the national and international scientific community, but also to forecast natural disasters and from that (possibly) save hundreds and millions of lives in one of the biggest and most important countries in this day and age. But, one question resists: could all the advanced knowledge, devices, and scientific techniques provided by the NOAA agency also help to deal with possibly catastrophic aftermath of natural disasters?

In later August 2005, the United States of America was hit by one of the strongest storms to impact the coast of the country during the last 100 years. A report released by the NOAA in December 29, 2005, stated that cities like Mobile (Alabama), Gulfport (Mississippi), and New Orleans (Louisiana) "bore the brunt of Katrina's force and will need weeks and months of recovery efforts to restore normality". Ten years later, in August 26, 2015, journalist Carl Bialik wrote an article entitled "We Still Don't Know How Many People Died Because of Katrina". For Bialik, "there's still no memorial listing the names of Katrina victims, still no way to know how many remain uncounted or unidentified, and still no agreement on how to count victims if a storm of Katrina's impact hits the U.S. again. Ten years on, we're still in the dark" [75]. In that occasion, Bialik interviewed John Mutter, a geophysicist at Columbia University, which was more familiar with earthquakes than hurricanes before Katrina. When the official deaths counts kept rising and the numbers released, Mutter began to looking into it. He was interested in what standards existed for counting how many people were killed by a hurricane. Then he discovered: that are not any – "They made their own". Mutter said that the U.S does not know how to

---

[74] http://www.noaa.gov/stories/noaa-satellites-helped-save-250-lives-2015

[75] Carl Bialik. "We Still Don't Know How Many People Died Because of Katrina". *FiveThirtyEight*. August 26, 2015. On Line Version. Cf. http://fivethirtyeight.com/features/we-still-dont-know-how-many-people-died-because-of-katrina/ (Consulted in February 18, 2016)

measure that. “As a scientist”, he said, “I found this unusual […]. We measure things, know what sizes of error there are, the probability distribution, the uncertainties. It just struck me as odd we didn’t know this for natural disasters”. Meanwhile, Bialik says that the “NOAA’s work on the death toll hasn’t ended”. After the hurricane, the flood. 80% of New Orleans was flooded right after the city’s levees failed. No power or drinkable water. After the hurricane, and flood, the diseases: the Katrina unleashed several illnesses like gastrointestinal, respiratory, wounded and skin infections.

If science and politics have some struggles to deal with the aftermath of this kind of natural catastrophes in the present day, there was a time that people believed that history could save us from it. And it is worth to notice how this kind of event sheds light to some issues about an existential crisis that, every so often (and at least in the last two hundred years), haunt us. The specter of Hurricane Katrina haunts New Orleans till today. There is something about natural disasters latched to the American history. If we want to understand it, we should give more attention to how hurricanes, floods, earthquakes, and other natural disasters can reveal an important and urgent character of that history. Katrina was not the first catastrophe of that type in the United States, and possibly will not be the last one.

This is because a specter was also haunting the atmosphere in America at the twilight of 18th century – a specter of epidemic diseases. Back then, several deaths were caused by some illness as yellow fever, influenza, scarlatina anginosa, dysentery, etc. Writers from several fields, as physicians, doctors, and man of letters nation-wide started an investigation which tried to link the several epidemic cases in America to some unusual changes in the weather, likewise odd transformations in the Earth climate. With this in mind, I would like to suggest that we take a look, randomly, in some opinions and conclusions on two specific years that play an important role in the Western thought: 1776 and 1789. According to historical records, the winter in 1776 was really severe in Europe: the cold temperature that year exceeds tremendously that of 1740, until then considered one of the worst winters of the 18th century. The Thames River in London froze. Meanwhile, the summer in America was marked with the highest temperatures, while the northeast states had to face a very rainy weather. An epidemic dysentery affected several soldiers in the American army during the war, while they were in New York right before the independence of the former English colony was declared.

Back then, some people started to accusing American troops of spreading the diseases when they were back home. But, according to some accurate witnesses, most of the places where one could find some record of it had no contact with the American troops or any other foreign one. Its appearance could have been triggered by a particular state of the atmosphere, they said, helped by the seasons. Further, scholars started to reason about other causes that could disbelief the rumors about the possible relation between the American troops and the appearance of that epidemic. They found information about that epidemic back in 1773 – two years before the beginning of the war. At that date, the epidemic was very fatal and violent in several and different places over the country. Besides, the same disease had spread over the country in other occasions, also in peacetime, as we could see in Maryland in 1793 and New Haven in 1795. Between 1773 and 1777, a like disease could be found also in many countries in Europe. Therefore, any conclusion should consider that something was going on in the atmosphere of the Earth, because those epidemics were occurring in different countries and continents at the same time, with no apparent connection.

In 1789, the winter in America was of an unusual cold. At the morning of February 2, the mercury thermometers marked 28º Fahrenheit (approximately -2º Celsius) at Hartford, Connecticut, although that winter was not colder than those of 1780 and 1784. In Europe, the winter was more severe than the usual. The frost penetrated to the southern parts of Portugal and Spain: the rivers in Estremadura and Alentejo were covered with ice. By March, the Pyrenees were involved in deep snow.

On the 28th of May 1789, a most singular halo appeared in the sky of Connecticut. That natural phenomenon seemed, for some contemporary citizens, to indicate the approach of tempestuous weather, and was in this instance, followed by a heavy wind and rain. Such natural event, when of a singular brightness or extent, was understood as indicating a state of the atmosphere highly electrified, followed by tempestuous weather and numerous and violent storms. When people in Connecticut looked at the sky that day, they reminded of the hurricane that took place in 1780: it was preceded by as remarkable haloes. But there is more. Such natural event was considered surprising and, to some minds, awful. A clergyman, who died right after that, wrote a moral essay on the occasion in which he predicted great calamities to happen such as an unusual number of flies, caterpillars, locusts, and dearth of corn. In

his opinion, these events were a sign that "the arm of the Lord was extended in wrath over our land".

In fact, the crops in America were seen thin since 1788. When the spring came up in 1789, the country experienced a dearth approaching to famine. In Vermont, people were reduced to a diet based on tad-poles boiled with pea-straw. It is not that the human race was threaten by starvation to death, but we can learn that some people died in consequence of bad diet. The cattle perished in considerable numbers, according to some gazette accounts of the day. The spring of 1789 was unusual cold and the vegetation tardy, "beyond what could be recollected by the oldest persons living". That summer was excessively hot, and "the hydrophobia showed itself in America early in 1789". A man in the state of New York died in July as a result of that disease, taken as was supposed when he skinned a cow that died of that disorder in the April preceding. In Maryland, the autumn was marked by an unparalleled mortality among horses.

In Europe, the crops did not go well also that year. England, Holland and France suffered the most tragic effects from it. In the streets of Paris everybody could hear the cry of "*bread, bread*" everywhere. Many riots and mobs marked the distress of the inhabitants. And we all know where this story ended up. In October of that same year, the Vesuvius was in a state of constant eruption for several weeks, discharging small streams of lava. On the 29th of October, at 2 P.M, Kentucky was covered by a tick darkness, which lasted for at least two hours. Therefore, scholars started to connect the dots: it was observed that this darkness, plus the beginning of the influenza in America coincided in time with the eruption of Vesuvius and many earthquakes. For some men living at the end of the 18th century, those universal disorders in the natural elements of Earth were understood as never fail to produce epidemic diseases. According to them, those related events were "the heralds of the most severe period of sickness that has occurred in the United States for 30 years". Meanwhile, the yellow fever epidemic killed more than a hundred thousands of people in the East Coast of the United States between the end of 18th and the beginning of the next one [76].

---

[76] Noah Webster. *A Brief History of Epidemic and Pestilential Diseases; With the Principal Phenomena of the Physical World, which Precede and Accompany Them, And Observations Deduced From the Facts Stated.* Two Volumes. Vol. I. Hartford: Printed by Hudson & Goodwin, 1799. For the accounts of the years 1776 and 1789, we used mostly the information given in the Sections VII and VIII.

***

If we know how these things happened more than two hundred years ago, certainly we have to acknowledge Noah Webster (1758-1843) for that. Today, he is most known as the Father of American Scholarship and Education and the synonymous of dictionary in the United States. But Webster was also member of several academies and learnt societies[77]. Like many others man of letters and of science back then, he became to be concerned about those epidemics diseases when they started to become more often at the end of the 18th century in America. For Webster, this concern was rose between 1789-90, when the influenza epidemic started. The appearance of the scarlatina anginosa in 1793 rekindled that curiosity. But Webster were about to dismiss that concern when a malignant fever outbroke in New York in 1791, exciting a tremendous alarm in the city, with some news getting to Hartford, when Webster then resided. In autumn 1793, a "pestilential state of air" arrived to its peak in Philadelphia: the yellow fever spread mortality and dismay from August to November. A year later, that epidemic reached New Haven. In 1795, it took New York, Baltimore and Norfolk. According to Webster, "the fatality of the disease spread consternation through the United States, and excited apprehensions in Europe"[78].

With this utterly awful "atmosphere" of apprehension, fear, and awareness trigger by those epidemics, Webster decided to start what he called – a *collection of facts*. That kind of information were required by him from all parts of the United States where the yellow fever, or other evil disease could be found during the preceding years. In October 31, 1795, he addressed a circular letter to physicians not only of Philadelphia, New York, Baltimore, Norfolk, New-Haven (cities that had been suffered with a tremendous consequences of the yellow fever epidemic), but also in general throughout the country. The letter required those men to send back to him whatever facts and information they could found about the yellow fever and other diseases.

Then he went to books and started an accurate research in the most important libraries in the United States at that time. The subject, according to him, was new. He could not find any treatise, history, or memory that could contemplate that subject.

---

[77] He was member of the Connecticut Academy of Arts and Sciences; the Society for the Promotion of Agriculture, Arts and Manufactures; the American Academy of Arts and Sciences and corresponding Member of the Historical Society of Massachusetts.
[78] Noah Webster. P. Vi.

Only some traces here and there. After three months of investigation, Webster was persuaded that "those facts [were] of too much importance to philosophy, to medicine and to human happiness, not to merit publication". "I had", he said, "no preconceived system to maintain. My view was to collect facts and from them to deduce TRUTH"[79]. Afterwards he decided to write a history. In fact, it was a *brief history*. But still a work that one could call – history. In 1799, Webster brought to light his work entitled *A Brief History of Epidemic and Pestilential Diseases; With the Principal Phenomena of the Physical World, which Precede and Accompany Them*. The accounts were made from the earliest Christian era till 1799, which included the last epidemic period in the East Coast of the United States.

To write his historical narrative about the *American plague*, Webster consulted many authors – ancient and moderns. However, from the date of the earliest historical records, he found that the opinions of those scholars and historians had been divided mostly on the subject of the causes and origins of pestilential diseases. Enquires raised by physician and philosophers was sort of baffled, investigations repeated and, at the end of the day, he could not drawn any satisfactory conclusions. Nevertheless, for Webster there was a remarkable distinction between the ancients and moderns scholars on that issue. The ancients derived their knowledge and science mostly "from personal observation, as they had very few books and little aid from improvements of their predecessors". Moreover, the ancients were more aware about the possible connection between the pestilential diseases and the changes in the seasons, the revolutions of the heavenly bodies, extraordinary vicissitudes in the weather, and to aspects of the planets. On the other hand, the modern philosophers and physicians were not open to see in the influence of the planets one of the reasons of the appearance of epidemic diseases and, for Webster, they had to resort "to invisible animalculæ, and to infection concealed in bales of goods of old clothes, transported from Egypt or Constantinople, and let loose, at certain periods, to scourge mankind and desolate the earth"[80].

From all the opinions that one could gather at that time concerning the pestilent diseases, Webster said that all of them were weak, contradictory, absurd or inaccurate. For him, this subject should take more attention from men of letters, because

---

[79] Webster, p. Ix.
[80] Webster, p. 10.

> *a subject so interesting to the life and happiness of man, deserves most critical and laborious enquiry*. A subject which concerns the lives of millions of the human race ought not to be abandoned by the man of science, until every effort to find the truth shall have been exhausted. *Yet strange as it may appear, even a history of pestilence that all devouring scourge which has swept away a large portion of the human race in every race*, is yet a desideratum in our libraries [81].

Webster was willing to pursue the idea that suggested the probability that pestilential epidemics were caused by some occult qualities in the air, or by vapor from internal parts of the Earth, or by planetary influence. For this purpose, it would be necessary to investigate the occurrence or phenomena in the physical world as earthquakes, eruptions of volcanoes, appearance of comets, violent tempests, unusual seasons, and other singular events which could tell a history either of the causes and effect of those epidemic diseases. But, to rescue this kind of historical records from oblivion was a difficult task for the historian at that time, especially when modern historical compilations, Webster said, was almost useless on this subject. The most important and celebrated historians of that age, as "[…] Hume, Robertson, Smollet, Rapin, and Gibbon have passed over most of the plagues which have desolated cities and countries, without notice, or with some general remarks which afford little light on the subject or their origin"[82]. The reason for inaccurate information about subjects as epidemics and diseases was due primarily to the choice that historians had made till then. It was not they did not know about those issues – they simply decided not to write about them:

> Most modern writers appear to think every thing beneath their notice, except war and political intrigues. They detail, with disgusting minuteness, whatever relates to the destruction or annoyance of mankind by the ambition of princes and demagogues; while *they omit or slightly mention whatever regards the civil and domestic economy, the private manners and habits, the arts, the health, and the social happiness of nations*[83].

And until that current situation could change, the American readers would not "acquire an accurate and comprehensive knowledge of history"[84].

As we can see hitherto, Webster's concern about the epidemics diseases that hit the country by the end of the 18th century led him to produce a historical account about them, so he could understand, from older information, how those epidemics could strike, where they came from, and how one could relate them with natural

---

[81] Webster, p. 21.
[82] Webster, p. 22.
[83] Webster, p. 22-23.
[84] Webster, p. 23.

events as earthquakes, hurricanes, floods, and so forth. But this situation could also be considered an excuse to call for a new way to understand and write about the past. Until then, historians had written history only through the lens of wars and political intrigues. In one hand, that traditional way of historical writing – actually the only way history was supposed to be written – was formulated by Ancient historians that established the task of the historian as one that should write about political subjects. History was considered as a mosaic of stories, several exemplary accounts that one in the future could learn how to act in certain political situations. It was not understand as an accurate investigation of the past, but as a moral subject that was supposed to teach how men should behave in the political sphere [85]. On the other hand the civil and domestic economy, the private manners and habits, the arts, the health, and the social happiness of nations, the kind of history that was being demanded by Webster, was never considered as a subject of the historian. Those subjects were treated by what Arnaldo Momigliano once called *antiquarians*: a kind of man who despised politics and was interested about the past without being concern about history [86].

Momigliano was always fascinated about the antiquarians – ancient and moderns – and their contribution for the establishment of modern historiography in the 18th century. For him, the modern historiography was born by the convergence of two different intellectual traditions: the *histoire philosophique* à Voltaire and the research about the Antiquity – brought together for the first time in Edward Gibbon's history on the he decline and fall of the Roman Empire. But, as we can see, the name of Gibbon didn't enjoy an irrevocable reputation as the founder of a new and revolutionary way of writing history at the second half of the 18th century. Webster's opinion about Gibbon – as well as about other English historians of that time – only shows us how a new approach over the past was still being configured. His *brief history* and a call over a new kind of historical writing, along with his distrust over the historians of his time, can reveal the tensions that helped to shape the *fin-de-siècle* historiography not only in Europe but also specially in America.

Webster's understanding of what history should be considered is aligned with a world-wide literary system that was calling for a new kind of writing history which

---

[85] Reinhart Koselleck. "*Historia Magistra Vitae* – sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento". In: *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.* Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, pp. 41-60.

[86] Arnaldo Momigliano. "The Rise of Antiquarian Research". In: *The Classical Foundation of Modern Historiography*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press. 1990, pp. 54-79.

should no longer be satisficed only in pursue a narrowly defined narrative of public action but, in addition, comprehend a whole range of experiences that were best defined as social – what Webster called *the civil and domestic economy, the private manners and habits, the arts, the health,* and so forth [87]. According to Mark Salber Phillips, which analyzes the task of historical genres in British historiography at the of the 18th century, the redefinition of boundaries on so much wider scale pursuit by historians between the 18th century and the beginning of the next did not mean that historians started to eliminate the frames of political-military history of their historical horizons. In the most literal sense, says Phillips, political narrative retained its priority. But he also says that in this enlarged context, "there was an inevitable displacement of the older narrative within the broadly drawn horizons of a new history that *took society, not politics*, as its definition". As a result, political and military events – and the landmark of the humanist historiography – now figured as just one theme in a multiplicity of possible plots.

The argument of Phillips about the reshaping of British historiography from the second half of the 18th is based on the idea that one who was interesting in write history at that time should be aware to address its "enlargement of history's social vision to the needs of present-day audiences in a great commercial and polite nation". It means not only that, but also that individual readers had the freedom to single out themes most appropriate to their private occupations. For Phillips, in a country rich in trade, in arts, and in knowledge, as was England at that time, "what could be more 'natural, laudable, and useful' than the enlarged curiosity about the past?" [88] But unlike that specific kind of audience, one that we could only find in England – among others "civilized" nations in the planet – at the end of the 18th century, the will for a truly knowledge about the past in Webster's concerns were triggered not by the demands of a great commercial and polite nation, even because America was not a important player in the concert of nations that time. What trigger that shift in Webster's concern about history were the possibility of the extermination – and afterwards – the oblivion of the society caused by serious natural disasters and epidemic diseases. The recent discovery of the ruins of Herculaneum and Pompeii in the first half of the 18th century (which were destroyed by an eruption of Vesuvius in

---

[87] Mark Salber Phillips. *Society and Sentiment. Genres of Historical Writing in Britain, 1740-1820*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 4.
[88] Mark Salber Phillips. Op. Cit. p. 5-6.

79 A.C), in addition to natural disasters of great magnitude as the earthquake that destroyed almost completely the city of Lisbon at the end of 1755 helped to arise a feeling and sentiment about the past that is one of the main characters of our Modernity.

But there is more: Webster remind us that a pestilential period seems to have begun in 1769, and to have been first displayed in the drought and famine in India, followed by a plague in Turkey, and some unnatural climate events in Europe and America. This coincided with the appearance of comets, volcanic eruptions, earthquakes, tempests, and a series of most fatal diseases. About this time, there was an eruption of fire in Derby, Connecticut. It happened on a steep bank where it made a large excavation in the earth, throwing trees and stones to some distance. A light was seen on the spot in the evening before the explosion. It was accompanied with a loud report, and some fossil substances were ejected, which were analyzed by Dr. Æneas Munson (1734-1826) in New Haven, and found to contain arsenic and sulfur. Those fossils found in Connecticut literally tells us a story about an specific consciousness that started to emerge by that time: *a consciousness that every information from the past was inevitably loose, discontinuous, lacunar: based on a huge mass of fragments and ruins*.

Capítulo 2

The Man in the Moon: esperança lunar, violência na Terra

No dia 23 de março de 1775, Patrick Henry (1736-1799), um dos principais nomes dentre os *founding fathers*, entregava um discurso na *Second Virginia Convention* at St. John's Church em Richmond intitulado *Liberty or Death!* Em determinado momento podemos ler a seguinte passagem: "I have but one lamp by which my feet are guided, and that *is the lamp of experience*. I know of no way of judging of the future but by the past (…)"[89]. Não precisamos de muito mais do que esta pequena passagem para perceber que, às vésperas da Independência Americana, olhar para o passado desempenhava um papel central para a ação política, para vislumbrar o horizonte de expectativa no qual um futuro possível se configurava. Para julgar o futuro, bastava olhar para o passado: neste caso, a história ainda portava alguns exemplos que poderiam, em algum momento, ser utilizados para uma necessidade de ação política.

Algumas décadas depois, aquela sociedade que Henry havia ajudado a fundar era objeto da investigação do francês Alexis de Tocqueville (1805-1859). *Democracy in America* foi publicada em duas partes: a primeira em 1835, a segunda em 1840. Àquela altura, todos os homens que haviam ajudado a funda a América já estavam mortos [90]. No último capítulo da segunda parte de *Democracy*, Tocqueville demonstra como a experiência de Henry não é mais visível e aparentemente não existe nenhuma *lamp* que possa iluminar o caminho:

> The society of the modern world which I have sought to delineate, and which I seek to judge, has but just come into existence. Time has not yet shaped it into perfect form (…).
>
> Although the revolution which is taking place in the social condition, the laws, the opinions and the feelings of men, is still very far from being terminated, yet its results already admit of no comparison with anything that the world has ever before witnessed. I go back from age to age up to the remotest antiquity: but I find no parallel to what is occurring before my eyes: as the past has ceased to throw its light upon the future, the mind of man wanders in obscurity. [91]

---

[89] Patrick Henry. "Liberty or Death!". In: Jenny H. Stickney. *A Fifth Reader*. Boston: Ginn & Company, 1892, p. 27.

[90] Citar a passagem do livro de história literária que diz isso.

[91] Alexis de Tocqueville. *Democracy in America. Part the Second: The Social Influence of Democracy*. Translated by Henry Reeve. New York: J. &. H. G. Langley, 1840, p. 352.

No ano em que se comemorava o 150º aniversário da Independência dos Estados Unidos, ou seja, 1926, o físico e engenheiro norte-americano Robert Goddard (1882-1945) lançou com grande sucesso o primeiro liquid-fueled rocket no dia 26 de Março daquele ano em Auburn, Massachusetts. Goddard nunca recebeu muita atenção na época, embora veio a ser reconhecido como *founding father* of modern rocketry at the dawn of Space Age in the 1950' [92]. Enquanto Goddard talvez sonhasse com o dia em que o homem saísse da Terra em direção ao espaço, Archibald MacLeish (1892-1982), três vezes ganhador do Pulitzer Prizes e Librarian of Congress publicou, também em 1926, seu livro de poemas intitulado *Streets in the Moon*. Um dos poemas é intitulado *No Lamp Has Ever Show Us Where to Look*: "No lamp has ever show us where to look./Neither the promiscuous/And every-touching moon (...)"[93]. Julgar o futuro com a experiência do passado não era mais possível. O mundo desenhado por MacLeish se aproxima mais da angústia da Modernidade de Tocqueville do que o mundo sonhado por Henry em 1776. Mas talvez essa fosse uma característica daquele momento em todo o Ocidente, marcado pelo período entre-guerras, no qual vislumbrar qualquer imagem do futuro poderia ser muito arriscado, quando mesmo impossível.

Entretanto, anos depois alguma coisa mudou, o sentimento de MacLeish expresso no poema de 1926 sofre uma transformação otimista. No dia 21 de julho de 1969, seu poema *Voyage to the Moon* foi publicado na capa do *The New York Times*.

> (…) From the first of time,
> before the first of time, before the
> first man tasted time, we thought of you.
> You were a wonder to us, unattainable,
> a longing past the reach of longing,
> a light beyond our light, our lives – perhaps
> a meaning to us…
> Now
> Our hands have touched you in your depth of night (…).

Este poema de MacLeish saiu na capa da edição especial do *The New York*

---

[92] Para mais informações a respeito do trabalho de Goddard, conferir: Robert Hutchings Goddard. *A Method of Reaching Extreme Altitudes*. Washington: Smithsonian Institution, 1919.

[93] Archibald MacLeish. *Collected Poems, 1917-1982*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1985.

Times que trazia a seguinte notícia: MEN WALK ON MOON: ASTRAONAUTS LAND ON PLAIN; COLLECT ROCKS, PLANT FLAG. No dia 20 de julho de 1969, "the day began on the far side of the Moon" para os tripulantes da Apollo 11. No momento em que Armstrong deu o primeiro passo na Lua, imediatemente Houston reminded him to gather the "'contingency sample', and Neil put some rocks and soil in his pockets". A missão não sabia exatamente o que poderia encontrar por lá: para além da solidão no Universo, havia o temor das ameaças que aquele tipo de viagem poderiam proporcionar. Em caso da necessidade de *take off in a hurry*, scientists back on earth teriam ao menos uma pequena amostra do solo lunar para suas pesquisas e experimentos. De todo modo, the far side of the moon, its dark side, entrava em contato pela primeiro com algum indício de humanidade. From out of space, the first human feelings foram expressados da seguinte forma:

> Soon, Buzz joined him. "Beautiful view!" he exclaimed when he reached the lander's broad footpad. "Isn't that something!" agreed Armstrong. "Magnificent sight out here."
> "Magnificent desolation," said Aldrin.
> Those two words summed up the yin-yang of the Moon. The impact craters, the toppled boulders, the layers of moon dust – it was utterly alien. Yet Tranquility Base felt curiously familiar, like home. Later Apollo astronauts had similar feelings. Maybe this comes from staring at the Moon so often from Earth. Or maybe it's because the Moon is a piece of Earth, spun off our young planet billions of years ago. No one knows; it just is [94].

A conquista da Lua foi prometida pelo ex-presidente John F. Kennedy (1917-1963) em discurso no Congresso norte-americano em 25 de maio de 1961, em meio à corrida espacial que marcou um dos principais momentos da Guerra Fria. Naquela ocasião, ele afirmou que até o fim da década o governo norte-americano faria uma viagem tripulada de ida e volta para a Lua. Kennedy foi assassinado em Dallas no dia 22 de novembro de 1963. 5 anos depois, seu irmão Bobby F. Kennedy era assassinado em L.A. Bem como Martin Luther King em Memphis, no dia 4 de abril de 1968. Após o clima de pânico que se estabeleceu no seio da sociedade norte-americana com

---

[94] "Wild Awake on the Sea of Tranquility". Disponível em: http://www.nasa.gov/exploration/home/19jul_seaoftranquillity.html (Consultado em October 25, 2015)

os dois últimos assassinatos, o então presidente Lyndon Johnson established the National Commission on the Causes and Prevention of Violence (NCCPV) [95]. A comissão tinha um ano para concluir seus trabalhos, mas o President Richard Nixon aprovou uma extensão do prazo para até o mês de Dezembro de 1969 [96]. The Executive Order determinava que o objetivo de tal comissão era to investigate and make recommendations with respect to: (a) the causes and prevention of lawless acts of violence in our society, including assassination, murder, and assault; and (b) the causes and prevention of disrespect for law and order, of disrespect for public officials, and of violent disruptions of public order by individuals and groups [97].

Em 1969, o relatório final daquela pesquisa eram publicados em formato de livro sob o título *The History of American Violence in America: Historical and Comparative Perspectives*. Uma introdução especial foi escrita por John Herbers, jornalista do The New York Times que desde o início da década de 1960 cobria notícias sobre civil right, Congress, presidential campaings. Herbers' hometown was Memphis, where one year before Martin Luther King was murdered. Herbers abre aquela introdução com a seguinte história: "On September 26, 1872, three mounted bandits rode to the gate of the Kansas City fair, where a crowd of 10,000 had gathered. They shot at the ticket seller, hit a small girl in the leg by mistake and made off for the woods with less than $1,000"[98]. According to Herbers, reporting the incidente, the Kansas City *Times* called the robbery "so diabolically daring and so utterly in contempt of fear that we are bound *to admire it and revere* its perpretators". Two days later, we could read in the same *Times*:

> It was as though three bandits had come to us [...] with the halo of medieval chivalry upon their garments and shown us how the things were done that poets sings of. Nowhere else in the United States or in the civilized world, probably, could this thing

---

[95] By Executive Order No. 11412 (June 10, 1968). Cf. FG 168 (National Commission on the Causes and Prevention of Violence Disponível em: http://nixonlibrary.gov/forresearchers/find/textual/central/subject/FG168.php (Consultado em October 26, 2015).

[96] Idem. "The Commission shall terminate thirty days following the submission of its final report or on December 10, 1969, or whichever is earlier."

[97] The Commission divided its research work into seven basic areas of detailed inquiry or task forces: Task Force on Assassination; Task Force on Group Violence; Task Force on Individual Acts of Violence; Task Force on Law and Law Enforcement; Task Force on the Media; Task Force on Firearms; Task Force on American History and Character. Cf. *FG 168 (National Commission on the Causes and Prevention of Violence*.

[98] John Herbers. "Special Introduction". In: Hugh Davis Graham and Ted Robert Gurr (eds.). *The History of Violence in America: Historical and Comparative Perspectives*. New York: Frederick A. Praeger, 1969, p. xiii.

> have been done.

Este incidente, segundo Herbers, seria apenas uma das diversas evidências "that show how deeply engrained in American life is the *tradition, even the love, of violence*". Herbers coloca em perspectiva o contexto de alta violência da década de 1960 nos Estados Unidos e chega a relativizar a ideia de que a situação naquele momento seria algo inédito. Segundo ele, "Americans who now sit over cocktails in the evening and express shock and anger over the urban riots, the rise of crime in the streets [...]" não aprenderam nada nas escolas, em círculos familiáries, etc, que os pudesse mostrar que o cenário de violência doméstica que a nação americana assistia naquela década não era uma aberração da história dos Estados Unidos, ou mesmo um sinal da desintegração das instituições americanas. Segundo ele, this was "the usual type behavior displayed in this country when there is a large division of purpose or when some group is trying to cast off some great wrong". Muitos escritores de historia, escolas e disciplinas da sociedade em geral tinham negado de-emphasized o papel da violência desde a América Colonial até o tempo presente, embora as consideradas minorias que sofriam cotidianamente com aquela violência não tinha ilusão alguma a respeito dela. Essa relação e reação da sociedade americana no fim da década de 1960 com a violência revelava também uma das condições fundamentais da forma como os norte-americanos lidavam (lidam) e experimentam seu passado. Sobre isso, Herbers cita uma passagem do relatório especial preparado para a imprensa pelos coordenadores da pesquisa nacional sobre violência – Hugh Davis Graham and Ted Robert Gurr:

> Americans have always been given to a kind of historical amnesia that masks much of their turbulent past. Probably all nations share this tendency to sweeten memories of their past through collective repression, but Americans have probably magnified this process of selective recollection, owing to our historic vision of ourselves as a latter-day chosen people, a New Jerusalem.

Tentando defender a importância do trabalho realizado pela Comissão, Herbers afirma que nenhum trabalho significativo a respeito da violência in America havia sido produzido até então, muito menos outros trabalhos correlatos sobre o mesmo problema em outros países. Um dos principais sintomas dessa amnesia, desse silêncio a respeito da cultura de violência norte-americana seria o tipo de trabalho

intellectual priorizado pelos historiadores até então, o que teria produzido uma espécie de "distorção da história". Citanto Charles Tilly, um dos autores do livro, Herbers sugere que "an importante reason of the distortion of history, Tilly suggests, is that historians concentrate on political history as seen from the top – 'the only protests which matter are those which produce some rearrangement of power"[99]. Por isso, ao fim de introdução, Herbers sugere uma espécie de leitura da história norte-americana que seja capaz de trazer à tona a violência inerente em cada um dos capítulos daquela história. Em grande medida, era preciso encarar o outro lado da história Americana e perceber, por exemplo, que a Revolução Americana não havia sido um exercício de restrained use of force and violence, specially because "both sides resorted to the most barbaric practices". Além disso,

> In the Indian Wars, the white used not only their own atrocities but those of the Indians as well, including the bashing of children's skulls against tree trunks, and the red men on the reservations of South Dakota still remember this and hang themselves at an early age.[100]

Herbers encerrava sua introdução especial chamando atenção para o fato de que os autores dos capítulos que compunham o livro não estavam asking for self-condemnation, nem mesmo discrediting the belief that America is a land of special promise and potential. They were laying out the facts and it is the facts that cry for a search for a non-violent tradition – one that would preserve the mobility of American classes and groups and allow for changes, reforms and political pressures without the use of violence. E conclui: "Perhaps there must be a new tradition before there can be a New Jerusalem"[101]. Mas à essa reflexão que associava violência Americana com a história dos Estados Unidos e uma política de memória que insistia em esquecer tais momentos violentos ganhava poderíamos acrescentar aquela do escritor Ovid Demaris (1919-1998). Em 1969, Demaris tinha uma boa reputação como repórter correspondente da *United Press Association* e como escritor sobre histórias da Máfia nos Estados Unidos. Em setembro de 1969, de sua casa em Santa Barbara, California,

---

[99] Charles Tilly. "Chapter 1 – Collective Violence in European Perspective". In: Hugh Davis Graham and Ted Robert Gurr (eds.). *The History of Violence in America: Historical and Comparative Perspectives*. New York: Frederick A. Praeger, 1969, pp. 4-45.
[100] John Herbers. Op. Cit. p. xix.
[101] Idem. Op. Cit. p. xix.

Demaris concluía a escrita de um dos seus livros mencionando o *Report to the National Comission on the Causes and Prevention of Violence*. Seu livro, intitulado *America the Violent*, era "a case study of this amnesiac gap in our history, with selective recollection thrown in reverse. The end result is *America the Violent* – not a pretty picture, but the truth seldom is" [102]. Aqui, mais uma vez ficava evidente que a verdade da história americana, ou uma possível verdade, só poderia ser estabelecida a partir do enfretamento daquilo que havia sido esquecido. A verdade, mesmo que não seja pretty, poderia permitir uma libertação não somente da America Violenta, mas da própria história dos Estados Unidos.

46 anos se passaram desde que os resultados da *National Comission on the Causes and Prevention of Violence* foram publicamente apresentados. Neste intervalo, várias catástrofes provocaram a morte de vários americanos. Enquanto isso, nos últimos anos a NASA vêm afirmando que cada vez mais seria possível colonizar Marte por volta de 2030. Por outro lado, a divulgação de que 994 mass shootings teriam ocorrido num espaço de tempo de 1,004 dias, entre janeiro de 2013 e outubro de 2015 não é tão assustador assim. Segundo relato do presidente Obama no dia 2 de Outubro de 2015, um dia após o mass shooting in Roseburg, Oregon, onde 10 pessoas morreram e outras 7 ficaram feridas, the gun violence in America "has become a routine" [103]. Segundo matéria publicada pelo jornalista Phillip Bump no *The Washington Post* no dia 1 de outubro de 2015, there's been no calendar week without a mass shooting during President Obama's second term [104].

Há algo de latente na história americana relacionado à violência, ou a violência poderia ser considerada como algo latente na história americana. No dia 26 de agosto de 2015, o ex-jornalista Bryce Williams, cujo último emprego havia sido na emissora WDBJ sediada em Ranocke, Virginia, assassinou em uma transmissão matinal ao vivo dois ex-colegas de emissora: a repórter Alison Parker e o cameraman

---

[102] Ovid Demaris. *America the Violent*. New York: Cowles Book Company: 1970.

[103] "994 mass shootings in 1,004 days: this is what America's gun crisis looks like". In: *The Guardian*, Friday 2 October, 2015. Versão on line. Cf. : http://www.theguardian.com/us-news/ng-interactive/2015/oct/02/mass-shootings-america-gun-violence (Visualizado em October 27, 2015)

[104] Phillip Bump. "There's been no calendar week without a mass shooting during President Obama's second term". In: *The Washington Post*. October 1, 2015 (on line version). Cf. https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2015/10/01/theres-been-no-calendar-week-without-a-mass-shooting-during-president-obamas-second-term/?postshare=2871443730809743

Adam Ward. Vick Gardner, a local oficial que estava sendo entrevistada por Parker, saiu ilesa do tiroteio. Além do tiroteio ter sido transmitido ao vivo, Williams filmou tudo e usou as redes sociais para assegurar que seu ato was broadcast live, recorded from multiple angles and posted on line. Williams shot himself in the head hours later. Antes, he wrote about the shooting on Twitter, uploaded his vídeo on his Facebook page and sent a letter to ABC News that spoke admiringly of mass killers and said that, as a black gay man, he had faced discrimination and sexual harassment. Williams citava, dentre suas motivações, o fato de ter sofrido de racismo. Cita também o caso do assassinato de negros numa igreja em Charleston. In his Suicide Note, Williams show us how the problem of violence is intrinsically attached to a problem of latency: "I've been a human powder keg for a while...just waiting to go BOOOM!".

***

> Bang! went the guns – whack! Went the musket-stocks – blows-kicks-cuffs-scratches-black eyes and bloody noses swelling the horrors of the scene! Thick thwack, cut and hack, helter-skelter, higgledy-piggledy, hurly-burly, head over heels, rough and tumble! – Dunder and blixum! Swore the Dutchmen – splitter and splutter! Cried the Swedes – Storm the works! Shouted Hardkoppig Peter – Fire the mine! Roared stout Risingh – Tanta-ra-ra-ra! Twanged the trumbpet of Antony Van Corlear – until all voice and sound became unintelligible – grunts of pain, yells of fury, and shouts of triumph mingling in one hideous clamor (…)[105].

"And now commenced the horrid din, the desperate struggle, the maddening ferocity, the frantic desperation, the confusion and self-abandonment of war"[106]. Assim fala Washington Irving através de seu personagem Diedrich Knickerbocker no livro 8 da *History of New York* no capítulo intitulado "Containing the most horrible battle ever recorded in poetry or prose […]". A cena acima descreve o início de uma batalha entre Suecos e Holandeses em Manhattan, a qual seria vencida pelos Holandeses. Ela fascina não só pela sensação de velocidade da narrative, pelo grafismo das onomatopeias que de imediatamente nos transporta para os quadrinhos do século XX, mas também pelo caráter violento da descrição, algo não muito comum

[105] Diedrich Knickerbocker. *History of New York*. p. 364.
[106] Ibidem.

na economia do texto de Irving. Mas talvez ela fosse necessária e eis aqui a explicação. Três páginas depois da citação acima, Irving afirma:

> (…) For having promised my readers a hideous and unparalleled battle, and having worked them up into a warlike and *bloodthirsty state of mind*; to put them off without any havoc and slaughter would have been as bitter a disappointment as to summon a multitude of good people to attend an execution, and then cruelly balk them by a reprieve [107].

Todo bom escritor conhece bem os seus leitores, e isso Irving sabia muito bem. Ainda sob o pseudonimo de Knickerbocker, ele delineava os traços gerais do perfil dos possíveis leitores de sua história. Dentre eles, podemos distinguir 2 classes of readers. Segundo Irving, the first one "can be satisfied with nothing but bloody battles, and horribles encounters; they must be continually storming forts, sacking cities, […] charging bayonet through every page, and reveling in gunpowder and carnage". Outra classe, one of a "lighter turn", buscam nos livros de história o mesmo que encontram nas "edifying pages of a novel": relaxation and innocent amusement. Embora they "delight in treasons, executions, sabine rapes, tarquin outrages, conflagrations, murders, and all the other catalogue of hideous crimes, which like cayenne in cookery, do give a pungency and flavor to the dull detail of history"[108]. Além disso, Irving sabia que seu leitor tinha uma atração pela sensação de pânico: "*the public, who dearly love to be in panic*"[109]. Ou, como em outra passagem: "there being nothing for which the public are more grateful than being frequently treated to a panic". A secret, he said, "well known to modern editors" [110].

A *History of New York* é, acima de tudo, uma narrativa sobre a colonização de uma parte importante do território dos Estados Unidos. Ao retrato cômico e satírico da chegada e dos sucessos dos holandeses em Nova York, o qual organiza toda a economia da sua narrative histórica, Irving contrapôs o cenário geral anterior do início da colonização Americana pelos europeus no início do século XVI. O capítulo dedicado a esta discussão é o que encerra o primeiro livro de sua história. Ele é intitulado *In which the author puts a might question to the rout, by the assistance of the man in the moon*. The might question, which according to Irving "has thus

---

[107] Idem, p. 371.
[108] Idem, p. 156-157.
[109] Idem, p. 295.
[110] Idem, p. 249-250.

suddenly arisen", was:

> What right had the first discovers of America to land and take possession of a country, without first gaining the consent of its inhabitants, or yielding them an adequate compensation for their territory? – a question which has withstood many fierce assaults, and has given much distress of mind to multitudes of kind-hearted folk. And indeed, until it be totally vanquished, and put to rest, the worthy people of America can by no means enjoy the soil they inhabit, with clear right and title, and quiet unsullied consciences [111].

De forma quase didática, Irving apresenta aos seus leitores 4 estágios da colonização americana a partir de four sources of right. O primeiro, by which property is acquired in a country, would be **discovery**: "For as all mankind have an equal right to any thing, which has never before been appropriated, so any nation, that discovers an uninhabited country, and takes possession thereof, is considered as enjoying full property, and absolute, unquestionable empire therein". If this proposition could be admitted, Irving said, it follows clearly that the Europeans who first visited America were the real discoverers of the same simply because it was totally uninhabited by man. I repeat: by the man. A princípio isso poderia parecer um pouco estranho, visto que na época do seu descobrimento, "this quarter of the world abounded with certain animals, that walked erect on two feet, had something of the human countenance, uttered certain unintelligible sounds, very much like language, in short, had a marvelous resemblance to human beings"[112]. But a resemblance to something or anything is not the thing itself. The second right was the right acquired by **cultivation**. The cultivation of the soil was considered an obligation imposed by nature on mankind. Since the savages that inhabited the country were a sort of errantry nation, they didn't had time, or even didn't care about cultivating the soil.

The third right was the *right acquired by civilization*: "All the world knows the lamentable state in which these poor savages were found". Mas, segundo Irving, os europeus imediamente começaram a pensar uma forma de melhorar e aperfeiçoar a condição selvagem dos habitantes do continente. Uma das soluções, segundo Irving, foi introduzir "among them rum, gin, brandy, and others comforts of life – and it is astonishing to read how soon the poor savages learned to estimate those blessings

---

[111] Idem, p. 59-60.
[112] Idem, p. 60.

[…]”[113]. Até aqui, Irving apresentou “three complete and undeniable sources of right” estabelecidos pelos europeus quando eles chegaram à América. Após enfrentarem uma série de guerras, persecutions, oppressions, diseases and “other partial evils that often hang on the skirts of great benefits – *the savage aborigines have, somehow or another, been utterly annihilated* (…)”. Ao que se segue, the last right may be entitled the *right by extermination*, or, in other words, the *right by gunpowder*[114].

Entretanto, para que o leitor tivesse uma consciência do que aconteceu quando os Europeus vieram para a América e encontraram os nativos Americanos, Irving propõe um caso paralelo. “Let us suppose”, he said, “that the inhabitants of the moon, by astonishing advancement in science, and profound insight into that lunar philosophy (…) – let us suppose”,

> that the *inhabitants of the moon* […] had arrived at such a command of their energies, such an enviable state of perfectibility, as to control the elements, and navigate the boundless regions of space. Let us suppose a roving crew of these soaring philosophers, in the course of an aerial voyage of discovery among the stars, should chance to alight upon this outlandish planet. [115]

Irving imagines this lunar civilization as riding on hippogriffs, defended with impenetrable armor, armed with concentrated sunbeams, and provided with vast engines to hurl huge moon-stones. Tal civilização seria superior em conhecimento e poder e também in “superior knowledge in the art of extermination”, assim como os Europeus eram em relação aos índios quando eles os descobriram. Assim também poderiam ser os Indios, os quais, antes do encontro com os Europeus, “before they had any knowledge of the white men, armed in all the terrors of glittering steel and tremendous gunpowder”, poderiam estar convencidos de que eram os mais virtuosos, mais sábios, poderosos e perfeitos, “as are, at this present moment, the lordly inhabitants of old England, the volatile populace of France, or even the self-satisfied citizens of this most enlightened republic” [116]. Em seguida, Irving imagina the aerial voyagers vindo para a Terra. Ao chegar aqui, they find “this planet to be nothing but a howling wilderness”, inhabited by humans, considered as savages and wild beasts. Diante dessa situação, the aerial voyagers took formal possession of Earth, “in the

---

[113] Idem, p. 65.
[114] Idem, p. 67-68.
[115] Idem, p. 69-70.
[116] Ibidem.

name of his most gracious and philosophic excellency": the man in the moon. O que segue é o seguinte: the President of the United States, the King of England, the Emperor of Hayti, and Napoleon Bonaparte são levados para a Lua, "as were the Indian chiefs led about as spectacles in the courts of Europe"[117].

A hipótese da existência de uma possível civilização extraterrestre vinha ocupando durante muito tempo a mente de Knickerbocker: "have I lain awake whole nights debating in my mind, whether it were most probable we should first discover and civilize the moon, or the moon discover and civilize our globe". A ideia de uma viagem do homem à Lua, ou vice-versa, não era uma coisa tão inimaginável assim na mente de Knickerbocker. Como ele mesmo afirma, "we have already discovered the art of coasting along the aerial shores of our planet, by means of balloons […]" [118].

No ano em que Irving nasceu, ou seja, 1783, o primeiro balão movido a hot air criado pelos irmãos franceses Josef and Etienne Montgolfier tomava o céu da cidade francesa de Annonay: a primeiro viagem tripulada naquele balão carregava uma ovelha, um pato e um galo. No dia 1º de dezembro daquele mesmo ano, o matemático e cientista Jacques Charles (1746-1823), junto com o co-piloto Nicolas-Louis Robert, chegaram a 300 m de altura no primeiro vôo tripulado por humanos em um balão movido a hidrogêneo. O lançamento foi feito no Jardim das Tulherias em meio à uma multidão de aproximadamente 400,000 pessoas. Dentre elas, Benjamin Franklin que, na época, ocupava o cargo de representação diplomatica dos Estados Unidos na França. O próximo desafio seria atravessar o canal ingles, o que foi *accomplished by* Jean-Pierre Blanchard (1753-1809) com grande sucesso em janeiro de 1785. O mesmo Blanchard realizou o primeiro vôo no céu da América em Janeiro de 1793. O balão de hidrogêneo o qual ele pilotava decolou do patio de uma prisão na Philadelphia, alcançando uma altura de 1,770 m, sob os olhos atentos do presidente George Washington.

No mesmo ano em que o primeiro balão tripulado por uma ovelha, um pato e um galo ganhava os céus de Annonay, Constantin-François Chasseboeuf de Volney (1757-1820) partia do porto de Marseille para uma viagem de 3 anos pelo

---

[117] Idem, p. 70-72.
[118] Idem, p. 68-70.

Egito e Síria. Publicaria um relato sobre sua viagem em 1787. Nele, estabelecia paralelos entre a França atual e o passado glorioso daquelas civilizações que visitou. Em 1791, numa França já devastada pela Revolução, Volney publicava *Les ruines, or méditations sur les revolutions des empires*. *Les ruines* poderia ter sido publicada como uma reedição de *Voyage*, pois a fonte de ambas era a mesma – as viagens feitas por Volney na década de 1780. Mas as transformações ocorridas principalmente após 1789 fizeram Volney reavaliar o que havia escrito e a análise agora era feita literalmente sob um novo ponto de vista. Um dos principais indícios dessa transformação é que em *Les ruines*, somente a partir do distanciamento, de um duplo deslocamento, é que o viajante consegue realmente enxergar o que acontece no mundo. Mas o mais importante é que, para que isso acontecesse, era necessário que alguém vindo do espaço pudesse revelar algo que, para aqueles que habitavam a Terra, não era tão óbvio assim:

> [Le Génie] Alors s'approchant de moi, et posant sa main sur ma tête : élève-toi, mortel, me dit-il, et dégage de tes sens de la poussière où tu rampes...Et soudain, pénétré d'un feu céleste, les liens qui nous fixent ici bas me semblèrent se dissoudre ; et tel qu'une vapeur légère, enlevé par le vol du Génie, je me sentis transporté dans la région supérieure. Là, du plus haut des airs, abaissant mes regards vers la terre, j'aperçus une scène nouvelle. Sous mes pieds, nageant dans l'espace, un globe semblable à celui de la lune, mais moins gros et moins lumineux, me présentait l'une de ses faces ; et cette face avait l'aspect d'un disque semé de grandes taches, les unes blanchâtres et nébuleuses, les autres brunes, vertes ou grisâtres ; et tandis que je m'efforçais de démêler ce qu'étaient ces taches : 'Homme qui cherches la vérité, me dit le Génie, reconnais-tu ce spectacle ? - O Génie ! répondis-je, si d'autre part je ne voyais le globe de la lune, je prendrais celui-ci pour le sien ; car il a les apparences de cette planète vue au télescope dans l'ombre d'une éclipse : on dirait que ces diverses taches sont des mers et des continents. 'Oui, me dit-il, ce sont des mers et des continents, ceux-là même de l'hémisphère que tu habites....'Quoi ! m'écrirai-je, c'est-là cette terre où vivent els mortels !..... ». [119]

Em 1795, Volney embarcou em Le Havre em direção aos Estados Unidos. Segundo suas próprias palavras: "Triste pelo passado, inquieto com o futuro", ele foi buscar num povo livre (*chez un peuple libre*) "um asilo de paz cuja Europa não lhe

---

[119] Constantin-François Chasseboeuf de Volney. *Les ruines, ou méditation sur les révolutions des empires*. Paris : Desenne, 1791, p. 25-26.

oferecia mais a esperança" [120]. A crescente diferença entre os princípios revolucionários e sua prática acirrou ainda mais a descrença em relação ao futuro da França, situação que fazia acelerar cada vez mais a sensação de decadência e ruína da Europa [121]. Neste contexto, a América começou a desempenhar um importante papel de salvaguarda daquele futuro. Retorna à França em 1798 e em 1803 publica a descrição de sua viagem à América, intitulada *Tableau du climat et du sol des États-Unis*. Volney deixava as pesquisas mais amplas e a busca por conjecturas mais sólidas aos eruditos americanos, que a cada dia podiam fazer novas descobertas. Para ele, o mais exato e instrutivo de todos os monumentos dos selvagens era sua linguagem (*langage*) [122]. De acordo com Volney, os melhores monumentos então seriam os dicionários das línguas e suas gramáticas. Cada língua era uma história completa por ser considerada o quadro (*le tableau*) de todas as ideias de um povo e, consequentemente, os fatos que compõem esse quadro: de fato, nada seria mais útil em termos de pesquisa histórica (*recherches historiques*) do que a recolha dos vocabulários e das gramáticas e o grande interesse de Volney sobre estes dois "monumentos" fazia parte de um projeto de constituição de um alfabeto universal (*alphabet universel*), cujo objetivo era reunir todas as línguas sob um mesmo quadro de signos (*tableau de signes*), afim de reduzir seu grau de simplicidade e tornar mais palpável as semelhanças e diferenças pelas quais elas foram compostas [123]. Mas a essas idéias acerca da linguagem e das gramáticas, somou-se uma grande preocupação com a finitude e o possível desaparecimento dos povos nativos da América:

> Dans cent ans, dans deux cents ans, il n'existera peut-être plus un seul de ces peuples. – Depuis deux siècles, déjà un grand nombre a disparu ; si l'on ne profite pas du moment, l'occasion se perdra sans ressource de saisir le seul fil d'analogie et de filiation de ces nations avec celles du nord-est de l'Asie [...]. [124]

---

[120] Constantin-François Chasseboeuf de Volney. *Tableau du climat et du sol des Etats-Unis d'Amérique, suivi d'éclaircissemens sur la Floride, sur la colonie Française au Scioto, sur quelques colonies Canadiennes et sur les Sauvages*. Tome Premier. Paris : Courcier ; Dentu, 1803, p. I-II. No original : « Triste du passé, soucieux de l'avenir [...] ; un asyle de paix dont l'Europe ne lui offrait plus l'espérance ».

[121] Jean Ehrard. Op. Cit ; Jean Leclant. Op. Cit.

[122] Idem, p. 520.

[123] Idem, p. 144.

[124] Constantin-François Chasseboeuf de Volney. *Tableau du climat et du sol des Etats-Unis d'Amérique*. p. 520-522. No original: « Dans cent ans, dans deux cents ans, il n'existera peut-être plus un seul de ces peuples. – Depuis deux siècles, déjà un grand nombre a disparu ; si l'on ne profite pas du moment, l'occasion se perdra sans

A denúncia do desaparecimento dos nativos americanos acentuava a crítica de Volney aos regimes despóticos europeus: não havia lugar na América onde eles não haviam exercido sua suposta democracia com uma crueldade digna de seus tiranos. Ao lado da perspectiva tempestuosa e sombria da França, somados à sensação de esgotamento da Europa, a América passava a representar o frescor de uma civilização em seu início, assim como uma alternativa de superação daquele sentimento de crise. Entretanto, "nunca se poderia saber o que ela poderia tornar-se, já que a civilização europeia veio destruí-la" [125].

***

Em 1822, o Reverendo Jedidiah Morse (1761-1826), pai de Samuel Morse (1781-1872), inventor do single-wire telegraphy, publicava um relatório realizado sob encomenda da Secretary of War of the U.S. sobre Indian Affairs. O trabalho era resultado de uma tour performed in the Summer of 1820, cujo objetivo era investigar o actual State of the Indian tribes in the country. Um ano depois, o relatório era resenhando pela North American Review. Segundo o autor da resenha, o assunto desenvolvido no relatório era de grande importância para os Estados Unidos naquele momento, tendo em vista que o alargamento da fronteira em direção ao Oeste do país era motivo de grandes consequências políticas, particularmente no que dizia respeito on "the yet existing nations of aboriginal inhabitants". O início da resenha evocava as preocupações de Volney à respeito da linguagem dos nativos americanos:

> Philologians, both abroad and at home, have of late years pursued with zeal the comparison of the native dialects of this continent. The well conducted expeditions, which our government has fitted out, and the enterprising tours of individuals have brought to notice tribes and nations before unknown (…) [126].

---

ressource de saisir le seul fil d'analogie et de filiation de ces nations avec celles du nord-est de l'Asie [...] ».

[125] François Hartog. *Régimes d'historicité*. p. 95. No original : « [...] dont on ne saura jamais ce qu'elle aurait pu devenir, puisque la civilisaiton européene est venue la détruire ».

[126] "ART. II. – A Report to the Secretary of War of the U.S. on Indian Affairs, comprising a narrative of a Tour performed, in the Summer of 1820, under a Commission from the President of the U.S., for the purpose of ascertaining, for the use of the government, the actual State of the Indian tribes, in our Country: By Rev. Jedidiah Morse, D.D. New Haven, 1822, 8vo". In: *The North American Review*. Vol. XVI. New Series, Vol. VII. Boston: Published by O. Everett, 1823, p. 30-31.

O autor da resenha resume o relatório de Morse em algumas questões centrais, das quais citamos duas: Are the Indians then a much injured and oppressed race, or rather is their gradual extinction and disappearance a great and crying injustice? The other one: But if not an injured and oppressed race, still is not their extinction and disappearance from the face of the earth a great calamity, a subject of melancholy reflection? Para Morse, the Indians at that point the Indians became insulated among those who despised them as an inferior race. Their situation was degraded, disconsolate and heart breaking, left miserably to waste away for a few generations and then become extinct forever: "This is no fancied picture", said Morse, because "in a few years it will be sad reality, unless we change our policy toward them […]".

Morse cita uma passagem de um sermão do Reverendo Daniel Clarke, from Massachusetts, no qual ele afirma ter ouvido uma vez a voz de um selvagem vindo da floresta, o qual lamentava através de um choro wild and native eloquence: "You have stripped us of our hunting ground; (…) you have corrupted our morals; our tribes, already incalculably diminished, have nothing before them but the dreary idea of being swallowed up […]". Para Morse, um choro como aquele "has been uttered and is heard". Como metáfora para o desaparecimento dos Indians, ele diz que, at that moment, their sun was setting in the west and, like we know, after the sunsetting the darkness of night come as the sun disappear in the horizon[127]. (Cooper and The Pioneers).

Entretanto, o autor da resenha do relatório produzido por Morse parece não concordar muito com o tipo de memória que determinados grupos sociais daquele momento tentavam produzir sobre os indígenas. Ao que se perguntava: "Has any thing happened to the native inhabitants of this country, which has not happened in all ages and to all those tribes of men?" E continua:

> Had not the Europeans come, the Indian would have died in the course of nature as before, and been succeeded by other generations of Indians, to lead a barbarous and wretched life, and die like their fathers. The Europeans came; and – by causes as simple and natural, as they are innocent – the barbarous population, as it has passed off, has been replaced by one much better, much happier. Does any one doubt that man, the human mind, the human soul, stands higher in a civilized, that in a barbarous country? And is it a cause of melancholy, that these dreary wildernesses, as our fathers found them, have been turned into the happy abodes of civilized Christian

[127] Idem, p. 35-36.

> men? But 'the Indians are disappearing, wasting away!' – So are we; we are no more permanent than they, we are all disappearing, and wasting. [128]

O que está em jogo aqui não é quem matou os índios ou não. O que está em jogo é a constituição de uma memoria histórica que possa conservar sua história. Embora alguns historiadores e escritores preocupados com este assunto, ao invés de enfrentarem o problema, sempre culparão Colombo.

[128] Idem, p. 36-38.

PARTE II
OTIMISMO

Capítulo 3

Otimismo, cataclismas e trauma: ilusão ficcional como esperança histórica

Na manhã do dia 1º de novembro de 1755, um terremoto, seguido de um tsunami, devastou grande parte da cidade de Lisboa, matando milhares de pessoas inocentes. Sobre isso, Voltaire escreveu um poema intitulado *Poème sur le désastre de Lisbonne ou examen de cet axiome: Tout est bien*. Em uma de suas estrofes podemos ler a seguinte afirmação: "Elementos, animais, humanos, tudo está em guerra./ Forçoso é confessar, o mal está na terra:/ Seu princípio secreto não nos é conhecido" [129]. Este poema, escrito um mês após aquele desastre, poderia ser considerado um ensaio de prólogo de um livro que Voltaire publicaria em 1759 – *Cândido, ou o otimismo* – no qual o terremoto de Lisboa desempenharia um papel central numa reflexão do filósofo sobre o problema do mal.

"Eis o último dia do mundo!", exclamava Cândido ao seu mestre Pangloss, ao testemunhar, em tempo real, o cenário apocalíptico provocado pelo terremoto que destruía a cidade de Lisboa. Pangloss tentava acalmar seu discípulo afirmando que aquele terremoto não era algo novo e que "a cidade de Lima sofreu os mesmos abalos na América no ano passado; mesmas causas, mesmos efeitos: existe certamente uma corrente de enxofre por baixo da terra, desde Lima até Lisboa" [130]. No dia seguinte, com o mesmo otimismo que educara Cândido, Pangloss consolava alguns lisboetas que haviam se livrado da morte pela qual outros pereceram em decorrência do desastre, garantindo-lhes que aquilo não poderia ter ocorrido de outra maneira, e justificava: "Porque tudo isto é o que há de melhor. Pois, se há um vulcão em Lisboa, ele não podia estar noutro lugar. Porque é impossível que as coisas não estejam onde estão. Pois tudo está bem". Tempos depois, às vésperas de seu embarque para a América no porto de Cádiz, Cândido tentava consolar sua amada Cunegunda do extremo pavor dos horrores que ela havia presenciado desde a saída de seu reino. Ele se dirigia a ela nos seguintes termos: "Tudo irá bem [...], o mar desse novo mundo

---

[129] Cit. in. Carlo Ginzburg. "Tolerância e comércio: Auerbach lê Voltaire". In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. No original: « Éléments, animaux, humains, tout est en guerre./ Il le faut avouer, le mal est sur la terre:/ Son príncipe secret ne nousest point connu ».

[130] Voltaire. *Cândido, ou o otimismo*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 42-43.

vale já mais do que os mares da nossa Europa; ele é mais calmo, os ventos mais constantes. É certamente o novo mundo que é o melhor dos mundos possíveis" [131]. Cândido partiria de Cádiz em busca do Eldorado, lugar fictício e metonímico de uma visão idílica europeia sobre a América desde a época dos descobrimentos [132]. Em nota crítica à edição de Cândido que utilizamos, Michael Wood afirma que o tal Eldorado não precisava existir de fato. Mas, ao que parece, "deve existir como uma expressão de necessidade e desejo, pois nós não podemos viver sem o sonho de perfeição que ele encarna. É justamente por isso que Voltaire o inclui no livro", e conclui: "Eldorado é a ilusão ficcional que representa a esperança histórica" [133].

Desastres naturais como terremotos e tsunamis são parte intrínseca da constituição interna e externa do globo terrestre desde o nascimento do planeta há bilhões de anos. Homens, mulheres, crianças, animais e todo o mundo natural sempre sofreram suas consequências: muitas espécies foram dizimadas e outras tiveram que sofrer adaptações severas, dependendo da magnitude de tais desastres. Entretanto, desde o século XVIII, a atitude do Ocidente em relação a esse tipo de acontecimento natural passou a ser experimentada de uma maneira distinta daqueles homens que viveram em outras épocas. A exclamação de Cândido – "Eis aí o último dia do mundo" – denota que, a princípio, o terremoto de Lisboa era considerado por ele como um dos eventos que marcavam o dia do juízo final cristão e, certamente, desde o advento do Cristianismo tais desastres naturais eram vistos à luz de uma cosmologia religiosa e do cumprimento de profecias tanto do Novo quanto do Velho Testamento. Nesse sentido, considerado na qualidade de elemento constitutivo da Igreja e configurado como o possível fim do mundo, o futuro havia sido integrado ao tempo, mas ele não se localizava no fim dos tempos, num sentido linear: ele sempre fora colocado em suspensão, o que permitiu que sua história adquirisse o êxito de se transformar na própria história da Salvação [134].

A ideia de um futuro regulado pelas profecias milenares demarcava sua fronteira como fechada e previsível. Mas o nascimento da ideia de progresso, para a

---

[131] Idem, p. 53.

[132] Sobre essa percepção, em particular em relação à América Portuguesa, cf. Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (1958)

[133] Michael Wood. "Introdução". Op. Cit. p. 17-18.

[134] Reinhart Koselleck. "O futuro passado dos tempos modernos". In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 26.

qual Voltaire e a criação da sua filosofia da história contribuíram de forma significativa, transformou a crença no futuro como algo aberto, ilimitado, mas também indefinível [135]. Mas isso não aconteceu sem perdas: desamparados pela estabilidade que tanto a religião, o estado e a própria história havia concedido até o século XVIII, durante o processo de modernização do Ocidente os homens passaram a construir narrativas históricas através das quais eles pudessem conservar uma determinada imagem do presente para o futuro. Neste caso, essa imagem do presente não serviria como um exemplo póstumo, mas, antes, como uma lembrança de nações e povos que viveram sobre a terra em determinado momento. Frente à fragmentação das tradições historiográficas herdadas da Antiguidade clássica a partir de meados do século XVIII, muitas vezes o espectro do fracasso de um legado, de um monumento para o futuro, foi narrada a partir de metáforas sobre desastres naturais: terremotos, tsunamis, enchentes. Nos dias atuais, a esses desastres vieram a se somar genocídios, ameaças nucleares, terrorismo e mudanças climáticas [136].

Apesar disso, em momentos críticos de crise (econômica, política, social) durante os séculos XIX e XX, a crença num futuro melhor do que o presente e o passado era fomentada por uma narrativa que demonstrava o surgimento de sensação de aceleração do tempo, coloca em evidência, dentre outros acontecimentos, pela Revolução Francesa. Segundo Reinhart Koselleck, a aceleração, primeiramente compreendida como uma previsão apocalíptica do encurtamento da distância temporal que antecede a chegada do Juízo Final transformou-se, a partir da segunda metade do século XVIII, em um conceito histórico relacionado à esperança [137].

Um século e meio depois do terremoto de Lisboa, mais exatamente em novembro de 1929 durante o outono no hemisfério setentrional, o mesmo Eldorado de Cândido, o melhor dos mundos possíveis e uma nova esperança histórica eram evocados novamente. Mas dessa vez nos Estados Unidos, através da canção *Happy days are here again*:

Happy days are here again,

---

[135] Reinhart Koselleck. *Futuro Passado*...Op. Cit. pp. 305-327.

[136] Vale lembrar que, recentemente, o historiador norte-americano Stuart S. Schwartz desenvolveu uma pesquisa baseada na relação entre os furacões e a formação das sociedades caribenhas. Cf. Stuart S. Schwartz. "Os furacões e a formação das sociedades caribenhas". In: *Revista USP*, São Paulo, n. 72, p. 28-43, dezembro-fevereiro 2006-2007.

[137] Reinhart Koselleck. Op. Cit. p. 58.

The skies above are clear again
So, let us sing a song of cheer again,
Happy days are here again (...).
So long sad times, go long bad times,
We are rid of you at last
Howdy gay times, cloudy gray times,
You are now a thing of the past.
All together, shout it now,
There's no one who can doubt it now,
So let's tell the world about it now,
Happy days are here again.
Your cares and troubles are gone,
There'll be no more from now on, from now on![138]

Esta canção foi lançada no mês seguinte à crise econômica que teve início nos Estados Unidos com a quebra da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929. Pouco tempo depois ela acabou se transformando no single da campanha presidencial do Partido Democrata em 1932, a qual acabou levando o seu candidato, Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), à presidência dos Estados Unidos no ano seguinte. Roosevelt teria como principal desafio contornar a crise econômica iniciada no fim da década anterior, além de coordenar o papel dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Mas o principal desafio de Roosevelt foi assumir o papel de guardião da esperança política dos americanos frente àqueles problemas. Diante da situação, ele se transformou numa espécie de Cândido: o mundo desmoronando aos seus pés, pessoas famintas e pobres nas ruas, uma nação repleta de suicidas potenciais, o futuro incerto das consequências de uma guerra mundial. Mas o single da esperança histórica transmitida pelo Partido Democrata repetia infinitamente que dias felizes já haviam chegado novamente e, portanto, tudo ia bem. Além disso, ele também pretendia acelerar o tempo, tornando disponível um futuro que era melhor do que a situação presente.

Entretanto, era mais do que flagrante o contraste entre o caráter otimista desta canção e a realidade norte-americana daquele momento. Poderíamos imaginar o

---

[138] *Happy days are here again*. Canção composta por Milton Ager (música) e Jack Yellen (letra). Publicada por *EMI Robbins Catalog, Inc./Advanced Music Corp*, 1929 (Grifo nosso).

incrível descompasso que havia entre a sua mensagem positiva e esperançosa, tocando em aparelhos radiofônicos no interior de residências dos americanos, enquanto lá fora, filas de desempregados e de recrutamento para a guerra cresciam progressivamente. Além disso, à ficção econômica que reinava (e reina) em Wall Street, não foi contraposta uma imagem crua da realidade, mas outra ficção, como uma forma de contornar uma espécie de trauma advindo da crise econômica [139]. Para o historiador norte-americano Harold James, o pânico de 1929, o espectro da bancarrota, permaneceria como um grande referencial de medo na história dos Estados Unidos no século XX, um medo que o presidente Franklin D. Roosevelt tentou exorcizar no que seria uma de suas máximas mais lembradas: "O único medo que devemos temer é o medo em si" [140].

Apesar da ilusão ficcional otimista da canção e da sua adoção como propaganda política pelo Partido Democrata, havia também a denúncia do caráter crítico daquele momento por parte de outros setores da sociedade norte-americana. Num artigo publicado na Cultural Critique no fim de 2012 e intitulado "Is a Financial Crisis a Trauma?", Paul Crosthwaite afirma que a crise econômica de 1929 nos Estados Unidos havia desencadeado uma espécie de trauma coletivo americano. Ao analisar o vocabulário que era (e ainda é, segundo ele) utilizado por jornalistas, críticos literários, cientistas sociais e historiadores, para se referirem às consequências daquela crise, Crosthwaite diz que as metáforas mais citadas por eles são convulsão, espasmo, colapso, quebra, reverberação, radiação, dilúvio, terremoto, erupção, tsunami, furacão, entre outros. Um dos exemplos utilizados por ele é o do escritor Edmund Wilson (1895-1872), que foi uma das testemunhas oculares da crise de 1929. Num artigo publicado em 1932 e intitulado "The Literary Consequences of the Crash", Wilson teria afirmado que "a crise econômica foi como uma enchente ou um terremoto" [141].

De todo modo, o que talvez pudesse também explicar o otimismo norte-americano, mesmo nos momentos mais dramáticos de sua história, poderia ser a

---

[139] Paul Crosthwaite. "Is a Financial Crisis a Trauma?". In: *Cultural Critique*, Volume 82, Fall 2012, pp. 34-67.

[140] Harold James. "1929: The New York Stock Market Crash". In: *Representations*, Vol. 110, No. 1 (Spring 2010), pp. 129-144. "The 1929 panic remains a major monument to twentieth-century fear: the fear that President Franklin D. Roosevelt tried to exorcise in what is probably still his best-remembered phrase: 'The only thing we have to fear is fear itself'. (p. 142)

[141] Paul Crosthwaite. Op. Cit.

crença na ideia de um excepcionalismo americano. Em síntese, essa ideia sugere que a América havia construído um caminho histórico singular que evitou os terrores europeus dos regimes autoritários, conflitos de classe e pobreza em massa, além do lema de uma nação que nascera livre, distante da Europa e que havia adotado uma imutável crença no liberalismo e um individualismo austero [142]. Mas o historiador norte-americano Stephen Tuck alerta que o endosso das virtudes dessa crença não era unânime. Segundo ele, ao fim do século XX, o debate a seu respeito começou a sofrer alterações significativas: de um paradigma de compreensão da história norte-americana, a ideia de excepcionalismo passou a ser encarada como um problema histórico [143]. É claro que aquela ideia continua a ser cultivada como um modelo político norte-americano frente ao contexto internacional, embora no início do século XXI, tanto seus críticos quanto seus defensores se viram obrigados a reavaliar o seu significado.

Isso porque, na manhã do dia 11 de setembro de 2001, dois aviões tomados por terroristas ligados à organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda chocaram-se contra as torres gêmeas do complexo de edifícios do World Trade Center na cidade de Nova York, matando milhares de inocentes. Naquela noite, o então presidente George. W. Bush apresentava à nação americana o seguinte discurso:

> The pictures of airplanes flying into buildings, fires burning, huge structures collapsing, have filled us with disbelief, terrible sadness, and a quiet, unyielding anger. These acts of mass murder were intended to frighten our nation into chaos and retreat. But they have failed; our country is strong. A great people has been moved to defend a great nation. […] America has stood down enemies before, and we will do so this time. None of us will ever forget this day [144].

---

[142] Stephen Tuck. "The New American Histories". In: *The Historical Journal*. Vol. 48, Issue 3, Sept. 2005, p. 813-814.

[143] Ibidem. No original, Tuck diz que "exceptionalism, then, has moved from paradigm to *problématique*". Para uma análise do excepcionalismo norte-americano anterior ao século XX, cf. Jack P. Greene. *The Intellectual Construction of America: Exceptionalism and Identity from 1492 to 1800*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1993; Para uma análise das implicações do excepcionalismo norte-americano como um modelo político adotado em relação ao restante da América, cf. Richard Morse. *O espelho de Próspero: cultura e ideias na América*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

[144] Discurso proferido pelo presidente Georg W. Bush à nação americana no dia 11 de setembro de 2001. Disponível em: http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010911-16.html . (Acessado em 11 de abril de 2014).

A crença no excepcionalismo americano ainda está presente nas declarações do ex-presidente George W. Bush, particularmente no chamado ao povo para defender uma grande nação que se caracteriza como implacável. Mas a crença no futuro da América após os ataques de 11/9 era moldada por uma expectativa mais sombria, menos otimista, uma espécie de acontecimento que não poderia se transformar em passado, como a canção de 1929 fez com a crise econômica. Um cenário onde as palavras de Voltaire proferidas no poema sobre o terremoto de Lisboa tinha uma atualidade incontestável: elementos, homens, animais – tudo está em guerra e o mal está na terra. Diferente de 1929, as narrativas sobre os ataques terroristas passaram a ser construídas num sentido de manter viva a memória daquele que é considerado um dos dias mais terríveis da história dos Estados Unidos. Prova dessa produção de memória foi a decisão de construir imediatamente um memorial para relembrar as vítimas inocentes dos atentados, no lugar em que antes ficavam as torres gêmeas. O local doravante passaria a ser denominado Ground Zero – o marco zero de uma nova narrativa histórica dos Estados Unidos. Entretanto, gostaria de chamar a atenção para outros significados que a expressão possui: ground zero pode servir como metáfora para descrever o ponto sobre a superfície da Terra onde ocorreu uma explosão, assim como para marcar o ponto onde os danos ou destruições provocados por tremores de terra, epidemias e outras catástrofes foram mais graves. Nesse sentido, os danos tendem a diminuir gradualmente com o distanciamento deste ponto.

Conclusão

Horizonte histórico como reparação: passado, presente e futuro dos Estados Unidos

Em 1986, o filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) publicou a primeira versão de *L'Amérique*. Como bem resumiu Geoff Dyer, responsável pela introdução preparada para a edição americana de 2010, este livro é "um álbum espetacular de cartões postais retóricos e notas de estrada" [145]. Completavam-se três semanas que eu acabara de chegar do Brasil para uma temporada de estudos em Stanford (alguns dias após o feriado nacional do *4th July* em 2015) quando ganhei este livro de um jovem americano cujo pai veio da Itália nos anos 1950. Agradeço a este americano, hoje mais do que um amigo, por ter me ensinado muita coisa sobre a cultura e política norte-americana. Encaro um pouco nossas conversas e convivência com a relação que eu possuo com uma tese, dedicada a investigar formas de compreensão da história e do passado nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX. Muitas vezes me sinto como o jovem Anacharsis em viagem à Grécia, do modo como ele foi descrito por Jean Jacques Barthélemy no seu romance homônimo publicado na segunda metade do século XVIII: sempre fazendo perguntas que poderiam parecer óbvias, mas encontrando respostas que, de óbvias, não têm nada.

Quando iniciei a leitura de *America*, logo percebi que aquele livro foi escrito na estrada, ou seja, ele só poderia ser escrito por alguém que estava em em movimento. Talvez seja por isso que é quase possível ter a sensação de ser um passageiro num carro dirigido por Baudrillard enquanto ele vai narrando o que vê pela frente. Ou pelo retrovisor: diagnósticos do passado e prognósticos de futuro. Ao mesmo tempo, fiquei fascinado pela frase de abertura do primeiro capítulo - *Caution: Objects in this mirror may be closer than they appear*. Nunca tinha entendido muito bem o significado daquela frase inaugural até uma tarde de domingo no fim do mês de julho de 2015, retornando de carro de Pacifica Beach, uma pequena praia ao Sul de San Francisco, quando vejo aquela frase estampada no retrovisor do lado no qual eu estava sentado. Naquele dia descobri que esse adesivo é comum em carros nos Estados Unidos. Como nasci e vivo no Brasil, e esta era a minha primeira experiência de viagem ao país, nunca havia tomado conhecimento da obrigatoriedade daquele adesivo em automóveis por aqui, mesmo porque, no Brasil, não temos esse costume.

---

[145] Jean Baudrillard. *America*. New York: Verso, 2010 (1986).

Entretanto, desde a primeira vez que li aquela frase no livro de Baudrillard e posteriormente inscrita em um retrovisor, me chamou a atenção o estado de alerta que ela desperta em quem quer que a leia. Mas, ao mesmo tempo, paralelo àquele estado me chamava a atenção de como aquela frase me deixava desconfortável, às vezes até um desconforto físico, uma lembrança de uma constante ***ameaça***, inspirada em grande medida pelo peso da palavra *Caution*. Descobri que nesta frase havia algo de específico sobre os Estados Unidos, e senti que ela fosse capaz de revelar muita coisa sobre sua história.

Isto porque comecei a pensar que aquela frase inscrita no retrovisor poderia servir como uma metáfora possível para compreender, a partir de diversos ângulos, como nos relacionamos com a história nos dias atuais. A insistência daqueles que defenderam que experiência moderna da história deveria obrigatoriamente transformar o passado em algo distante de nós, nascida na passagem do século XVIII para o próximo, não conseguiu se sustentar ao longo do longo século XX. Se pensarmos no presente como um passageiro que está em um carro em movimento e que lança um olhar em direção ao retrovisor, a ideia de que objetos refletidos naquele espelho (o passado) podem estar mais perto do que aparentam não faz sentido na experiência moderna da história. O que o passageiro visualizaria seria o distanciamento progressivo daquelas imagens até o seu desaparecimento no horizonte. Por outro lado, numa experiência pós-moderna[146] da história, ou seja, a forma disponível de sua experiência hoje, tais objetos visualizados no espelho sofrem de uma distorção especular e ameaçam a todo instante o espectador com sua proximidade. Seja uma parte da paisagem, seja outros veículos, qualquer corpo externo ao veículo em movimento configura uma ameaça pela ilusão do distanciamento, eles sempre podem estar mais próximos do que o passageiro imagina. O passado são os tais objetos que a todo momento ameaça uma proximidade com o presente, por estarem mais perto do que aparentam.

O tom ameaçador daquele aviso, a ameaça do presente de ser tocado a qualquer momento pelo passado, me levou a refletir sobre uma forma de lidar com o passado que estivesse além de conceitos como interpretação, compreensão e outros correlativos. Isto porque, pensei: quando algo nos ameaça, quando alguma coisa ameaça nos tocar, isso somente é possível porque não temos controle sobre tal coisa.

---

[146] Não no sentido de movimento Pós-Modernismo, mas um contexto marcado pela crise dos paradigmas teóricos produzidos durante a modernidade.

Por isso, sugiro como subtítulo que carrega uma ideia geral da tese do seguinte modo: *sentir o passado americano nos Estados Unidos no século XIX*. Tomo o significado do verbo sentir como tradução do inglês *to feel*. O recurso a esta forma de entender como o passado americano era experimentado naquele momento, ou seja, sentido, permite uma aproximação com as formas de experiência do tempo que não entende o passado como algo distante mas sim como algo que pode ser tocado e, principalmente, como algo que pode nos tocar. Sentir algo, *to feel something*, significa estar ameaçado por ser "tocado" e afetado por algo a qualquer momento. Por exemplo, segundo a definição do dicionário produzido pelo poeta e ensaísta inglês Samuel Johnson (1709-1784), *Dictionary of the English Language*[147], *to feel* pode significar: *to have a perception of things by the touch; to have a quick sensibility of good and evil, right and wrong; to appear to touch; to have perception of; to have sense of external pain or pleasure; to be affected by, to perceive mentally; to know or to be acquainted with*. As edições mais recentes do *Oxford Dictionary* definem *to feel* como: w*ell, sick, happy, sad; be or become aware; give impression; touch; think or believe; be strongly affected; search with hands*.

A tentativa de demonstrar algumas formas possíveis de como se dava a experiência da história e do passado nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX, a partir de uma lente sentimental, permite uma abordagem analítica da historicidade daquele contexto que extrapola os estudos canônicos sobre o movimento romântico norte-americano, não somente o cânone historiográfico mas, também, o literário. Nesse sentido, interessa-nos investigar as especificidades da modernidade norte-americana em relação à modernidade europeia. Diferente das nações do outro lado do Atlântico, cujo movimento romântico redescobria e inventava suas origens nacionais a partir das canções, crônicas e liberdades políticas da Idade Média, o grande drama da modernidade americana no século XIX era justamente não ter tido uma Idade Média simplesmente porque a descoberta do continente no início da época moderna foi um dos pilares de constituição daquela época moderna. Somado a isso, os autores denominados sob a égide de Romantismo americano precisavam ainda enfrentar a falta de unidade política (que poderíamos chamar também de ideológica, na falta de outro nome melhor no momento), cultural e histórica, entre outras características. É nesse sentido que sugiro a ideia de sentir o *passado americano* nos

[147] A primeira edição data de 1755. Utilizamos

Estados Unidos, ao invés de sentir o passado *norte-americano*: se levarmos em consideração os três autores principais analisados na tese – Washington Irving, James Fenimore Cooper e William H. Prescott – nenhum deles está de fato produzindo uma narrativa histórica sobre o passado norte-americano. Washington Irving está mais preocupado com tradições populares do Hudson, que em grande medida são holandesas. Além disso, sua grande obra é a *History of New York*, a qual não tem nenhuma pretensão de ser uma história nacional. Some-se a isso o fato de o Irving tardio ter se dedicado fartamente à história da Espanha e de problemas históricos entre aquele país e a América. Já James Fenimore Cooper dedicou-se quase integralmente à narrativa dos Índios americanos. E por fim, William H. Prescott, depois de tentativas de estudar a Alemanha, se transforma no primeiro hispanista norte-americano reconhecido internacionalmente ainda vivo, famoso especialmente por suas histórias da conquista do México e do Peru. Sobre isso, é muito sintomática a fala de John Caldwell Calhoun em 1849: "I never use the word 'Nation' in speaking of the United States; I always use the word 'Union' or Confederacy. We are not a Nation, but a *Union*, a confederacy of equal and sovereing States".

Partimos do pressuposto que a literatura, o texto literário, a ficção e particularmente no caso aqui escolhido a ficção histórica, podem revelar alguns elementos que a história disciplinar, por se dedicar exclusivamente à investigação e representação de um passado distante, pode (e muitas vezes o fez) ocultar. A história, enquanto uma disciplina baseada em método crítico, ao universalizar o ponto de vista histórico no século XIX como historicista, transformou a compreensão da história como algo necessariamente distante, diferente do presente e situado no passado. Entretanto, paralela à constituição da historiografia disciplinar, outras formas de compreensão da história eram propostas em outras alternativas de gêneros que não necessariamente a história disciplinar. Num movimento que aparentemente começou a surgir um século antes na Inglaterra, outros gêneros como o romance, biografias e correspondências mobilizavam certas facetas do conhecimento histórico que não se restringiam apenas ao estreito campo da narrativa de ações públicas. Segundo Mark Salber Philips, a história passava a compreender também um amplo leque de experiências que, segundo ele, seria melhor definido como social. O redesenhar dessas fronteiras de representação da história obviamente não significou a exclusão da história política-militar dos domínios da história e, de certo modo, narrativas políticas mantiveram sua prioridade. Mas num contexto de alargamento daquilo que história

poderia significar, um grande deslocamento da antiga narrativa no amplo espectro de horizonte de surgimento de uma nova história acabou tomando a sociedade, e não política, como sua definição. Como resultado, afirma Philips, eventos políticos e militares (os quais uma vez moldaram toda historiografia humanista a partir de sua herança da Antiguidade) passavam a figurar apenas como um dos temas numa multiplicidade de enredos possíveis. De certo modo, esse desejo por outros aspectos da história que não se restringiam à narrativas políticas e militares era resultado do surgimento da consciência de uma sociedade (no caso analisado por Philips, a britânica) comercial e civilizada [148].

Para Valdei Araujo, longe ser um movimento linear e homogêneos, a construção do discurso histórico moderno foi marcado por diferentes processos, muitos deles contraditórios. Daí a importância de se ater às demandas específicas e em disputa de dois padrões de autonomia da produção historiográfica moderna: um **compilatório** e o outro **disciplinar**. Nesse sentido, Araujo afirma que identificar as condições de emergência desses diferentes padrões seria fundamental para a compreensão do sentido e alcance das obras, bem como para a compreensão dos limites da experiência da história disponível nas sociedades que demandara e constituíram a partir desses padrões. Entretanto, Araujo chama a atenção para a cautela que deveríamos ter ao se referir à categoria **disciplinar**: apesar de parecer linear e coerente, sua configuração nos diferentes momentos históricos do século XIX até os dias de hoje acabam se demonstrando de forma mais ambígua. Como ela acabou também por ser entendida pelos próprios historiadores como uma forma hegemônica de acesso ao passado, não deveríamos pensar que ela acabou substituindo modelos concorrentes ou mesmo ter colaborado para o seu desaparecimento. Neste caso, "seria mais prudente falar em acomodações competitivas em diferentes arranjos".

Como já vimos, o cenário historiográfico atual tem despertado para este problema. Entretanto, as discussões não têm se restringido apenas aos dispositivos – literários, visuais, materiais – utilizados para a transmissão de um conhecimento do passado para um público alargado. Elas também têm se voltado para os desejos, os anseios, os sentimentos e outras questões de caráter ~~epistemológico~~ que são veiculados através daqueles dispositivos. Dentre estas questões, gostaria de salientar

[148] Mark Salber Phillips. *Society and Sentiment. Genres of Historical Writing in Britain, 1740-1820*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

os conceitos de justiça e ética os quais possuem uma compreensão de tempo distinta daquela defendida pela história. Segundo Berber Bervenage, se baseando na opinião do historiador francês Henry Rousso, historiadores veem o tempo próprio tratado pela história como inverso do tempo específico da justiça. Enquanto a lei decreta que a possibilidade de processar e punir expira após determinada passagem do tempo, os historiadores supostamente só deveriam começar a atuar depois da exigência de um certo período de espera, quando os mortos já foram enterrados e os arquivos então poderiam ser abertos [149].

Além disso, segundo Bervenage, vários filósofos notaram as dimensões temporais da relação entre história e justiça ou ética. A oposição mais nitidamente explícita e oposta nesse debate foram pronunciadas por Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. De um lado, Nietzsche reconhece que a história sempre deveria servir à vida e ao **futuro**, embora nunca devêssemos lutar pela realização da justiça histórica: ele despreza a ampla difusão de uma "febre consumidora sobre a história", inveja os animais que vivem de maneira a-histórica, diferente do ser humano, o qual é enterrado pelo sempre crescente fardo do que é o passado. Para tornar viável viver, Nietzsche diz que deveríamos abandonar a esperança pela justiça da história e aprender a esquecer. Por outro lado, temos a postura de Walter Benjamin, o qual toma uma posição sem reservas a favor das inumeráveis vítimas de injustiças históricas que ainda vivem cobertas pela pilha de destroços do passado. Nesse sentido, Benjamin defenderia uma espécie de "solidariedade anamnéstica" entre os vivos e os mortos, argumentando que as gerações atuais não deveriam se voltar exclusivamente para o futuro mas sim às gerações passadas no seu esforço por justiça: o presente, segundo Benjamin, possuiria uma "frágil força messiânica" para reparar as injustiças de um passado catastrófico [150].

Para Bervenage, na raiz dessas duas compreensões distintas estão diferentes concepções do passado e seu *status* ontológico. No interior da Modernidade Ocidental, a relação entre história e justiça seria geralmente dominada pela ideia de que o passado é algo ausente ou distante. Estes status ontológico ambíguo ou até

---

[149] Berber Bervenage. *History, Memory, and State-Sponsored Violence. Time and Justice*. New York: Routledge, 2012. pp. 1-19. Lembrar que este é um debate da história do tempo presente. Lúcia Guimarães, Instituto de História do Tempo Presente, Etc....

[150] Berber Bervenage. Op. Cit. p. 1; Friedrich Nietzsche. "On the Uses and Disadvantages of History for Life". In: *Untimely Meditations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 57-123; Walter Benjamin. "Thesis on the Philosophy of History". In: Hannah Arendt (ed.). *Iluminations*. New York: Harcourt, Brace & World, 1968. pp. 253-264.

mesmo inferior do passado tem conduzido vários filósofos, seguindo Nietzsche, a advogar contra uma "obsessão" com a história e a discutir, ao invés disso, por uma ética centrada no presente. Por outro lado, a ideia do passado como ausente ou distante torna difícil basear o frequente sentido de "dever de lembrança" ou a declaração de obrigatoriedade de "fazer justiça para o passado" apenas no passado (e não no presente)[151].

Isso porque a passagem acelerada de um modelo da amnésia para o da memória da violência e do direito da verdade está relacionada a transformações mais amplas no regime de historicidade modernista. Na resenha produzida sobre o livro de Berber Bervenage, Valdei Lopes de Araujo afirma que, na avaliação de Bervenage, "a crise da consciência moderna do tempo e de sua política de sincronização tornaria menos eficaz as práticas modernistas de afastar o passado do presente, sendo então o presente vivido como um espaço ocupado por um excesso de memórias traumáticas" [152]. Segundo Araujo, o discurso modernista da história advoga a ideia de que a destruição deliberada do passado morto poderia ser visto como a aceleração dos efeitos normais de um tempo progressista, ou seja, como algo natural. Entretanto, com a crise do otimismo moderno, a amnésia torna-se cada vez mais impraticável: "Os crimes jamais podem ser reparados no passado histórico: eles permanecem presos em um eterno presente que clama por vingança" [153]. Ou seja: a historiografia disciplinar nascida no século XIX tentou domesticar o passado num canto obscuro e de ruínas. Mas o fato de ele continuar a atormentar as sociedades contemporâneas demonstra que ele não é passado e está mais vivo do que nunca. Diante dessa situação, Bervenage tenta responder à pergunta do porquê a historiografia resiste em pensar essa irrevogabilidade do passado – essa presença do passado – identificado e escancarado no discurso das vítimas. Sua resposta, segundo Araujo, "está na concentração da historiografia acadêmica em uma concepção de tempo linear e homogêneo, em sua vinculação orgânica com os projetos nacionais que precisaram

---

[151] Berber Bervenage. Op. Cit.

[152] ARAUJO, Valdei Lopes de. "Os fantasmas que assombram o presente: sobre a irrevogabilidade do passado (parte I)". *In* Valdei Lopes de ARAUJO. **Naufrágio.** teoria, história da historiografia, filosofia, cultura histórica: o tempo e suas experiências. Brasil/Mariana/MG. Consultado em 25/08/2015. Disponível em [http://valdeiaraujo.blogspot.com/2014/02/os-fantasmas-que-assombram-o-presente.html]

[153] Berber Bervenage. APUD Valdei Lopes de Araujo. Op. Cit.

realizar separações rigorosas entre passado e presente", promovendo o que Bervenage chamou de "homogeneização do tempo"[154].

Nesse sentido, sob certo ponto chega a ser irônico o fato de Hayden White retornar às discussões sobre histórias populares depois de anos sendo acusado de reduzir o conhecimento histórico apenas ao seu caráter narrativo. Segundo Berger *et alii*, a descrição popular das histórias nacionais fez prosperar uma combinação de prazer e horror. Sendo assim, esta observação apenas viria a confirmar o argumento de White de que a transformação da história em uma disciplina acadêmica aconteceu às custas da expulsão de experiências do **sublime** e grotesco do domínio daquela disciplina [155]. No fundo, como salientado por um dos seus mais sóbrios intérpretes, aquele que considera White apenas como alguém que contribui (ou encabeça) o debate realismo/anti-realismo corre o risco de se enganar. Como sempre, segundo Heman Paul o problema da imaginação histórica para White estava nas suas implicações morais, políticas ao invés de epistemológicas. Várias vezes ele chegou a afirmar "não existe a possibilidade de existir uma historiografia politicamente inocente" [156].

A noção de **sublime** surgiu por volta de 1800, quando pensadores como Edmund Burke, Immanuel Kant e Friedrich von Schiller (cada um defendendo uma ideia ou conservadora ou progressista do conceito) buscavam por palavras para expressar o temor (*awe*) e confusão dos eventos que eles haviam experimentados – motivados, claro, pela Revolução Francesa. Eles se referem a momentos nos quais indivíduos **experimentam** algo verdadeiramente *overwhelming* – os Alpes Suíços ou uma tempestade em alto mar – e imediatamente se sentem como inundados por um sentimento simultâneo de encantamento e desamparo diante daquelas situações específicas, como sublime. Para Herman Paul, um dos objetivos de White em *Metahistory* seria mostrar como a história do pensamento histórico é enredado como uma trágica história (*story*) de "de-sublimização" e "domesticação", especialmente no século XIX. Nesse sentido, White lamentava como a história, ao adquirir o poder de definir o que é real, teria excluído tudo (o miraculoso, o grotesco, o utópico) aquilo que não se adaptava ao modo narrativo favorecido pelos historiadores daquele tempo. É como forma de lutar contra esse ambiente intelectual que White invoca essa

[154] Valdei Lopes de Araujo. Op. Cit.
[155] Stefan Berger et alii. Op. Cit. p. 7.
[156] Herman Paul. *Hayden White: The Historical Imagination*. Cambridge: Polity Press, 2011, p. 116.

categoria "pré-profissional" do sublime como uma alternativa que historiadores poderiam adotar (*might find worth embracing*). Ao invés de "disciplinar" a imaginação histórica, "o sublime permitiria às pessoas projetar sua própria compreensão sobre o passado" [157].

[157] Herman Paul. Op. Cit. p. 116-119.

FONTES

ABREU E LIMA, José Ignácio de. Compêndio da Historia do Brasil. Tomo I. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. Disponível em http://books.google.com.br

AMBROISE, Louis-Gabriel (Visconde de Bonald). Mélanges littéraires, politiques et philosophiques. Paris : Adrien Le Clere, 1819. Disponível em http://books.google.com.br

ARNAULT, Antoine-Vincent. « Du plagiat et des plagiaires ». In : Revue de Paris. Paris : Le Vavasseur, 1830. Disponível em http://books.google.com.br

BAILLET, Adrien. Auteurs deguisez sous des noms etrangers; empruntez, supposez, feints à plaisir, chiffrez, renversez, retournez, ou changez d'une langue en une autre. Paris : Antoine Dezallier, 1690. Disponível em http://books.google.com.br

BARANTE, Baron [Prosper] de. Mélanges historiques et littéraires. Tome Premier. Bruxelles : J. P. Meline, 1835. Disponível em http://books.google.com.br

BEAUCHAMP, Alphonse de. Biographie des Jeunes Gens, ou viés des grands hommes qui, par leurs vertus, leur génie et leurs actions héroïques, sont dignes d'être proposés pour modèles à la Jeunesse. Tome Troisième. Paris : Alexis Eymery, 1813. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire du Brésil, depuis sa découverte jusqu'à 1810. Paris : Alexis Eimery, 1815.

_____. Histoire de la Campagne de 1814, et de la Restauration de la Monarchie Française, avec de pièces justificatives. Tome Premier. Paris : Le Normant, 1815. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire des Campagnes de 1814 et de 1815 [...] rédigée sur des matériaux authentiques ou inédits. Tome Premier. Paris : Le Normant, 1816. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire des Campagnes de 1814 et de 1815. Seconde Partie. Tome Premier. Paris : Le Normant, 1817. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire de la Conquête et des Révolutions du Pérou. Paris : Le Normant, 1808. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire de la Guerre d'Espagne et de Portugal, pendant les années 1807 à 1813 ; Plus la Campagne de 1814 dans le midi de la France, par le Colonel sir John Jones, avec des Notes et des Commentaires. Tome Premier. Paris : Germain Mathiot, 1819. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire de la Guerre de la Vendée, ou tableau des guerres civiles de l'ouest, depuis 1792 jusqu'en 1815. Quatrième édition. Tome Premier. Paris : Louis-Gabriel Michaud, 1820. Disponível em http://books.google.com.br

_____. De la Révolution d'Espagne et de sa crise actuelle. Paris : Ponthieu, 1822. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Vie d'Ali Pacha, Visir de Janina, surnommé Aslan, ou Le Lion. Paris : Villet, 1822. Disponível em http://books.google.com.br

_____. De la Révolution d'Espagne et de son Dix-Août. Paris: Michaud, 1822. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Biographie des Jeunes Gens, ou vie des grands hommes qui, par leurs vertus, leurs talens et leurs actions, sont dignes d'être proposés pour modèles à la Jeunesse. Troisième édition. Tome Premier. Paris : Alexis Eymery, 1823. Disponível em http://books.google.com.br

_____.Vie de Jules César, suivie du tableau de ses campagnes, avec des observations critiques. Paris: Ch. Villet, 1823. Disponível em http://books.google.com.br

_____. L'Indépendance de l'Empire du Brésil. Paris : Delaunay, 1824.

_____. Collection des mémoires relatifs aux révolutions d'Espagne. Paris : L.-G. Michaud, 1824. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Critique historique, avec des observations littéraires, sur l'ouvrage du général Comte de Ségur, intitulé Histoire de Napoléon et de la Grande- Armée, pendant l'année 1812. Paris: Adriveau, 1825. Disponível em http://books.google.com.br

BOISGELIN, Louis de. Histoire des Révolutions de Portugal, par L'Abbé de Vertot, continuée jusqu'au temps présent, enrichie de Notes Historiques et Critiques, d'une Table Historique et Chronologique des Rois de Portugal, et d'une Description du Brésil. R. Juigné, 1809. Disponível em http://books.google.com.br

BOTTA, Charles. Histoire de la Guerre de l'Indépendance des États-Unis d'Amérique. Traduite de l"Italien, et précédée d"une introduction par M. L. De Sevelinges. Tome Premier. Paris : J. G. Dentu, 1812. Disponível em http://books.google.com.br

CAJOT, Jean-Joseph. Les plagiats de M. J.J.R. de Genève, Sur l'Éducation. Haye : Durand, 1766. Disponível em http://books.google.com.br

Cartas e outras obras selectas do Marquez de Pombal. Ministro secretario d'Estado d'El Rei D. Joze I. Com o epítome da vida deste ministro e ornado do seu retrato. Tomo II. Lisboa: Typ. de Desiderio Marques Leão, 1822. Disponível em http://books.google.com.br

CASTERA-MACAYA, Marie-Armand d"Avezac de. Considérations Géographiques sur l'Histoire du Brésil. Examen Critique d'une Nouvelle Histoire Général du Brésil. Paris : L. Martinet, 1857. Disponível em http://books.google.com.br

CHATEAUBRIAND, René-François. « Essai sur les Révolutions. Tome I ». In

:Oeuvres Complètes. Troisième Livraison. Paris : Ladvocat, 1826. Disponível em http://books.google.com.br

DENIS, Ferdinand. Resume de l'histoire du Brésil, suivi du résumé de l'histoire de la Guyane. Sécond Édition. Paris: Lecointe et Durey, 1825. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi de l'histoire littéraire du Brésil. Paris : Lecointe et Durey, 1826.

DOUAI, Philippe-Antoine Merlin de. Répertoire universel et raisonné de jurisprudence. Ouvrage de plusieurs Jurisconsultes, Réduit aux objets dont la connaissance peut encore être utile, Et augmenté 1o Des changemens apportés aux lois anciennes par les lois nouvelles, tant avant que depuis l'année 1814 ; 2o De dissertations, de plaidoyers et de réquisitions sur les unes et les autres. Cinquième Edition, revue, corrigé et fondue avec les additions faites depuis 1815 aux éditions précédentes. Tome Douzième. Opt-Pre. Paris: J-P. Roret. 1827. Disponível em http://books.google.com.br

FLASAN, Gaëtan de Raxis de. Apologie de l'HISTOIRE DE LA DIPLOMATIE FRANÇAISE, ou Réfutation de cent faux littéraires et erreurs en tout genre, contenus dans trois articles de la Gazette de France, et un article du Journal de l'Empire. Discussion littéraire, historique et politique. Paris: Debray, 1812. Disponível em http://books.google.com.br

FLAUBERT, Gustave. Correspondance:1859-1871. Paris: Club de l"Honnête homme, 1975. Disponível em http://books.google.com.br

GENOUDE, Antoine Eugène. Voyage dans la Vendée et dans le midi de la France ; suivi d'un voyage pittoresque dans quelques cantons de la Suisse. Paris : Méquignon Fils Ainé ; Lyon : Périsse Frères, 1821. Disponível em http://books.google.com.br

Historia do Brazil, desde 1807 até o presente; originalmente composta em portuguez para servir de continuação à que se publicou vertida do francez. Tomo IX. Lisboa: Typ. Desiderio Marques Leão, 1823.

Historia do Brazil, desde 1807 até ao presente; originalmente composta em Portuguez para servir de construção à que se publicou vertida do Francez. Oferecida a S.A.R. O Sereníssimo Senhor D. Pedro de Alcântara, Príncipe Real. Tomo I. Lisboa: Na Impressão de J.B. Morando, 1817.

LA BEAUMELLE, Victor-Laurent-Suzanne-Moïse Angliviel de. L'Empire du Brésil, considéré sous ses rapports politiques et comerciaux. Paris : Bossange Frères, 1823.

LA BRENELLERIE, Paul-Philippe Gudin de. Supplement à La Maniere d'ecrire l'histoire ; ou reponse à l'ouvrage de M. L'Abbé de Mably. Paris : Société Littéraire-Typographique. 1784. Disponível em http://books.google.com.br

LABOULAYE, René Lefbvre Édouard. Études sur la propriété littéraire en France et en Angleterre. Suivies des Trois Discours prononcés au Parlement d'Angleterre par Sir. Thomas Noon Talfourd. Paris: Auguste Durand, 1858. Disponível em http://books.google.com.br

LAGOS, Manoel Ferreira. “Relatñrio dos Trabalhos do Instituto Histñrico e Geográfico”. In: Revista Trimensal de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Segunda Série. Tomo Quarto. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Lammert, 1846.

LE VAYER, François La Mothe. “Des scrupules des grammaires – Lettre CXXXIX”. In : Derniers petits traites, en forme de Lettres Ecrites a diverses personnes studieuses. Oeuvres de François la Mothe Le Vayer. Nouvelle Edition revuë & augmentée. Tome VII. Partie II. Dresden : Michel Groell, 1759. Disponível em http://books.google.com.br

LISBOA, José da Silva. Introdução à História dos principais sucessos do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1826.

MABLY, Gabriel Bonot de. De la manière d’écrire l’histoire. Paris : Alexandre Jombert, 1783. Disponível em http://books.google.com.br

MARMONTEL, Jean-François. Les incas, ou la destruction de l’Empire du Pérou. Tome Premier. Paris : Lacombe, 1777. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Élements de Littérature. 1787. Disponível em http://books.google.com.br

MALTE-BRUN, Conrad de. Annales des voyages, de la géographie et de l’histoire. Ou Collection des voyages nouveaux les plus estimés, traduits de toutes les langues européennes ; Des Relations Originales, inédites, communiquées par des Voyageurs Français et Étrangers ; Et de mémoires historiques sur l’Origine, la Langue, les Productions et le Commerce des Pays jusqu’ici peu ou mal connus. Tome Quatorzième. Paris : F. Buisson, 1811. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Traité de la légitimité, considérée comme base du droit public de l’Europe chrétienne, précédé d’une lettre à S. S. Le vicomte de Chateaubriand...Paris : Charles Gosselin, 1825. Disponível em http://books.google.com.br

MAWE, John. Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond districts of that country, by authority of the Prince regent of Portugal, including a voyage to the Rio de la Plata, and an historical sketch of the revolution of Buenos Ayres. London: Longman, 1812. Disponível em http://books.google.com.br

Mémoires de Madame la Marquise de La Rochejaquelein, avec deux cartes du théatre de la guerre de la Vendée. Tome Premier. Séconde édition, revue et corrigée. Paris : L.G. Michaud (Imprimeur du Roi), 1815. Disponível em http://books.google.com.br

NETTEMENT, Philippe. Le second retour des Bourbons, ou la fin de la révolution. Paris : Gueffier, 1815. Disponível em http://books.google.com.br

NODIER, Charles. Questions de littérature légale. Du plagiat, de la supposition d’auteurs, des supercheries qui ont rapport aux livres. Séconde Édition, revue, corrigée et considerablement augmentée. Paris: Crapelet, 1828. Disponível em http://books.google.com.br

PEIGNOT, Gabriel. Manuel du Bibliophile, ou Traité du Choix des Livres. Dijon : Victor Lagier, 1823. Disponível em http://books.google.com.br

PRADT, Dominique-Georges-Frédéric de Riom de Prolhiac de Fourt de. Des trois derniers mois de l'Amérique Méridionale et du Brésil, suivis des personnalités et incivilités de La Quotidienne et du Journal des Débats. Paris : F. Bechet, 1817. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Les trois ages des Colonies ou de leur état passé, présent et à venir.Tome Premier. Paris : Giguet, 1801. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Des Colonies, et de la révolution actuelle de l'Amerique. Tome Premier. Paris : F. Bechet, 1817. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Les six derniers mois de l'Amérique et du Brésil. Paris : F. Béchet, 1818. Disponível em http://books.google.com.br

_____. De la Révolution actuelle de l'Espagne, et de ses suites. Paris : Bechet Aine & Bechet Fils, 1820. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Congrès de Panama. Paris: Bechet Ainé, 1825. Disponível em http://books.google.com.br

PRUDHOMME, Louis-Marie. De la propriété littéraire ou les contrefacteurs et les plagiaires démasqués. Paris: Prudhomme Fils, 1811. Disponível em http://books.google.com.br

RABBE, Alphonse. Résumé de l'histoire de Portugal, depuis des premiers temps de la monarchie jusqu'en 1823. Seconde édition. Paris : Lecointe et Durey, 1824.

Rapports et Discussions de Toutes les Classes de L'Institut de France, sur les ouvrages admis au Concours pour les Prix décennaux. Paris : Baudouin et Cie, 1810. Disponível em http://books.google.com.br

RAYNAL, Guillaume-Thomas François. Histoire Philosophique et Politique des Établisemens & du Commerce des Européens dans les deux Indes. Tome Premier. Amsterdam : 1772. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire Philosophique et Politique des Etablissemens & du Commerce des Européens dans les deux Indes. Tome Troisième. La Haye :1774. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire Philosophique et Politique des Etablissemens & du Commerce des Européens dans les deux Indes. Tome Sixieme. Genève : Jean-Leonard Pellet, 1781. Disponível em http://books.google.com.br

RENOUARD, Augustin-Charles. Traité des droits d'auteurs, dans la littérature, les sciences et les beaux-arts. Tome Second. Paris: Jules Renouard et Cie, 1839. Disponível em http://books.google.com.br

ROISSY, Jean Guillaume Locré de. Discussions sur la liberté de la presse, la censure, la propriété littéraire, l'imprimerie et la librairie, qui ont eu lieu dans le Conseil d'État, pendant les Années 1808, 1809, 1810 et 1811. Paris : Garnery : H. Nicolle, 1819. Disponível em http://books.google.com.br

SOURDIÈRE, Jean Oudart. Le masque des orateurs, c'est a dire, la maniere de déguiser faciliment toute sorte de discours. Paris : A l"Academie des Orateurs, 1667. Disponível em http://books.google.com.br

SOUTHEY, Robert. History of Brazil, part the seconde. London: Longman, 1817. THIERRY, Augustin. Dix ans d'études historiques. Paris: Just Tessier, 1835.

Disponível em http://books.google.com.br

_____. Rapport sur les travaux de la collection des monuments inédits de l'histoire du tiers état, adressé à M. Guizot, Ministre de l"Instruction Publique, le 10 mars 1837. Paris: Imprimerie Royale, 1837. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Histoire de la Conquête de l'Angleterre par les Normandes, de ses causes et de ses suites jusqu'à nous jours, en Angleterre, en Écosse, en Irlande et sur le Continent. Cinquième Édition. Tome Premier. Paris : Just Tessier, 1838. Disponível em http://books.google.com.br

TOCQUEVILLE, Alexis de. O Antigo Regime e a Revolução. Brasília: Editora Universidade Brasileira, 1997. [1856]

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História da Independência do Brasil até ao reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data. São Paulo: Melhoramentos, 1957 (1916).

_____. "Primeiro Juizo. Submetido ao Instituto Histñrico e Geográfico Brasileiro pelo seu sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, acerca do „Compendio da Histñria do Brasil", pelo Sr. José Ignacio de Abreu e Lima". Revista Trimensal de História e Geographia, ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo Sexto. Segunda Edição. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1865 (1844).

_____. Examen de quelques points de l'histoire geographique du Brésil [...] ou Analyse critique du rapport de M. D'Avezac sur la récente histoire générale du Brésil. Paris : L. Martinet, 1858. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Historia Geral do Brazil, isto é, do seu descobrimento, colonisação, legislação, desenvolvimento, e da declaração da independência do império, escripta em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Holanda. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Laemmert, 1857. Disponível em http://books.google.com.br

VIOLLET, Alphonse. Histoire de Bolívar par le général Ducoudray Holstein, continuée jusqu'à sa mort. Paris: Alphonse Levavasseur, 1831. Disponível em

http://books.google.com.br

VOLNEY, Constantin-François Chasseboeuf de. Tableau du climat et du sol des Etats- Unis d'Amérique, suivi d'éclaircissemens sur la Floride, sur la colonie Française au Scioto, sur quelques colonies Canadiennes et sur les Sauvages. Tome Premier. Paris : Courcier ; Dentu, 1803. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Les ruines, ou méditation sur les révolutions des empires. Paris : Desenne, 1791. Disponível em http://books.google.com.br

WERDET, Edmonde. De la librairie française. Son passé – son présent – son avenir, avec des notices biographiques sur les libraires-éditeurs les plus distingués depuis 1789. Paris : E. Dentu, 1860. Disponível em http://books.google.com.br

PERIÓDICOS

El censor, periódico político y literario. n. 96. Sabado 1 de junio de 1822. Disponível em http://books.google.com.br

Gazeta de Lisboa. Quarta Feira, 11 de Maio. Num. 110. Anno 1825. Disponível em http://books.google.com.br

Le Conservateur. Tome Quatrième. Paris: Le Normant, 1819. Disponível em http://books.google.com.br

O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Politico, &c. Numero LIV (No. 2, Vol. XIV). Londres: T. C. Hansard, Dezembro de 1815. Disponível em http://books.google.com.br

The Literary Panorama. New Series. Volume The Third. London: Miltonian Press, 1816. Disponível em http://books.google.com.br

The Eclectic Review. July-December. 1824. Vol. XXII. London: B. J. Holdsworth, 1824. Disponível em http://books.google.com.br

OBRAS DE REFERÊNCIA

ARNAULT, Antoine Vincent. Biographie nouvelle des contemporains, ou dictionnaire historique et raisonné de tous les hommes qui, depuis la Révolution Française, ont acquis de la célébrité [...]. Tome Deuxième. B-BEZ. Paris : Librairie Historique, 1820. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie des hommes vivants, ou histoire par ordre alphabétique de la vie publique de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs actions ou leur écrits. Tome premier. Paris : L. G. Michaud, 1816. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie universelle ancienne et moderne, ou histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes. Rédigé par une société de gens de lettres et de savantes. Tome Vingt-Quatrième. Paris: L.G. Michaud, 1819. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie universelle, ancienne et moderne, ou histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes. Rédigé par une Société de Gens de Lettres et de Savants. Tome Ving-Sixième. Paris : Louis Gabriel Michauld, 1820. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie universelle, ancienne et moderne. Rédigé par une Société de Gens de Lettres et de Savants. Tome Quarante-Neuvième. Paris: Michaud, 1827. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie universelle ou dictionnaire historique, contenant la nécrologie des hommes célèbres de tous les pays, des articles consacrés à l'histoire générale des peuples, aux batailles mémorables, aux grands évènemens politiques, etc., etc., depuis le commencement du monde jusqu'à nos jours. Par une Société de gens de lettres, de professeurs et de bibliographes. Tome Troisieme. HABE-MERL. Paris : Furne, 1833. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie Universelle (Michaud) Ancienne et Moderne, ou histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leur écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes. Nouvelle édition. Tome Troisième. Paris : Madame C. Desplaces : Michaud, 1854. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie universelle (Michaud) Ancienne et Moderne. Tome Douzième. Paris: Madame C. Desplaces, 1855. Disponível em http://books.google.com.br

Biographie universelle ou Dictionnaire Historique contenat la nécrologe des hommes célébres de tous les pays des articles consacrés à l'Histoire Générale des peuples aux batailles mémorables, aux grands événemens politiques aux diverses sectes religieuses, etc, etc. Depuis le commencement du monde jusqu'à nous jours. Par une Société de Gens de Lettres. Sous la direction de M. Weiss. Tome Deuxieme. CHA-GER. Paris : Furne et Cie, 1861. Disponível em http://books.google.com.br

BOUILLET, Marie Nicolas. Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie. Douzième Édition. Paris : L. Hachette et Cie, 1857, p. 1027. Émile Péhant. Catalogue Méthodique de la Bibliothèque Publique de la Ville de Nates. Troisième Volume – Belles-Lettres. Nantes : A. Guéraud et Cie, 1864. Disponível em http://books.google.com.br

Catalogue des livres composant la bibliothéque de la ville de Bordeaux – Sciences et Arts. Paris: L"Imprimerie Royale, 1830. Disponível em http://books.google.com.br

Critique littéraire sous le premier empire. Publié par F. Colincamp. Précédée d"une notice historique sur M. Boissonade par M. Naudet. Tome Premier. Paris : Didier et Ce, 1863. Disponível em http://books.google.com.br

DESESSARTS, N.-L.-M. Les Siècles Littéraires de la France, ou Nouveau Dictionnaire Historique, Critique, et Bibliographique de tous les Ecrivains français, morts et vivans, jusqu'à la fin du XVIIIe siècle. Paris : Chez l"Auteur, 1800. Disponível em http://books.google.com.br

DESROCHERS, Pierre-Charles-Tr. Nécrologe de 1832, ou notices historiques sur les hommes les plus arquans tant en France que dans l'étranger, morts pendant l'année 1832. Paris : Chez l"Auteur, Février 1833. Disponível em http://books.google.com.br

DEZOBRY, Charles et Théodore Bachelet. Dictionnaire general de Biographie et d'Histoire, de Mythologie, de Géographie Ancienne et Moderne comparée, des Antiquités et des Institutions Grecques, Romaines, Françaises et Étrangeres. Quatrième édition revue. Premiére Partie. Paris : Ch. Delagrave et Cie, 1866. Disponível em http://books.google.com.br

FELLER, François Xavier de. Dictionnaire historique, ou histoire abrégée de tous les hommes qui se sont fait un nom par le génie,les talents, les vertus, les erreurs, &c. depuis le commencement du monde jusqu'à nous jours. Nouvelle Edition, revue, corrigée, abrégée & augmentée par l"Abbé F.X.D.F. Tome Second. Ausbourg: Matthieu Rieger, 1782. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Dictionnaire Historique ou Biographie universelle des hommes qui se sont fait un nom par leur génie, leurs talents, leurs vertus, leurs erreurs ou les crimes. Continué jusqu"en 1835, sous la direction de M. R.-A. Henrion. Huitième Édition. Tome Qutrième. Paris: E. Houdaille, 1836. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Biographie universelle ou Dictionnaire Historique des hommes qui se sont fait un nom par leur génie, leurs talents, leurs vertus, leurs erreurs ou leurs crimes. Tome II. Paris : J. Leroux, Jouby et Ce, 1848. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Biographie universelle ou Dictionnaire Historique des hommes qui se sont fait un nom par leur génie, leurs talents, leurs vertus, leurs erreurs ou leurs crimes. Supplément depuis 1830 jusqu'en 1856 par M. J. Le Glay. Paris : Leroux et Jouby & Gaume Frès, 1856. Disponível em http://books.google.com.br

_____. Biographie Universelle des hommes qui sont fait un nome par leur génie, leurs talents, leurs vertus, leurs erreurs ou leurs crimes. Tome Deuxième. BO-CL. Paris : J. B. Pélagaud, 1860. Disponível em http://books.google.com.br

GLAIRE, Jean-Baptiste. Dictionnaire universel des sciences ecclésiastiques. Tome Premier A-J. Paris : Poussielgue Frères, 1868. Disponível em http://books.google.com.br

HOEFER, Jean Chrétien Ferdinand. Biographie générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nous jours, avec le renseignements bibliographiques et l'indication des sources a consulter. Tome Trente-Septieme. Paris : Firmin Didot Frères et Cie, 1863. Disponível em http://books.google.com.br

JULIAN, Pierre Louis Pascal de. Galerie historique des contemporains, ou Nouvelle Biographie. Seconde édition. Tome septième. Bruxelles : Aug. Wahlen et Comp, 1822. Disponível em http://books.google.com.br

Le cicerone de Versailles, ou l'indicateur des objets curieux de cette ville. Nouvelle

édition, augmentée et revue avec soin ; enrichie du Plan de Versailles, et de quatre Gravures représentant les principales parties du Château. Versailles : I. Jacob, 1815. Disponível em http://books.google.com.br

RICH, Obadiah. Bibliotheca Americana Nova; or, A Catalogue of Books in various languages, relating to America, printed since the year 1700. London: O. Rich; New York: Harper and Brothers, 1835. Disponível em http://books.google.com.br

SILVA, Innocencio Francisco da. Diccionario Bibliographico Portuguez. Tomo Sexto. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1862.

175

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Ana Cristina. "Um Império, um Reino e uma Monarquia na América: as vésperas da Independência do Brasil". In: István Jancsñ (org.). Independência: História e Historiografia. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2005. pp. 235-270.

ARAUJO, Valdei Lopes de. História dos conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade ibérica. Almanack Brasiliense. no 07. Maio. 2008. pp. 47-55. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

_____. A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Hucitec, 2008.

ARENDT, Hannah. Da Revolução. São Paulo: Ática, 1990 AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental.

São Paulo: Perspectiva, 2009

BADINTER, Elisabeth. As paixões intelectuais – Desejo de glória (1735-1751). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BANN, Stephen. "The historian as taxidermist: Ranke, Barante, Waterton". In: E. S. Shaffer (ed.). Comparative Criticism. A Yearbook. Volume 3. Cambridge: CUP, 1981.

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BÉDARIDA, François. « Le temps présent et l"historiographie contemporaine ». In : Vingtième Siècle. Revue d'histoire. No 69, janvier-mars 2001. pp. 153-160. Disponível em http://www.persee.fr

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7a edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERBEL, Márcia Regina. A nação como artefato – deputados do Brasil nas cortes portuguesas (1821-1822). São Paulo: Hucitec, 1999.

BLOCH, Marc. Apologia da História, ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. « Critique historique et critique du témoignage ». In : Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 5e année, N. 1, 1950. pp. 1-8. Disponível em http://www.persee.fr

BOUQUIN, Maurice. Histoire de la Sainte-Alliance. Genève : Librairie de l"Université Georg et Cie, 1954.

BOURDÉ, Guy & Hervé Martin. Les écoles historiques. Paris : Seuil, 1997.

BOUZA, Fernando. Corre Manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro. Madri: Marcial Pons, 2001.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. How to write the history of the New World? Histories, epistemologies, and identities in the Eighteenth-Century Atlantic World. Stanford: SUP, 2001.

CARBONELL, Charles-Olivier. «Les origines de l"État moderne: les traditions historiographiques françaises (1820-1990). In : Visions sur le développement des État européens. Théories et historiographies des l'État moderne. Actes du colloque de Rome (18-31 mars 1990). Rome : École Française de Rome, 1993. pp. 297-312. Disponível em http://www.persee.fr

CARELLI, Mario. Culturas Cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil. Campinas: Papirus, 1994.

CARRARO, Elaine Cristina. O Instituto Histórico de Paris e a regeneração moral da sociedade. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. "Histñria intelectual no Brasil: a retñrica como chave de leitura". In: Topoi. Rio de Janeiro, no1. pp. 123-152.

CÉSAR, Guilhermino (org.). Historiadores e Críticos do Romantismo. 1. A contribuição européia: crítica e história literária. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Edusp, 1978.

CEZAR, Temístocles. "Entre antigos e modernos: a escrita da histñria em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem". In: Almanack Braziliense. São Paulo, no 11, mai. 2010, p. 25-33. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

CHARTIER, Roger. "Prefácio. A propriedade e o privilégio". In : Denis Diderot. Carta sobre o comércio do livro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHIARAMONTE, José Carlos. Nación y Estado em Iberoamérica. El lenguage político em tiempos de las independências. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

COMPAGNON, Antoine. « Théorie du lieu commun ». In : Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 1997, No 49. pp. 23-37. Disponível em http://www.persee.fr

CONTAMINE, Philippe. « Le Moyen Âge romantique et libéral d"Augustin Thierry ». In : Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 139e année, N. 4, 1995. pp. 969-981. Disponível em http://www.persee.fr

COSTA, Wilma Peres. "Entre tempos e mundos: Chateaubriand e a outra América". In: Almanack Braziliense. São Paulo, no 11, p. 5-25, mai. 2010. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

CROSSLEY, Ceri. "History as a principle of legitimation in France (1820-1848)". In: Stefan Berger, Mark Donovan and Kevin Passmore (Ed.). Writing National Histories: Western Europe since 1800. London: Routledge, 1999.

DARNTON, Robert. Os best-sellers proibidos da França Pré-Revolucionária. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DELACROIX, Christian, François Dosse & Patrick Garcia. Les courants historiques en France : 19e-20e siècle. Paris: Armand Colin, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Aspectos da Ilustração no Brasil". In: A Interiorização da Metrópole e outros estudos. São Paulo: Alameda, 2005.

_____. O fardo do homem branco. Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

DOSSE, François. « Le moment Ricoeur ». In : Vingtième Siècle. Revue d'histoire. No 69, janvier-mars 2001. pp. 137-152. Disponível em http://www.persee.fr

EHRARD, Jean. « L"histoire revisitée par la Révolution. Condorcet et Volney ». In : Mélanges de l'École Française de Rome. Italie et Méditerranée. T. 108, no 2. 1996. pp. 445-456. Disponível em http://www.persee.fr

FONTANA, Josep. A Europa diante do Espelho. Bauru: EDUSC, 2008. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.

São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FURET, François. « De l"homme sauvage à l"homme historique : l"expérience américaine dans la culture française ». In : Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 33e année, N. 4, 1978. pp. 729-739. Disponível em http://www.persee.fr

_____. A Revolução em Debate. Bauru: Edusc, 2001.

GAUCHET, Marcel.«Les Lettres sur l"Histoire de France d"Augustin Thierry: l"aliance austère du patriotisme et de la science ». In : Pierre Nora (dir.). Les Lieux de Mémoire – II La Nation *. Paris : Gallimard, 1986.

GRAFTON, Anthony. Faussaires et Critiques. Créativité et duplicité chez les érudits occidentaux. Paris : Les Belles Lettres, 1993.

_____. As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papirus, 1998.

_____. « De polyhistor en philologue ». In : Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 135, décembre 2000. pp. 25-38. Disponível em http://www.persee.fr

_____. What was history? The Art of History in Early Modern

Europe. Cambridge: CUP, 2007. GUERRA, François-Xavier. Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispânicas. México: FCE, 1993.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da Imediata Proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). Rio de Janeiro. R. IHGB, 156 (388), jul-set., 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. "Nação e Civilização nos Trñpicos: o Instituto Histñrico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma Histñria Nacional". In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

_____. Manoel Luiz Salgado Guimarães. "Escrever a histñria, domesticar o passado". In: História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações. Antonio Herculano Lopes, Monica Pimenta Veloso e Sandra Jatahy Pesavento (orgs.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____. "Escrever a histñria, domesticar o passado". In: História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações. Antonio Herculano Lopes, Monica Pimenta Veloso e Sandra Jatahy Pesavento (orgs.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____. "A disputa pelo passado na cultura histñrica oitocentista no Brasil". In: José Murilo de Carvalho (org.). Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUINZBURG, Carlo. O fio e os rastros : verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Relações de Força: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Modernização dos sentidos. São Paulo: Editora 34, 1998. _____. Em 1926: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HARDMAN, Francisco Foot. A vingança da Hileia. Euclides da Cunha, a Amazônia

e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARTOG, François. « L‟oeil de l‟historien et la voix de l‟histoire ». In : Comunications, 43, 1986. pp. 55-69. Disponível em http://www.persee.fr

_____. «Temps et histoire. „Comment écrire l‟histoire de France ?‟ ». In : Annales. Histoire, Sciences Sociales. 50e année, n. 6, 1995. pp. 1219- 1236. Disponível em http://www.persee.fr

_____. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação
do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. _____. Régimes d'historicité : présentisme et expériences du

temps. Paris : Seuil, 2003. _____. Os antigos, o passado e o presente. Brasília: Editora

Universidade de Brasília, 2003.

HOBSBAWM, Eric J.. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito, realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JANCSÓ, István. "A sedução da liberdade: cotidiano e contestação política no final do século XVIII". In: Laura de Melo e Souza (org.). História da Vida Privada no Brasil. Vol. 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. "Independência, Independências". In: Independência: História e Historiografia. São Paulo: Hucitec, 2005.

JASMIN, Marcelo Gantus. Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política. Belo Horizonte: Editora UFMG: IUPERJ, 2005.

KANTOR, Iris. Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759). São Paulo: Hucitec; Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da UERJ, 1999.

_____. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KRAAY, Hendrik. "A visão dos estrangeiros: a Independência do Brasil (1780-1850) na historiografia européia e norte-americana". In: István Jancsñ (org.) Independência: História e Historiografia. São Paulo: Hucitec, 2005.

KRIEGEL, Blandine. L'histoire à l'Age Classique – II. La défaite de l'érudition. Paris : Quadrige/PUF, 1988.

LACOSTE, Francis. « L‟Orient de Flaubert ». In: Romantisme, 2003, no 119. pp. 73-84. Disponível em http://www.persee.fr

LECLANT, Jean. « La modification d‟un regard (1787-1826) : du Voyage en Syrie et en Égypte de Volney au Louvre de Champollion ». In : Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 131e année, N. 4, 1987. pp. 709-729. Disponível em http://www.persee.fr

LIMA, Luiz Costa. O controle do imaginário: razão e imaginação no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. História. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUCAS-DUBRETON, Jean. Napoleon. Paris: Hachette, 1960.

MEDEIROS, Bruno Franco & Valdei Lopes de Araujo. A história de Minas como história do Brasil. Revista do Arquivo Público Mineiro. Ano XLIII. No1, Jan/Jun de 2007.

MARIN, Louis. « Pouvoir du récit et récit du pouvoir ». In : Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 25, janvier 1979. pp. 23-43. Disponível em http://www.persee.fr

MARTIN, Jean-Clément. « A propos du „génocide vendéen‟. Du recours à la legitimité de l‟historie ». In : Sociétés Contemporaines (2000) no 39. pp. 23-38. Disponível em http://www.persee.fr

MATTOS, Selma Rinaldi de. Para formar os brasileiros. O Compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Problèmes d'historiographie ancienne et moderne. Paris : Gallimard, 1983.

_____. As raízes clássicas da historiografia moderna. Bauru: EDUSC, 2004.

MOREL, Marco."Independência no papel: a imprensa periñdica". In: István Jancsñ (org.). Independência: História e Historiografia. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2005.

_____. As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. "Mediações em tempos híbridos: entre pátrias e revoluções". In : Almanack Braziliense. São Paulo, no 11, p. 34-38, mai. 2010. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

MOSS, Ann. Les recueils de lieux communs: aprendre a penser à la renaissance. Genève: Droz, 2002.

MOTA, Isabel Ferreira da. A Academia Real da História: os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no século XVIII. Coimbra: Minerva, 2003.

NETO, José Alves de Freitas Neto. Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana. São Paulo: Annablume, 2003.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. "A histñria para uso da mocidade brasileira". In: José Murilo de Carvalho (org.). Nação e Cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NICOLAZZI, Fernando. "Entre „letras & armas", a histñria como disputa. Considerações sobre a historiografia luso-brasileira no século XVIII". Almanack Braziliense. São Paulo, no11, p. 40-51, mai. 2010. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

NICOLET, Claude. « L"Institut des idéologues ». In : Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée. T. 108, No 2. 1996. pp. 659-676. Disponível em http://www.persee.fr

NOVAIS, Fernando A. Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808). Sétima edição. São Paulo: Hucitec, 2001.

PADILLA, Guillermo Zermeño. "Histñria, experiência e modernidade na América Ibérica, 1750-1850". In: Almanack Braziliense, no 07. Maio 2008. pp. 5-25. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

PAYEN, Pascal. « Discours historique et structures narratives chez Hérodote ». In : Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 45e année, N. 3, 1990. pp. 527-550. Disponível em http://www.persee.fr

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. A máquina da memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo. Bauru: Edusc, 2009.

PIMENTA, João Paulo G. e István Jancsó. "Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)". In: Carlos Guilherme Mota (org.). Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Senac, 2000.

PIMENTA, João Paulo G. e Valdei Lopes de Araujo. "Histñria". In: João Feres Junior (org.). Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PIMENTA, João Paulo G. Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808- 1828). São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Brasil y las Independencias de Hispanoamerica.

Castelló de La Plana: Publicacions de La Universitat Jame I, 2007.

_____. "De Raynal a De Pradt: apontamentos para um estudo da idéia de emancipação da América e sua leitura no Brasil". Almanack Braziliense. São Paulo, no 11, p. 88-99, mai. 2010. Disponível em http://www.brasiliana.usp.br/almanack

POCOCK, J. G. A. Barbarism and Religion. Volume 1. The Enlightenment of Edward Gibbon, 1737-1764. Cambridge: CUP, 1999.

182

_____.Linguagens do ideário político. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. Barbarism and Religion: Barbarians, Savages and Empires. Volume Four. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PIRENNE, Jacques-Henri. « L"union des deux natures politique et mystique du Pacte de la Sainte Alliance ». In : Revue belge de philologie et d'histoire. Tome 56. Fasc. 2, 1978. Histoire (depuis l"Antiquité) – Geschiedenis (sedert de Oudheid). pp. 399-409. Disponível em http://www.persee.fr

POMIAN, Krzysztof. « L"histoire de la science et l"histoire de l"histoire ». In : Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 30e année, N. 5, 1975. pp. 935-952. Disponível em http://www.persee.fr

RICOTTA, Lúcia. Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROCHE, Daniel. « Académies et académisme : le modèle français au XVIIIe siècle ». In : Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée T. 108, No 2. 1996. pp. 643-658. Disponível em http://www.persee.fr

RODRIGUES, José Honório. Teoria da História do Brasil: introdução metodológica. 5a Ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1978.

ROMILLY, Jacqueline de. História e razão em Tucídides. Brasília: Ed. UNB, 1998
ROUANET, Maria Helena. Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma

literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

SANGSUE, Daniel. « Compte-reundu. Charles Nodier. Questions de littérature légale. Du plagiat, de la supposition d"auteurs, des supercheries qui ont rapport aux livres ». In : Romantisme, 2003. pp. 149-150. Disponível em http://www.persee.fr

SANTOS, Cristiane Alves Camacho dos. Escrevendo a História do Futuro: a leitura do passado no processo de Independência do Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,

2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Ana Rosa Cloclet da. Inventando a Nação: Intelectuais Ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822). São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2006.

SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. Poder e episteme na erudição histórica do Portugal setecentista: uma abordagem do programa historiográfico da Academia Real da História Portuguesa (1720). História da Historiografia. Ouro Preto. número 03. Setembro. 2009. pp. 204-215. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/rhh

183

SINKEVISQUE, Eduardo. "Com Furores de Marte e com Astúcias de Mercúrio: o Dell'Arte Historica (1636) de Agostino Marcardi". In: Topoi, v. 7, n. 13, jul.-dez. 2006. pp. 331-378.

SMITH, Anthony D. "Invention and imagination". In: Nationalism and Modernism. A critical survey of recent theories of nation and nationalism. New York: Routledge, 1998.

SOUZA, Roberto Acízelo de. O império da eloqüência. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VARELLA, Flávia Florentino. "Sine ira et Studio: retórica, tempo e verdade na historiografia de Tácito". In: História da Historiografia. Número 1. Agosto. 2008. pp. 71-87. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/rhh

VENTURA, Roberto. "Leituras de Raynal e a ilustração na América Latina". In: Estudos Avançados. Vol. 2. No 3. São Paulo. Setembro/Dezembro, 1988, pp. 40-51.

VILLALTA, Luiz Carlos. "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura". In: Laura de Melo e Souza (org.). História da Vida Privada no Brasil. Vol. 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pp. 331- 385.

VOUILLOT, Bernard. « La Révolution et l"Empire : une nouvelle réglementation ». In : Jean-Henri Martin et Roger Chartier (orgs.). Histoire de l'édition française. Tome II. Le livre triomphant (1660-1830). Paris: Promodis, 1984. Disponível em http://www.persee.fr

WASSERMAN, Fabio. "La historia como concepto y como práctica: conocimiento histñrico en el Rio de la Plata". In: História da Historiografia. Ouro Preto. número 4, setembro 2010. pp. 15-36. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/rhh

WEHLING, Arno. Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.